

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

Ariane de Fatima Escobar Rossi Niederauer

**O PAPEL DO ENGAJAMENTO NA CONSTRUÇÃO DO DISCURSO
SOBRE PRIVATIZAÇÃO EM NOTÍCIAS ACERCA DA POLÊMICA DE
ADESÃO DE HOSPITAIS UNIVERSITÁRIOS FEDERAIS À EBSEH**

Santa Maria, RS
2017

Ariane de Fatima Escobar Rossi Niederauer

**O PAPEL DO ENGAJAMENTO NA CONSTRUÇÃO DO DISCURSO SOBRE
PRIVATIZAÇÃO EM NOTÍCIAS ACERCA DA POLÊMICA DE ADESÃO DE
HOSPITAIS UNIVERSITÁRIOS FEDERAIS À EBSEERH**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Doutor em Letras**.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sara Regina Scotta Cabral

Santa Maria, RS
2017

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Niederauer, Ariane de Fatima Escobar Rossi

O papel do engajamento na construção do discurso sobre privatização em notícias acerca da polêmica de adesão de Hospitais Universitários Federais à EBSEH / Ariane de Fatima Escobar Rossi Niederauer.- 2017.

173 p.; 30 cm

Orientadora: Sara Regina Scotta Cabral

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, RS, 2017

1. Discurso da mídia 2. Engajamento 3. Privatização 4. EBSEH I. Cabral, Sara Regina Scotta II. Título.

© 2017

Todos os direitos autorais reservados a Ariane de Fatima Escobar Rossi Niederauer. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.

E-mail: arianerossi@yahoo.com.br

Ariane de Fatima Escobar Rossi Niederauer

**O PAPEL DO ENGAJAMENTO NA CONSTRUÇÃO DO DISCURSO SOBRE
PRIVATIZAÇÃO EM NOTÍCIAS ACERCA DA POLÊMICA DE ADESÃO DE
HOSPITAIS UNIVERSITÁRIOS FEDERAIS À EBSEERH**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Doutor em Letras**.

Aprovado em 12 de dezembro de 2017:



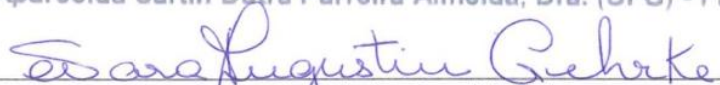
Sara Regina Scotta Cabral, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)



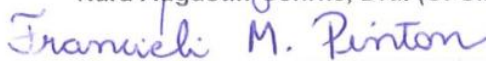
Magda Bahia Schlee, Dra. (UERJ) - Parecer



Fabiola Aparecida Sartin Dutra Parreira Almeida, Dra. (UFG) - Parecer



Nara Augustin Gehrke, Dra. (UFSM)



Francieli Matzembacher, Dra. (UFSM)

AGRADECIMENTOS

À Deus por ser meu refúgio seguro, iluminando meus passos e meus pensamentos;

À Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), instituição que tem me proporcionado inúmeras oportunidades desde 2004, quando ingressei no curso de Letras-Inglês, até os dias atuais, como servidora técnico-administrativa e doutoranda do PPGL;

À professora Sara que me acolheu, me orientou e me deixou à vontade para explorar novas perspectivas, novas formas de pensar e de agir. Meu sincero agradecimento a essa pessoa e profissional excelente que, acima de tudo, possui uma qualidade que vem se perdendo nos dias de hoje, a empatia;

Aos colegas e professoras do NELP, em especial às professoras Sara e Cristiane, pela acolhida e pelas inúmeras discussões em grupo que tivemos, ao longo desses três anos de convivência e parceria, e que foram muito importantes para uma melhor compreensão da LSF e da Linguística Aplicada, como um todo;

Aos funcionários e à coordenação do PPGL, em especial ao Jandir, que sempre estiveram à disposição para prestar esclarecimentos e auxílio aos alunos no que fosse necessário;

Ao meu parceiro e amor, Mauricio, pelo apoio de sempre, pela compreensão nas horas em que estive ausente, pela parceria para ficar em casa sem reclamar das privações da vida social, principalmente, nos últimos meses.

Aos meus pais, Neuza e Ari, pela educação familiar que recebi, e à minha irmã, Cristiane, que, além de ser uma grande incentivadora dos meus estudos, sempre foi uma grande amiga e meu deu os melhores presentes que eu poderia receber, a Érica e a Íris.

À querida colega Glivia, que tem sido uma parceira de estudos, mesmo antes de ingressarmos juntas no doutorado no PPGL e, depois, durante as disciplinas, trabalhos regados a muito chimarrão e conversas descontraídas, sempre me

alertando sobre prazos a serem cumpridos e detalhes, a fim de que tudo ficasse “certinho”.

Às colegas da Secretaria de Apoio Internacional (SAI), em especial à Dani e à Amy, pelo apoio e compreensão nas horas em que precisei me ausentar para cumprir tarefas do doutorado.

Ao amigo e colega de UFSM, Carlos Vargas, pela disponibilidade em revisar a formatação do texto desta tese.

Aos colegas “Illuminati”, Eliseu, Daiane, Cristiane e Glivia, pelas trocas de experiência durante as disciplinas cursadas, pelas discussões, pelas horas “muito divertidas” e, nos últimos meses, pela torcida, mesmo sem estarmos tão presentes um na vida do outro.

Aos amigos que, de perto ou de longe, estiveram sempre torcendo pela realização dos meus objetivos acadêmicos, compreendendo minha ausência, mas que, ainda assim, me proporcionaram horas de descontração e alegria, tornando a “missão doutorado” muito mais leve.

RESUMO

O PAPEL DO ENGAJAMENTO NA CONSTRUÇÃO DO DISCURSO SOBRE PRIVATIZAÇÃO EM NOTÍCIAS ACERCA DA POLÊMICA DE ADESÃO DE HOSPITAIS UNIVERSITÁRIOS FEDERAIS À EBSEH

AUTORA: Ariane de Fatima Escobar Rossi Niederauer
ORIENTADORA: Sara Regina Scotta Cabral

No atual cenário de crise político-econômica vivida no Brasil, neste ano de 2017, a privatização apresenta-se com um dos grandes temas que geram polêmica na atualidade (GEE, 2007) e uma das alternativas encontradas pelos governos para tentar obter maior racionalidade administrativa, eficiência operacional e redução de custos. Nesse contexto, a sociedade se vê cada vez mais influenciada pela mídia, que torna-se um veículo com poder persuasivo, influenciando as crenças, os valores, as relações e as identidades sociais (FAIRCLOUGH, 1995), já que a tomada de posicionamentos é quase que imposta à população. No ano de 2011, o lançamento da Medida Provisória (MP) 520, que criou a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSEH), visando à reestruturação dos Hospitais Universitários Federais (HUFs), gerou um grande debate na mídia. A polêmica gira em torno da implantação da EBSEH nos HUFs, pois apesar de ser pública, a empresa possui capital privado e a comunidade teme que a adesão seja sinônimo de privatização. Partindo desse contexto, o objetivo geral do presente estudo é investigar em que medida as marcas linguísticas de engajamento convocadas pelos jornalistas concorrem para a atribuição de vozes nos discursos sobre privatização em notícias acerca da polêmica da nova gestão de HUFs pela EBSEH. O *corpus* da pesquisa é composto por 187 notícias de quatro regiões brasileiras: Sudeste, Nordeste, Sul e Centro-Oeste, coletadas no sítio eletrônico Guia de Mídia, entre os anos de 2011 e 2016. Identificamos 1.269 ocorrências de engajamento-atribuição, conforme categorias do Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005), que foram divididas por região, por cidade, por universidade e, em seguida, classificadas de acordo com as seguintes categorias léxico-gramaticais, que também nortearam a análise: 1) vozes e seus posicionamentos e 2) processos empregados (CALDAS-COULTHARD, 1994; HALLIDAY, MATTHIESSEN, 2014), modos de projeção (citação, relato, circunstância de ângulo e citação evocada) e tipo de engajamento-atribuição (reconhecimento ou distanciamento) (MARTIN; WHITE, 2005). Os resultados mostram que há uma abertura ilusória do espaço dialógico ou uma contração mascarada de expansão (MARCUIZZO, 2011; SCHERER, 2013), pois os jornalistas das notícias convocam algumas vozes e praticamente excluem outras, não abrindo o espaço dialógico para posicionamentos alternativos. A escolha das fontes e seus posicionamentos, dos expoentes léxico-gramaticais e, conseqüentemente, o predomínio do emprego do reconhecimento pelos jornalistas refletem diferentes alinhamentos desses autores em cada região analisada, a fim de se solidarizar com os leitores presumidos.

Palavras-chave: Discurso da mídia. Engajamento. Privatização. EBSEH.

ABSTRACT

THE ROLE OF ENGAGEMENT IN THE CONSTRUCTION OF DISCOURSE ABOUT PRIVATIZATION IN NEWS ON THE CONTROVERSY OF FEDERAL UNIVERSITY HOSPITALS' ADHESION TO EBSEH

AUTHOR: ARIANE DE FATIMA ESCOBAR ROSSI
ADVISOR: SARA REGINA SCOTTA CABRAL

In the current scenario of political and economical crisis witnessed in Brazil, this year of 2017, the privatization comes as one of the big issues which causes controversy nowadays (GEE, 2007) and one of the alternatives found by governments to obtain more administrative rationality, operational efficiency and cost-cutting. In this context, society is increasingly more and more influenced by media, which becomes a medium with strong persuasive power, influencing beliefs, values, relationships and social identities (FAIRCLOUGH, 1995), as taking positions is almost imposed to people. In the year of 2011, the launched of the Provisional Measure (MP) 520, which created the Brazilian Hospital Services Company (EBSEH), aiming to restructuring the University Federal Hospitals (HUFs), caused a big debate in the media. The controversy is centered on the EBSEH's deployment in the HUs, because, although the company is considered public, it has a private capital and the community fears that the adherence could be the synonym of privatization. From this context, the objective of this study is to investigate to what extent the linguistic marks of engagement convoked by the journalists concur for the attribution of voices in discourses about privatization in news on the controversy of the administration of HUFs by EBSEH. The *corpus* of this research is formed by 187 news from four Brazilian regions: Southeast, Northeast, South and Center-West, gathered from the website Guia de Mídia, between 2011 and 2016. We identified occurrences of engagement-attribution, based on the categories of the Appraisal System (MARTIN; WHITE, 2005), that were divided by region, city, university and, then, classified according to the following lexical-grammar categories which also guided the analysis: 1) voices and their positioning and 2) employed processes (CALDAS-COULTHARD, 1994; HALLIDAY, MATTHIESSEN, 2014), ways of projection (quote, report, angle circumstance and evoked quote) and type of engagement-attribution (MARTIN; WHITE, 2005). The results show that there is a contraction masked of expansion, because the journalists convoke some voices and almost exclude others, not opening the dialogical space to alternative positioning. The choice of sources and its positioning, of the lexical-grammar exponents and, consequently, the predominance of the use of acknowledge by journalists reflect different alignments of theses authors in each region, in order to achieve solidarity in relation to the putative readers.

Key-words: Media discourse. Engagement. Privatization. EBSEH.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A máquina midiática e seus três lugares de construção do sentido	34
Figura 2 – Mapa estratégico EBSEH 2015-2016	58
Figura 3 – Clientes da EBSEH.....	59
Figura 4 – IFES com Hospitais Universitários Federais	60
Figura 5 – Organização da linguagem em estratos.....	62
Figura 6 – Estratificação dos planos comunicativos (linguístico e contextual)	63
Figura 7 – Tipos de processos nas orações.....	69
Figura 8 – Estratos da linguagem.....	82
Figura 9 – Um panorama dos recursos avaliativos	85
Figura 10 – Engajamento: contração e expansão	88
Figura 11 – Contração dialógica: refutação e ratificação	90
Figura 12 – Recursos de refutação: negação e contra expectativa.....	91
Figura 13 – Recursos de ratificação: confirmação de expectativa, endosso e pronunciamento.....	92
Figura 14 – Expansão dialógica: entretenimento e atribuição	93
Figura 15 – Recursos de atribuição: reconhecimento e distanciamento	95
Figura 16 – Subsistema de engajamento: recursos e categorias.....	97

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Verbos que realizam processos verbais.....	72
Quadro 2 – Verbos de relato	76
Quadro 3 – Número de notícias por região, cidade, estado e universidade.....	103
Quadro 4 – Código e referência dos textos que compõem o <i>corpus</i> da região Sudeste.....	105
Quadro 5 – Código e referência dos textos que compõem o <i>corpus</i> da região Nordeste.....	107
Quadro 6 – Código e referência dos textos que compõem o <i>corpus</i> da região Sul.....	108
Quadro 7 – Código e referência dos textos que compõem o <i>corpus</i> da região Centro-Oeste.....	109
Quadro 8 – Número de notícias e ocorrências de engajamento-atribuição no <i>corpus</i>	114
Quadro 9 – Ocorrências de vozes e seus posicionamentos no <i>corpus</i>	117
Quadro 10 – Processos mais recorrentes no <i>corpus</i>	119
Quadro 11 – Modos de projeção presentes no <i>corpus</i>	121
Quadro 12 – Ocorrências de engajamento-atribuição: distanciamento e reconhecimento no <i>corpus</i>	121
Quadro 13 – Vozes e seus posicionamentos no <i>corpus</i> da região Sudeste	124
Quadro 14 – Processos mais recorrentes no <i>corpus</i> da região Sudeste	127
Quadro 15 – Modos de projeção no <i>corpus</i> da região Sudeste	129
Quadro 16 – Ocorrências de engajamento-atribuição no <i>corpus</i> da região Sudeste.....	130
Quadro 17 – Vozes e seus posicionamentos no <i>corpus</i> da região Nordeste.....	132
Quadro 18 – Processos mais recorrentes no <i>corpus</i> da região Nordeste.....	135
Quadro 19 – Modos de projeção no <i>corpus</i> da região Nordeste.....	138
Quadro 20 – Ocorrências de engajamento-atribuição no <i>corpus</i> da região Nordeste.....	139
Quadro 21 – Vozes e seus posicionamentos no <i>corpus</i> da região Sul	142
Quadro 22 – Processos mais recorrentes no <i>corpus</i> da região Sul	145
Quadro 23 – Modos de projeção no <i>corpus</i> da região Sul	147
Quadro 24 – Ocorrências de engajamento-atribuição no <i>corpus</i> da região Sul.....	149
Quadro 25 – Vozes e seus posicionamentos no <i>corpus</i> da região Centro-Oeste...	151
Quadro 26 – Processos mais recorrentes no <i>corpus</i> da região Centro-Oeste.....	154
Quadro 27 – Modos de projeção no <i>corpus</i> da região Centro-Oeste.....	156
Quadro 28 – Ocorrências de engajamento-atribuição no <i>corpus</i> da região Centro-Oeste.....	157

LISTA DE SIGLAS

ACD	– Análise Crítica do Discurso
ADUFS	– Associação dos Docentes da UFS
AL	– Alagoas
Assufsm	– Associação de Servidores da Universidade Federal de Santa Maria
BA	– Bahia
BBB	– Big Brother Brasil
C	– Contra
CE	– Ceará
CHC	– Complexo de Hospitais de Clínicas
CLT	– Consolidação das Leis do Trabalho
CNPq	– Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CO	– Centro–Oeste
HUPES	– Hospital Universitário Professor Edgard Santos
EBSERH	– Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares
ES	– Espírito Santo
F	– Favorável
FURG	– Universidade Federal do Rio Grande do Sul
GRPesq	– Grupo de Pesquisa
GSF	– Gramática Sistemico-Funcional
HC	– Hospital das Clínicas
HE	– Hospital Escola
HESFA	– Hospital Escola São Francisco de Assis
HRL	– Hospital Regional de Lagarto
HU	– Hospital Universitário
HUAB	– Hospital Universitário Ana Bezerra
HUAC	– Hospital Universitário Alcides Carneiro
HUAP	– Hospital Universitário Antônio Pedro
HUB	– Hospital Universitário de Brasília
HUCAM	– Hospital Universitário Cassiano Antônio Moraes
HUCFF	– Hospital Universitário Clementino Fraga Filho
HUFs	– Hospitais Universitários Federais
HUGG	– Hospital Universitário Gaffrée Guinle
HUJB	– Hospital Universitário Júlio Maria Bandeira de Mello
HULW	– Hospital Universitário Lauro Wanderley
HUMAP	– Hospital Universitário Maria Aparecida Pedrossian
HUOL	– Hospital Universitário Onofre Lopes
HUPAA	– Hospital Universitário Professor Alberto Antunes
HUSM	– Hospital Universitário de Santa Maria
HUWC	– Hospital Universitário Walter Cantídio
IDT	– Instituto de Doenças do Tórax
IFES	– Instituições Federais de Ensino Superior
IG	– Instituto de Ginecologia
INDC	– Instituto de Neurologia Deolindo Couto
IPPMG	– Instituto Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira
IPUB	– Instituto de Psiquiatria
LSF	– Linguística Sistemico-Funcional
MA	– Maranhão

ME	– Maternidade Escola
MEAC	– Maternidade Escola Assis Chateaubriand
MEC	– Ministério da Educação
MCO	– Maternidade Climério de Oliveira
MEJC	– Maternidade Escola Januário Cicco
MVFA	– Maternidade Victor Ferreira do Amaral
MG	– Minas Gerais
MPFDF	– Ministério Público do Distrito Federal
NE	– Nordeste
PB	– Paraíba
PC	– Popularização da Ciência
PE	– Pernambuco
PI	– Piauí
POA	– Porto Alegre
PPGL	– Programa de Pós-Graduação em Letras
PR	– Paraná
Rehuf	– Reestruturação dos Hospitais Universitários Federais
RJ	– Rio de Janeiro
RN	– Rio Grande do Norte
RS	– Rio Grande do Sul
SC	– Santa Catarina
SE	– Sergipe
SE	– Sudeste
SP	– São Paulo
SPE	– Sem Posicionamento Explícito
S	– Sul
SUS	– Sistema Único de Saúde
TCU	– Tribunal de Contas da União
UF	– Universidade Federal
UFAL	– Universidade Federal de Alagoas
UFBA	– Universidade Federal da Bahia
UFCG	– Universidade Federal de Campina Grande
UFES	– Universidade Federal do Espírito Santo
UFF	– Universidade Federal Fluminense
UFJF	– Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMA	– Universidade Federal do Maranhão
UFPB	– Universidade Federal da Paraíba
UFPE	– Universidade Federal de Pernambuco
UFPEL	– Universidade Federal de Pelotas
UFPI	– Universidade Federal do Piauí
UFPR	– Universidade Federal do Paraná
UFRJ	– Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	– Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFS	– Universidade Federal do Sergipe
UFSC	– Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCar	– Universidade Federal de São Carlos
UFSM	– Universidade Federal de Santa Maria
UFTM	– Universidade Federal do Triângulo Mineiro
UFU	– Universidade Federal de Uberlândia
Unirio	– Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	19
	CAPÍTULO 1 – DISCURSO DA MÍDIA	25
1.1	MÍDIA E DISCURSO	25
1.2	GÊNEROS DISCURSIVOS	36
1.3	GÊNERO NOTÍCIA	38
1.3.1	Discurso reportado em notícias	44
	CAPÍTULO 2 – PRIVATIZAÇÃO X EBSERH	49
2.1	PRIVATIZAÇÃO	49
2.1.1	Empresa pública	51
2.1.2	Empresa de capital misto	52
2.1.3	Empresa privada	53
2.2	EBSERH	55
	CAPÍTULO 3 – LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL	61
3.1	LINGUAGEM, METAFUNÇÕES, SISTEMAS	61
3.1.1	Metafunção ideacional	68
3.1.1.1	<i>Função experiencial: sistema de transitividade</i>	68
3.1.1.1.1	Orações verbais e mentais	71
3.1.1.2	<i>Função lógica: relações lógico-semânticas</i>	77
3.1.1.2.1	Relação lógico-semântica de projeção	79
3.2	SISTEMA DE AVALIATIVIDADE	80
3.2.1	Subsistema de engajamento	85
3.2.1.1	<i>Atribuição</i>	93
	CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA	99
4.1	PESQUISA QUALITATIVA E ESTUDO DE CASO	99
4.2	UNIVERSO DE ANÁLISE	100
4.3	CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DO <i>CORPUS</i>	101
4.4	PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS	104
4.4.1	Procedimentos para investigação contextual	110
4.4.2	Categorias e procedimentos para investigação textual	110
	CAPÍTULO 5 – RESULTADOS E DISCUSSÃO	113
5.1	RESULTADOS GERAIS: UM PANORAMA	114
5.2	REGIÃO SUDESTE	122
5.2.1	Ocorrências de vozes e seus posicionamentos	123
5.2.2	Análise de processos, de modos de projeção e de ocorrências de engajamento-atribuição	126
5.3	REGIÃO NORDESTE	131
5.3.1	Ocorrências de vozes e seus posicionamentos	132
5.3.2	Análise de processos, de modos de projeção e de ocorrências de engajamento-atribuição	135
5.4	REGIÃO SUL	141
5.4.1	Ocorrências de vozes e seus posicionamentos	142
5.4.2	Análise de processos, de modos de projeção e de ocorrências de engajamento-atribuição	145
5.5	REGIÃO CENTRO-OESTE	151
5.5.1	Ocorrências de vozes e seus posicionamentos	151
5.5.2	Análise de processos, de modos de projeção e de ocorrências de engajamento-atribuição	154

CONSIDERAÇÕES FINAIS, LIMITAÇÕES DO ESTUDO E SUGESTÕES PARA PESQUISAS FUTURAS.....	161
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	167

INTRODUÇÃO

Em uma sociedade cada vez mais influenciada pela mídia e em um contexto sociopolítico onde a tomada de posicionamentos é quase que imposta à população, o discurso da mídia, representada pelos meios de comunicação impresso e eletrônico, torna-se um veículo com poder persuasivo e, portanto, influencia as crenças, os valores, as relações e as identidades sociais (FAIRCLOUGH, 1995¹). A análise da linguagem midiática deveria ser reconhecida como um importante elemento nas pesquisas sobre processos contemporâneos de mudança cultural e social, um tema que tem atraído o interesse crescente nas ciências sociais (FAIRCLOUGH, 1995), e também nos estudos linguísticos.

Essa influência dos veículos midiáticos em nossas vidas não seria possível, senão por meio da linguagem, que pode ser compreendida, segundo a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), como um “recurso para fazer e trocar significados, utilizada no meio social de modo que o indivíduo possa desempenhar papéis sociais” (FUZER; CABRAL, 2010, p. 10). A linguagem, na perspectiva de Mikhaill Bakhtin, carrega como seu princípio constitutivo o conceito de dialogismo, pois o centro de toda interação verbal está na nossa relação com o outro (BAKHTIN, 1952-1953/2010). O conceito de heteroglossia parte dessa mesma linha teórica, pois chamamos de heteroglóssica toda a locução que opera reconhecendo o pano de fundo de um texto como diverso (MARTIN; WHITE, 2005). O discurso da mídia, por exemplo, não alcançaria a credibilidade e a abrangência desejadas se não apresentasse diferentes pontos de vista, pois um texto monoglóssico parece estar mais a serviço de interesses particulares do que populares.

Partindo desses conceitos, a presente pesquisa busca examinar as práticas discursivas que configuram o discurso da mídia, especialmente a jornalística, e o discurso político em peças produzidas no Brasil, bem como promover análise de gêneros característicos do discurso midiático. O trabalho vincula-se à linha de pesquisa Linguagem no Contexto Social e ao GRPesq (Grupo de Pesquisa) Linguagem como Prática Social do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e ao projeto Mídia, Política e

¹ As traduções realizadas neste trabalho são de responsabilidade da autora.

Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) – Fase II (CABRAL, 2010) cuja coordenadora é a professora Sara Regina Scotta Cabral, orientadora desta tese de doutorado.

O enfoque desta pesquisa de doutoramento recai sobre o gênero notícia, em seu caráter informativo. Selecionamos notícias, pois entendemos a importância desse gênero como recontextualizador de um conhecimento, antes restrito, que passa a ser um texto acessível para o público em geral. As notícias analisadas neste trabalho são originárias de um debate sobre a gestão de Hospitais Universitários Federais (HUFs) brasileiros pela Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH), estampado em diversos jornais brasileiros, entre os anos de 2011 e 2016. Nessa conjuntura polêmica, com a implantação da nova administração em HUFs de várias cidades brasileiras, presenciamos um grande número de notícias relativas a essa temática, mais especificamente no HU (Hospital Universitário) de Santa Maria, onde a autora desta tese trabalhou por dois anos, entre 2012 e 2014, como Secretária Executiva Bilíngue, nas Direções de Ensino e Pesquisa e Clínica da Instituição. Esse trabalho foi o que motivou a autora, de certa forma, a investigar as notícias sobre a polêmica que vinha sendo presenciada de perto.

Ao coletarmos as notícias na cidade de Santa Maria, notamos que grande parte delas trazia opiniões externas, contrárias ou favoráveis à empresa, e isso fez com que pensássemos em investigar os recursos de engajamento empregados nesses textos. Posteriormente, notamos que essa pesquisa não poderia se restringir somente à região Sul, tampouco à cidade de Santa Maria. Foi então que começamos a investigar notícias em todo o Brasil, nas suas diferentes regiões e cidades onde houve a mesma polêmica da implantação da EBSERH em IFES (Instituições Federais de Ensino Superior).

Os textos jornalísticos analisados no presente estudo são tecidos por vozes de diferentes atores sociais, algumas de autoridades e outras não, que se mesclam à voz do jornalista, compondo as notícias. A partir dessa característica do nosso *corpus* de estudo, consideramos pertinente a opção pela abordagem sistêmico-funcional, mais especificamente pelo Sistema de Avaliatividade e seu subsistema de engajamento, a fim de investigarmos os complexos oracionais presentes nessas notícias formadas por um “emaranhado” de diferentes vozes externas convocadas pelos jornalistas.

Partindo desse contexto, o objetivo geral do presente estudo é investigar, no estrato da semântica do discurso, em que medida as marcas linguísticas de

engajamento convocadas pelos jornalistas² concorrem para a atribuição de vozes nos discursos sobre privatização em notícias acerca da polêmica da nova gestão de HUFs pela EBSEH.

Os objetivos específicos são:

- 1) Descrever o contexto de cultura e de situação das notícias analisadas sobre a polêmica da nova gestão dos HUFs pela EBSEH (HALLIDAY, HASAN, 1989);
- 2) Identificar a quem pertencem as vozes convocadas pelos jornalistas dessas notícias e quais são os posicionamentos dessas vozes em relação à polêmica da EBSEH;
- 3) Identificar as marcas linguísticas de engajamento-atribuição (nível semântico discursivo) representadas pelas projeções e pelas circunstâncias de ângulo e também pelos processos empregados (CALDAS-COULTHARD, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) nessas ocorrências (nível léxico-gramatical) como recursos de heteroglossia;
- 4) Categorizar os recursos de engajamento-atribuição, no estrato da semântica do discurso, presentes nos enunciados, conforme o Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005);
- 5) Determinar a posição enunciativa assumida pelas vozes textuais em termos de alinhamento e desalinhamento dessas vozes com os leitores presumidos (MARTIN; WHITE, 2005).

Distinguimos as ocorrências das diferentes vozes por meio de expoentes linguísticos fornecidos pelo Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005), mais especificamente, do subsistema de engajamento-atribuição que, por sua vez, abarca os recursos de heteroglossia. Tais conceitos nos auxiliaram a entender a contração e a expansão dialógica. Quando ocorre a contração significa que o produtor do texto se posiciona em desacordo ou até mesmo rejeita uma posição contrária à dele, restringindo o escopo de posições e de vozes alternativas (MARTIN; WHITE, 2005; VIAN JR., 2010). Já quando há expansão do espaço dialógico, pressupõe-se que o produtor textual “faz com que a proposição contida em sua voz seja apenas uma das diferentes possibilidades de posições que pode assumir, propiciando, desse modo, a

² Neste trabalho utilizaremos os termos jornalista (s), autor (es), produtor (es) e escritor (es) como sinônimos.

abertura de posicionamentos alternativos, de aceitação ou rejeição” (VIAN JR., 2010, p. 36).

Trabalhos anteriores já averiguaram o papel das vozes atribuídas a fontes externas em gêneros jornalísticos. Silva (2010) investigou o modo como as diferentes posições enunciativas são sinalizadas no gênero notícia de popularização da ciência (PC), ao analisar a frequência de ocorrência do processo verbal “dizer”. Marcuzzo (2011) pesquisou em que medida as vozes apresentadas nas notícias de PC em língua inglesa instauram um debate sobre descobertas científicas. Cabral e Barbara (2012) analisaram o emprego de verbos presentes no discurso jornalístico em língua portuguesa. Mais recentemente, Scherer (2013) estudou os expoentes linguísticos de engajamento que evidenciam o jogo entre expansão e contração dialógica em notícias de PC em língua inglesa.

Para o presente trabalho, consideramos as seguintes questões de pesquisa:

- 1) Que vozes são invocadas, nas notícias sobre a implantação da EBSERH nos HUFs?
- 2) Que recursos léxico-gramaticais são utilizados pelos jornalistas para, heteroglossicamente, atribuírem vozes às fontes?
- 3) Que discursos sobre privatização emergem das notícias sobre a polêmica da implantação da EBSERH nos HUFs, a partir da identificação das vozes e dos recursos de engajamento?

Nossa hipótese é que a escolha das fontes e dos expoentes léxico-gramaticais pelos jornalistas contribuem para expandir o discurso sobre privatização diferentemente em cada região do Brasil, tendo em vista aspectos culturais, políticos e ideológicos. Nossa tese é que as escolhas dos jornalistas refletem diferentes alinhamentos desses autores em cada região analisada, tendo em vista o leitor presumido, a fim de se solidarizar com as vozes populares.

Além desta introdução, o presente estudo está dividido em cinco capítulos. No capítulo 1, discorreremos sobre a organização do discurso da mídia, sobre o conceito de gênero discursivo por nós adotado, além de apresentarmos algumas características do gênero notícia. No capítulo 2, explicamos o conceito de privatização, os tipos de empresa e apresentamos a EBSERH, a fim de contextualizar o tema das notícias que serão analisadas na pesquisa. No capítulo 3, revisamos alguns princípios básicos da LSF, teoria que norteará a pesquisa, com

enfoque na GSF e no Sistema de Avaliatividade, mais especificamente o subsistema de engajamento-atribuição. No capítulo 4, descrevemos a metodologia empregada para conduzir o trabalho, que se caracteriza como uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso, além de apresentarmos a delimitação do universo de análise, os critérios de seleção do *corpus* e os procedimentos para análise dos dados. No capítulo 5, trazemos os resultados e a discussão dos exemplos das notícias que formam o *corpus*. Finalmente, no capítulo 6, apresentamos as considerações finais, limitações do estudo e sugestões para pesquisas futuras.

CAPÍTULO 1 – DISCURSO DA MÍDIA

Neste capítulo explicamos algumas características do discurso da mídia na seção 1.1, além de apresentarmos o conceito de gênero discursivo na seção 1.2, as características do gênero notícia na seção 1.3 e do discurso reportado em notícias na seção 1.3.1.

1.1 MÍDIA E DISCURSO

Estudos relacionados ao papel do discurso midiático na sociedade são cada vez mais recorrentes, pois pesquisadores têm se preocupado com a influência da mídia em certos debates públicos como, por exemplo, a disseminação ou PC para leigos, por meio de notícias de PC (MOTTA-ROTH; LOVATO, 2009; LOVATO, 2010; SILVA, 2010; MOTTA-ROTH; MARCUZZO, 2010; KURTZ, 2011; MARCUZZO, 2011; SCHERER, 2013, dentre outros). Embora o foco desta pesquisa não recaia exatamente sobre a notícia de PC, trabalhos anteriores sobre esse gênero poderão contribuir significativamente para a análise de notícias “meramente” informativas, que também carregam influência de vozes externas, como veremos mais adiante.

Segundo Charaudeau (2007), a mídia é um suporte organizacional que se apodera da informação e da comunicação para absorvê-las em suas três principais lógicas: 1) econômica, referente ao crescimento da empresa; 2) tecnológica, que diz respeito à extensão da qualidade e da quantidade difundidas; 3) simbólica, que presta serviço à democracia cidadã e, segundo o autor, faz com que todo o mecanismo informativo tenha a inclinação de participar na construção da opinião pública. Dessa forma, as mídias tornam-se alvo de atenções do mundo político, do financeiro, das ciências e da tecnologia, das ciências humanas e sociais, do educativo e do próprio mundo midiático (CHARAUDEAU, 2007).

Podemos destacar a existência de duas teorias que investigam a influência da mídia sobre a opinião pública: *agenda setting* (agendamento) e espiral do silêncio. Pressupõe-se que, ao selecionar certos temas a serem veiculados, a mídia acaba por “deletar” os demais, pois não estão na pauta de informação daquele dia (KURTZ, 2011, p. 28). Além disso, quando noticiado com determinada força, um assunto acaba por silenciar outros não veiculados, mesmo que sejam importantes para a sociedade (KURTZ, 2011). O agendamento é, então, um meio de obtenção

de poder da mídia de massa, tornando-a capaz de “formatar as prioridades políticas gerais do público leitor, conduzindo-o a reconhecer certos temas como mais importantes” (KURTZ, 2011, p. 28-29). Essa característica peculiar da mídia corrobora o que Fairclough (1995) afirma sobre o poder persuasivo do discurso midiático e sua capacidade de formar opiniões e influenciar valores e crenças de uma sociedade.

Em relação às diferentes abordagens para se analisar o discurso da mídia, Fairclough (1995) destaca, pelo menos seis: 1) análise linguística e sociolinguística, que estuda os modos como a linguagem é utilizada na mídia, com foco na correlação entre características linguísticas variáveis e aspectos variáveis do contexto social, com especial atenção ao detalhe linguístico, à forma e à textura dos textos; 2) análise da conversa, desenvolvida por um grupo de sociologistas, que se baseiam na etnometodologia, cujo interesse recai na conversação e nos métodos que as pessoas utilizam para produzi-la e interpretá-la; 3) análise semiótica, que trata a análise textual como um componente indispensável para a análise cultural da mídia, cujo pressuposto defende que as várias escolhas entre opções disponíveis nos códigos visuais carregam significado social; 4) linguística crítica e semiótica social, que defende que o texto é multifuncional, representando simultaneamente o mundo (ideacional), relações e identidades (interpessoal), onde o discurso é visto como um campo de processos ideológicos relacionados a processos linguísticos; 5) modelo cognitivo-social (FAIRCLOUGH, 1995, p. 28, citando VAN DIJK, 1991), no qual o discurso é conceituado sob três perspectivas (texto, prática discursiva e prática sociocultural) em que houve uma importante transição da análise textual para a análise do discurso, ao analisar a produção e a compreensão da linguagem da mídia sob uma ótica social e psicológica, enfatizando em processos de cognição social; 6) análise cultural genérica, que tem uma visão cultural materialista sobre gêneros, considerando a análise de formas genéricas como um modo de análise cultural e, ao mesmo tempo, atendendo a interação e a representação.

A partir desses pressupostos, Fairclough (1995) propõe uma lista de componentes desejáveis para uma análise crítica do discurso da mídia, cuja análise textual deveria incluir também: foco na amplitude com que as mudanças na sociedade e na cultura são manifestadas nas diferentes práticas do discurso da mídia; atenção detalhada na linguagem e na textura, incluindo análise de imagens e de efeitos sonoros; análise de práticas de produção e consumo de textos; análise do

contexto institucional, social e cultural das práticas midiáticas, incluindo relações de poder e ideologia; análise linguística e intertextual de gêneros e discursos; análise linguística, multifuncionalmente orientada em direção à representação e à constituição de relações e identidades, como um processo simultâneo nos textos e a importante relação entre eles; análise linguística envolvendo outros níveis, tais como, fônico, lexical, gramatical e esquemático; relação entre textos e sociedade/cultura vista como uma relação dialética, pois textos são social e culturalmente moldados, mas também constituem a sociedade e a cultura.

Ao tentar desenvolver uma teoria social sobre o discurso da mídia, Fairclough (1995) fornece um panorama sobre como se dá a comunicação de massa, ao comparar diferentes eventos comunicativos. Dentre as propriedades consideradas em relação à mídia de massa, o autor destaca, além dos aspectos econômicos e políticos, as questões institucionais de produção e consumo de textos midiáticos nos meios de comunicação, tais como o impresso, o rádio e a televisão. O contexto sociocultural mais amplo, as estruturas sociais e culturais, as relações, as práticas e os valores que moldam e são moldados pela mídia de massa também são levados em conta.

Um primeiro aspecto a ser considerado é o tempo e o lugar da produção de um texto de comunicação em massa, o que difere do tempo e lugar de consumo desse mesmo texto. Por exemplo, uma notícia abrange um certo número de profissionais que se envolvem, desde a coleta da informação, a redação, a inserção de imagens, a edição, a revisão e, finalmente a publicação para que, em um espaço muito curto de tempo, às vezes alguns segundos, o leitor a leia e obtenha a informação desejada. Essas propriedades de tempo e espaço nos levam a crer que o evento comunicativo na mídia de massa pode ser visto como uma cadeia de eventos. Essa cadeia irá conectar eventos comunicativos do domínio público³ aos do domínio privado de consumo e recepção da mídia, tornando possível uma

³ “A palavra “público” tem origem em um sentido emergente de propriedade e de bens possuídos em comum, já o termo “privado” vem dos privilégios dos estratos dominantes” (GIDDENS, 2002, p. 142). Os domínios público e privado são esferas que se opõem em dois sentidos provocados e fortemente influenciados pelas mudanças associadas ao desenvolvimento da sociedade. O domínio público é o do Estado, enquanto que o privado é o que resiste à invasão das atividades de vigilância estatal. No entanto, o privado não é simplesmente aquele que fica de fora da competência do Estado, já que ele ajuda a definir os direitos e prerrogativas privados de maneira positiva. Dessa forma, a oposição público/privado divide aquilo que é mantido oculto dos outros do que lhes é abertamente revelado (GIDDENS, 2002, p. 142).

reestruturação importante dos limites entre os dois domínios (FAIRCLOUGH, 1995).

A mídia tem tentado preencher uma lacuna existente entre suas condições públicas de produção e as condições privadas de consumo, ao criar um estilo comunicativo que se ajusta às prioridades, valores e práticas da vida privada (FAIRCLOUGH, 1995, SCANNELL, 1992), o que inclui a inserção de uma linguagem mais coloquial, uma linguagem pública adequada aos vários graus e modos sobre as variadas práticas de fala (FAIRCLOUGH, 1995, LEECH, 1996).

Há inúmeras diferenças entre os tipos de mídia de massa no que diz respeito aos seus diferentes canais de comunicação e tecnologias empregadas para sua divulgação. A notícia impressa, por exemplo, utiliza o canal visual, o modo escrito e alguns recursos, como a reprodução fotográfica, o *design* gráfico e a impressão. Essas diferenças em relação às tecnologias e os canais utilizados têm consequência no que diz respeito ao potencial de significado de cada mídia. O jornal impresso traz consigo uma carga menos pessoal em relação ao rádio e à televisão, pois a ilusão de vivacidade e de imediatismo é mais forte nesses meios, quando comparados à modalidade “congelada” das fotografias nos jornais. Talvez seja por essa razão que a mídia televisiva traga maior impacto e influência para a maior parte das pessoas do que o jornal impresso, cujas informações demoram a ser assimiladas, uma vez que envolvem um processo de leitura e interpretação um pouco mais lento (FAIRCLOUGH, 1995).

Outra característica que distingue os tipos de comunicação são os participantes envolvidos. Uma aula de história no ensino médio, por exemplo, envolve o professor e os alunos; já em um documentário televisivo há um número maior de participantes, como repórteres, audiência, cientistas, políticos, acadêmicos, dentre outros. Essas categorias de participantes na mídia de massa acabam por desempenhar o papel de mediadores entre os domínios público e privado. Pessoas comuns que pertencem à categoria de participantes do domínio público podem participar como testemunhas ou representar reações típicas, o que é comumente chamado de “a voz do povo” (FAIRCLOUGH, 1995).

Embora haja tantos participantes nessa prática de produção e consumo da mídia de massa, na opinião de Fairclough (1995), os eventos comunicativos da mídia são uma espécie de monólogos, uma vez que a audiência não pode contribuir diretamente ou interagir com aquilo que é comunicado. Os produtores dessas mídias

carecem do *feedback* dessa audiência e, conseqüentemente, escritores acabam construindo uma audiência ideal⁴ com base em pressuposições a respeito da resposta desses leitores/telespectadores coletadas dos mais variados tipos de evidências indiretas, como as pesquisas de satisfação e/ou os níveis de audiência alcançados, por exemplo. Se o ato de informar significa transmitir um saber para aquele que não o possui, podemos concluir que a informação é “tanto mais forte quanto maior é o grau de ignorância, por parte do alvo, a respeito do saber que lhe é transmitido”. A partir dessa conclusão, a informação midiática vê-se frente a uma contradição, pois

se escolhe dirigir-se a um alvo constituído pelo maior número de receptores possível, deve basear-se no que se chama de “hipótese fraca” sobre o grau de saber desse alvo e, logo, considerar que ele é pouco esclarecido. Mas como o que caracteriza o “maior número” é uma heterogeneidade qualitativa, sendo constituído de pessoas diversamente esclarecidas [...], informação será talvez “forte” para alguns, que poderão considerar-se satisfeitos, mas será fraca para os demais”. Como fazer para então atingir a maioria [...] (CHARAUDEAU, 2007, p. 18-19).

Nessas circunstâncias, se a mídia optasse por fornecer uma informação com alto teor de saber teria como hipótese um grau de conhecimento forte do seu público alvo, mas haveria um número bastante reduzido de pessoas mais esclarecidas e, então, viria à tona o problema de ordem econômica: como se sustentar com um número tão baixo de receptores. Desse modo, as mídias acabam optando por dirigir-se ao maior número possível de pessoas e, conseqüentemente, a informação precisa despertar o interesse e tocar a afetividade do destinatário. Sendo assim, as mídias acabam por disseminar as mesmas simplificações e clichês de sempre e, sem se darem conta, acabam se tornando automanipuladas (CHARAUDEAU, 2007).

Diferentes formas de comunicação em massa lidam com uma variedade de práticas sociais, incluindo as de domínio público, da mesma forma que as práticas políticas, econômicas, educacionais, legais, etc. Desse modo, poderíamos questionar como um tipo de evento comunicativo recontextualiza o outro, que representações e transformações particulares ele produz e como diferem de outras recontextualizações dos mesmos eventos. A resposta parece estar nos objetivos, nas prioridades e nos valores da comunicação que os recontextualizam e essas

⁴ Também chamado de “leitor putativo”, conforme veremos detalhadamente na seção 3.2.1, quando exploraremos o subsistema de engajamento, categoria pertencente ao Sistema de Avaliatividade, proposto por Martin e White (2005).

diferenças podem estar relacionadas a questões de preconceito, verdade e manipulação, o que tem sido uma grande preocupação dos estudos sobre análise do discurso midiático.

Entendemos como recontextualização o processo de realocação de discursos ou gêneros de uma prática social para outra ou a transferência de um texto do seu contexto original para outro (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999). A recontextualização é vista como uma condição para a constituição de qualquer prática no discurso e, na medida em que essa prática é representada (ensinada, discutida, descrita), ela está sendo recontextualizada (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999).

Os objetivos de muitos meios de comunicação, ao recontextualizar textos jornalísticos, por exemplo, podem estar sujeitos a complexas pressões econômicas, culturais e políticas (FAIRCLOUGH, 1995). A situação econômica de uma empresa de comunicação é determinante para a definição de suas práticas e escolhas textuais, assim como o ambiente intensamente competitivo no qual a mídia funciona (FAIRCLOUGH, 1995). Essa lógica econômica conduz os organismos de informação a agirem como empresas, cuja finalidade é fabricar um produto, que é definido pelo espaço que ocupa no mercado de troca de bens e serviços (CHARAUDEAU, 2007). A mídia impressa e as transmissões comerciais são organizações que visam, antes de tudo, ao lucro, cujo alcance somente acontece quando atingem o maior número de expectadores e/ou leitores pelo menor custo possível. Portanto, textos e programas midiáticos são vistos como mercadorias culturais produzidos em uma cultura industrial, circulando em um mercado que visa ao lucro, sendo influenciados pelos efeitos das pressões comerciais (FAIRCLOUGH, 1995). Infelizmente, essa busca por audiência, no caso da mídia televisiva, acaba aumentando o número de programas apelativos que visam somente ao entretenimento, como o *Big Brother Brasil* (BBB)⁵. Consequentemente, isso confere menor ênfase aos programas educativos e informativos, como o *Globo Repórter*⁶, ao tratarmos de canais

⁵ **Big Brother Brasil** (representado popularmente pela sigla **BBB**) é a versão brasileira do reality show *Big Brother*, criada por John de Mol, cuja primeira temporada mundial foi realizada em 1999 nos Países Baixos. Fonte: (https://pt.wikipedia.org/wiki/Big_Brother_Brasil).

⁶ **Globo Repórter** é um programa jornalístico semanal brasileiro produzido e exibido pela Rede Globo que vai ao ar nas noites de sextas-feiras, atualmente apresentado por Sérgio Chapelin e Glória Maria. Fonte: (https://pt.wikipedia.org/wiki/Globo_Rep%C3%B3rter).

abertos/gratuitos, cujo público alvo são justamente as pessoas menos informadas e que não possuem acesso a outros meios e canais pagos.

Nesta discussão, poderíamos citar também os padrões de domínio que, do mesmo modo, podem influenciar o estilo comunicativo do discurso da mídia. Esse domínio se manifesta das mais variadas formas, dentre elas a maneira como as organizações midiáticas estão configuradas, a fim de assegurar que opiniões de políticos e estabelecimentos sociais sejam as vozes dominantes (FAIRCLOUGH, 1995). Habermas (1989) explica que a mídia deixou de ser um domínio público-político eficaz para mediar debates importantes e questões políticas, uma vez que se deixou influenciar, de maneira crescente, pelo capitalismo que reina em nossa sociedade, retrocedendo no tempo. Ele menciona, ainda, que a esfera pública midiática sofreu um processo de “refeudalização”, em que as audiências tornaram-se espectadores em vez de participantes, sendo tratados como consumidores e não como cidadãos (FAIRCLOUGH, 1995, HABERMAS, 1989).

Charadeau (2015) argumenta que a análise do discurso da informação é mais complexa do que a análise do discurso político, uma vez que neste último admitimos que o discurso manifestado está relacionado ao poder e à manipulação, mas o mundo das mídias tem a pretensão de se definir contra o poder e a manipulação. No entanto, vemos aí uma contradição, já que o meio midiático é, muitas vezes, utilizado pelos políticos com a finalidade de manipular a opinião pública, fazendo do cidadão um refém dessas informações. Uma das características marcantes do jornalismo dos anos 50, por exemplo, foi a paixão política, cujo debate era conduzido pelos partidos de maior influência e dominou o espaço dos jornais de grande circulação da época, levando-os a conduzir grandes debates que sacudiram o país (ABREU, 2002).

Fairclough (1995) aponta que vários aspectos informativos da comunicação em massa seriam formatados ideologicamente, pois muitas das representações da mídia contribuem para a disseminação de relações sociais de dominação e de exploração. Essas representações ideológicas são, em sua maioria, implícitas e não explícitas nos textos, pois estão embutidos nos modos de uso da linguagem os quais estão naturalizados e pertencem ao senso comum para repórteres e, em maior grau, para a audiência. Segundo Fairclough (1995), faz-se importante a distinção entre os conceitos de persuasão e ideologia, mesmo que ambos sejam aspectos políticos do discurso que problematizam a ideia de que a mídia somente fornece a informação.

Quando utiliza a persuasão, um repórter, por exemplo, adota um determinado ponto de vista em relação a um assunto, utilizando ferramentas retóricas a fim de convencer sua audiência a pensar da mesma forma. Por outro lado, não adota um ponto de vista, mas o considera como algo certo, como se ele e a audiência compartilhassem do mesmo pensamento, sem a necessidade de empregar recursos retóricos. O Estado tem um grande interesse em controlar o que a mídia difunde, pois ela detém grande influência e poder sobre as pessoas, incluindo o poder de mobilização e o potencial de influenciar ideologias. No entanto, isso não significa que a mídia está totalmente sujeita à manipulação política o tempo todo, pois há exemplos de ocasiões históricas em que os veículos midiáticos influenciaram a população de modo positivo. Há muitas situações em que o jornalismo televisivo e mesmo o impresso, em menor escala, encorajam mobilizações, protestos para a melhoria das condições econômicas, políticas e sociais do povo em geral. Sem falar das grandes coberturas de desastres naturais ou conflitos de cunho político-religioso que fazem a sociedade refletir sobre essas injustiças e, até mesmo, realizar grandes mobilizações a fim de auxiliar as vítimas dessas atrocidades. Foi o caso da tragédia na cidade de Mariana⁷, Região Leste de Minas Gerais, no final de 2015, quando a mídia auxiliou na divulgação sobre o recebimento de doações⁸ para as famílias atingidas pelo desastre ambiental. Para Lustosa (1996, p. 24), “à medida que um veículo defende grandes causas sociais populares, amplia seu mercado consumidor”.

Como afirma Charadeau (2015, p. 18), “as mídias não são uma instância de poder”, pois o poder nunca depende de um único indivíduo, mas da instância dentro da qual ele se encontra e de onde ele tira força. Sendo assim, podemos entender que a mídia não promulga regras de comportamento, nem normas ou sanções, pois a figura do jornalista não possui intenção de orientação ou de imposição. Dessa forma, podemos dizer que o discurso midiático opera ideologicamente no controle e

⁷ Em 05 novembro de 2015, ocorreu o **piores acidente da mineração brasileira** no município de Mariana, em **Minas Gerais**. A tragédia ocorreu após o rompimento de uma barragem (Fundão) da mineradora Samarco, que é controlada pela Vale e pela BHP Billiton. O rompimento da barragem provocou uma **enxurrada de lama** que devastou o distrito de Bento Rodrigues, deixando um rastro de destruição à medida que avança pelo Rio Doce. Várias pessoas ficaram desabrigadas, com pouca água disponível, sem contar aqueles que perderam a vida na tragédia. Fonte: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/biologia/acidente-mariana-mg-seus-impactos-ambientais.htm>

⁸ Fonte: <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2015/11/saiba-como-ajudar-os-atingidos-por-rompimento-de-barragens-em-mariana.html>.

na reprodução sociais, mas também funciona como um bem cultural inserido em um mercado competitivo, a fim de entreter as pessoas, mantê-las política e socialmente informadas e, ao mesmo tempo, contribuir para mudanças de valores e identidades (FAIRCLOUGH, 1995).

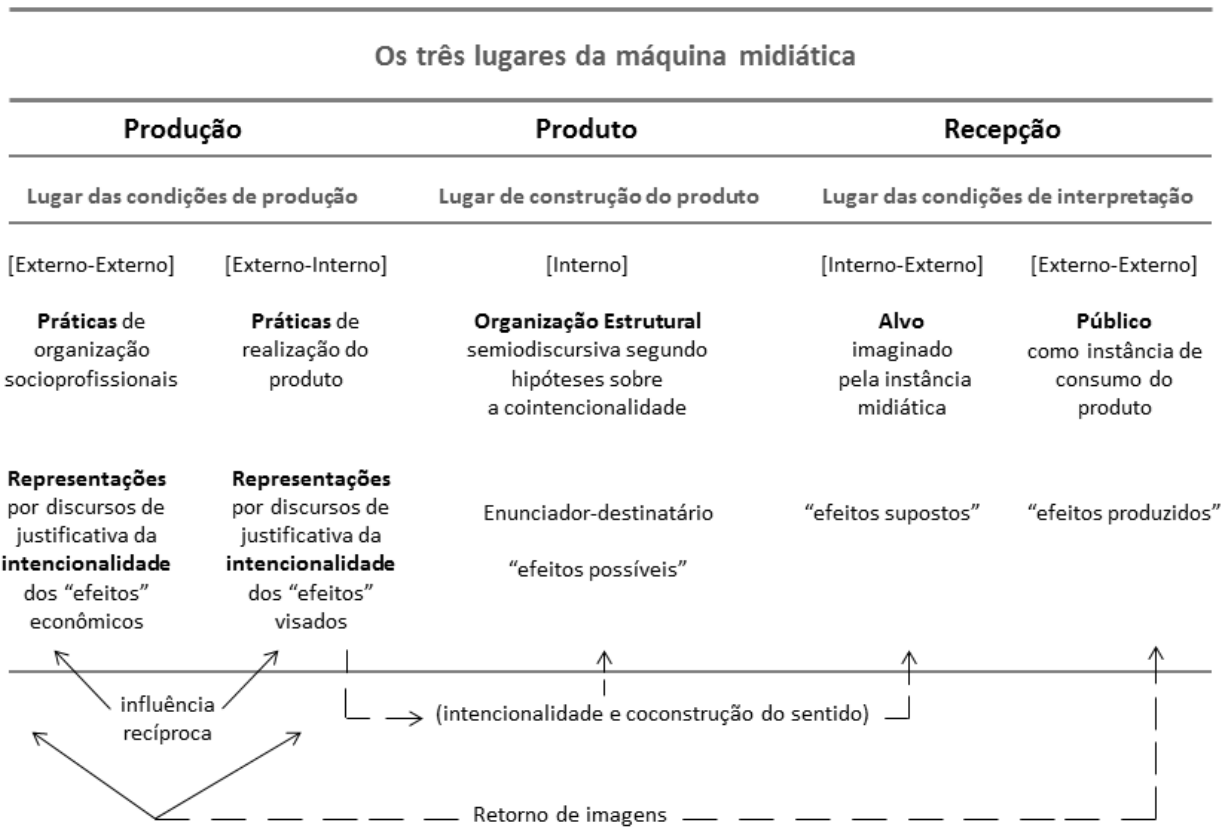
Outro aspecto importante da comunicação de massa são as práticas de produção e consumo desses textos. Como já mencionado anteriormente, a produção de um texto é um processo complexo que envolve vários participantes, que formam juntos uma cadeia. Esses textos são formulados a partir de várias versões embutidas umas nas outras, constituindo diversas “camadas” e sofrendo um processo de transformação ao longo de uma série de eventos comunicativos que interligam o domínio público ao domínio privado. No que se refere às fontes de notícias, que são o foco da nossa pesquisa, um aspecto notável é a esmagadora confiança que os jornalistas conferem a uma estrita parcela de fontes oficiais e legitimadas, tais como governo, polícia, empregados de organizações e sindicatos e especialistas técnicos e científicos de universidades (FAIRCLOUGH, 1995; TUCHMAN, 1978). Um ponto importante a ser destacado é o fato de que, muitas vezes, pessoas públicas, tais como representantes de sindicatos, políticos e gestores são chamados a dar suas opiniões, enquanto que pessoas privadas ou “comuns” são, geralmente, chamadas a relatar somente suas experiências (FAIRCLOUGH, 1995, SCANNELL, 1992). Como resultado, temos uma visão pré-estabelecida do mundo, manifestada nos modos como o discurso relatado é apresentado.

Já o consumo dos textos midiáticos é caracterizado por práticas e rotinas próprias, sendo a maioria deles consumidos em contextos de domínio privado: em casa e no contexto familiar. De modo geral, é desejável que consideremos, tanto a produção quanto o consumo de textos midiáticos, em termos de transformações ao longo das cadeias de eventos comunicativos. Esses textos têm a força de se transformarem em tópicos e fontes para assuntos da audiência-alvo, bem como influenciarem opiniões nesses discursos, sejam eles falados ou escritos (FAIRCLOUGH, 1995).

Charaudeau (2007) propõe um ponto de vista interdisciplinar, cuja compreensão se dá a partir da distinção entre os diferentes espaços de construção de sentido da máquina midiática para que possamos melhor definir as diversas pesquisas sobre mídias e refletir sobre uma possível articulação entre elas. A

Figura 1, proposta pelo autor, sugere um modelo de análise do discurso com base no funcionamento do ato de comunicação, cujo pressuposto principal é a troca entre a instância de produção e a de recepção.

Figura 1 – A máquina midiática e seus três lugares de construção do sentido



Fonte: (CHARAUDEAU, 2007, p. 23).

O resultado desse ato comunicativo dependerá da relação de intencionalidade instaurada entre as duas instâncias, o que determina três lugares pertinentes: 1) o da instância de produção; 2) o da instância da recepção; 3) o do texto como produto. O lugar da instância de produção é dividido em dois espaços: o “externo-externo” e o “externo-interno”. O primeiro abrange as condições socioeconômicas da máquina midiática como uma empresa, cuja organização é determinada por práticas institucionalizadas formadas por atores com funções e *status* relacionados a essas práticas. Esses atores devem, ao mesmo tempo, justificar essas práticas ao produzirem discursos de representação que estão limitados a uma intencionalidade orientada por efeitos econômicos.

O segundo espaço, o externo-interno, diz respeito às condições semiológicas de produção a partir das quais o jornalista ou diretor de redação escolhe o que colocará em discurso, por meio de recursos técnicos disponíveis com o objetivo de atender determinadas questões. Além disso, esse espaço é justificado e pensado por discursos de representação sobre como fazer e que objetivo se pretende atingir, levando em conta “um destinatário que pode ser cogitado apenas como alvo ideal, receptivo, embora impossível de dominar totalmente” (CHARAUDEAU, 2007, p. 25). Esse destinatário é chamado por Martin e White (2005) de leitor putativo, ou seja, aquele interlocutor imaginado pelo escritor como ideal e para quem é direcionado o texto, seja na forma escrita ou falada.

Em relação à instância de recepção, dividida entre os espaços “interno-externo” e “externo-externo”, encontramos dois tipos de destinatários: o ideal e o real. O destinatário ideal, também chamado de alvo, pode ser definido como o indivíduo imaginado pela instância midiática como suscetível de perceber os efeitos visados por ela. Já o receptor real é a verdadeira instância que consome as informações, interpretando-as conforme suas próprias condições interpretativas (CHARAUDEAU, 2007, p. 26). Para tanto, as mídias utilizam a sondagem como instrumento de medida de alvo, mas tornam-se dependentes desse recurso. No entanto, as mídias, ao se verem incapazes de encontrar outro meio de medida acabam condenadas a fabricar informações sobre si mesmas, o que gera uma circularidade da máquina midiática.

O terceiro espaço, o de construção do produto, é onde o discurso se transforma em texto, misturando formas do sistema verbal a outros tipos de sistema, como o icônico, o gráfico e o gestual. O sentido desse texto dependerá da estruturação dessas formas que necessitam ser reconhecidas pelo receptor a fim de que a troca comunicativa tenha sucesso, o que resulta de uma cointencionalidade. Entretanto, como a instância de produção somente imagina um receptor ideal, a instância de recepção constrói seus próprios sentidos com base nas condições de interpretação que lhes são próprias; o texto produzido terá somente efeitos possíveis de sentido, fruto dos efeitos visados e produzidos pelas duas outras instâncias.

Dessa forma, podemos entender que as diferenças entre os três lugares de construção de sentido dão conta de explicar que a informação resulta de uma cointencionalidade que abrange os efeitos visados, possíveis e produzidos,

relacionando-se um ao outro como um jogo de espelhos em que as imagens refletem umas sobre as outras (CHARAUDEAU, 2007, p. 25).

Na próxima seção, apresentamos uma breve explicação sobre a importância da linguagem nos gêneros discursivos e o conceito de gênero adotado neste estudo, uma vez que exploraremos o gênero notícia.

1.2 GÊNEROS DISCURSIVOS

Podemos compreender o conceito de gênero discursivo partindo de, pelo menos, três perspectivas que constituem um aparato interdisciplinar (ROSSI, 2012): Com base na LSF, partimos da noção de que texto e contexto estão metaforicamente relacionados, o que significa que a linguagem é uma metáfora para a realidade social (é constitutiva da realidade social, desempenha uma metafunção) assim como a realidade social é uma metáfora para a linguagem (MARTIN, 1992; MOTTA-ROTH; ROSSI, 2012). A Análise Crítica do Discurso (ACD) nos fornece a visão de que as práticas discursivas de produção, distribuição e consumo dos textos em sociedade são constitutivas das práticas sociais - as atividades, as identidades e as relações entre os sujeitos (MOTTA-ROTH; ROSSI, 2012). Da Sociorretórica, “assumimos a importância, para qualquer análise do discurso, da orientação para o contexto por meio da percepção das relações entre gêneros e entre os papéis institucionais constituídos no discurso” (MOTTA-ROTH; ROSSI, 2012, p. 80).

De acordo com essa perspectiva interdisciplinar, vemos o repertório de gêneros discursivos como a dimensão semiótica das situações de interação social. O encadeamento entre os gêneros medeia o funcionamento das instituições, a encenação das identidades e as relações sociais

[...] cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica. A cada grupo de formas pertencentes ao mesmo gênero, isto é, a cada forma de discurso social, corresponde um grupo de temas (MOTTA-ROTH; ROSSI, 2012, p. 81 citando VOLOCHINOV, 1929/1995, p. 43).

Adotamos essa perspectiva para tentar dar conta da complexidade do conceito de gênero discursivo. Esse conceito interconecta aspectos de dimensões tão variadas quanto as práticas culturais, as instituições e as esferas de atividade social, as identidades e as relações sociais (normalmente identificadas na LSF como

contexto), bem como o estilo, o conteúdo temático e a estrutura composicional do discurso (o texto, nos termos da LSF).

Na perspectiva da LSF, contexto pode ser definido como a totalidade dos elementos que circundam o texto, o ambiente no qual a produção de um texto acontece (HALLIDAY; HASAN, 1989, p. 5) ou “a prática sociocultural da qual o texto faz parte” (NASCIMENTO, 2011, citando FAIRCLOUGH, 1992, 1995). Halliday e Hasan (1989) dividem o contexto em duas instâncias que se combinam: o contexto de situação e o contexto de cultura. O contexto de situação é o ambiente de vivência em que o texto surge, a situação na qual o texto é enunciado e está dividido em três dimensões ou variáveis: campo, relações e modo. O contexto de cultura, por outro lado, envolve um conjunto variado de contextos de situação em que um grupo social interage bem como toda a história cultural subjacente aos participantes e aos tipos de práticas nas quais eles estão envolvidos (HALLIDAY; HASAN, 1989)⁹.

A Sociorretórica define o gênero como evento discursivo: maneiras tipificadas de realizar ações construídas no discurso (MILLER, 1984). Cada gênero corresponde a 1) contextos recorrentes em um dado sistema cultural, situações de experiência humana com a qual determinado registro de linguagem é comumente associado (MOTTA-ROTH; HEBERLE, 2005, p. 17); 2) enunciados/textos relativamente estáveis, em função do uso que se faz da linguagem para atingir certos objetivos comunicativos em uma dada situação recorrente. O gênero se constitui linguisticamente em função do papel que a linguagem desempenha em uma classe de acontecimentos sociais (MOTTA-ROTH; HEBERLE, 2005).

Um gênero, portanto, não implica somente tipos particulares de textos, mas também processos de produção, distribuição e consumo de textos (FAIRCLOUGH, 1992). Um gênero é um conjunto de convenções; estilo, conteúdo temático e estrutura composicional (BAKHTIN, 1952-1953/2010), relativamente estáveis que tornam possíveis são associadas a determinados tipos de atividades sociais (BAKHTIN, 1952-1953/2010), como, por exemplo, uma notícia ou um documentário televisivo está associado ao fornecimento de informações sobre determinado tema.

Na próxima seção, discutimos brevemente sobre a notícia, sua estrutura organizacional e outros aspectos importantes relativos a esse gênero.

⁹ Ambos os contextos, de cultura e situação, e suas respectivas variáveis serão melhor explicados na seção 3.1, no capítulo 3 desta tese, quando apresentaremos a LSF detalhadamente.

1.3 GÊNERO NOTÍCIA

No contexto de luta entre burgueses e proletários, na sociedade moderna da Europa, passou-se a privilegiar a mudança em vez da preservação, e as trocas de informações ganharam maior importância. Desse modo, a notícia, antes controlada restritamente pelo Estado e pela Igreja, passou a ser um bem de consumo essencial (LAGE, 2006). Na Idade Média, a população tinha acesso às informações por meio de decretos, de proclamações, de exortações e de sermões da Igreja, formando “circuitos paralelos de boatos e testemunhos” (LAGE, 2006, p. 8). Segundo Lage (2006), foi em Bremen, na Alemanha, que circulou o primeiro jornal, em 1609. Por muitos anos a informação foi alvo da análise dos publicistas, da denúncia dos panfletários, do puxa-saquismo dos escritores cortesãos, o que acarretou lutas políticas. Nesse contexto, os censores eram apoiados por pessoas influentes, até mesmo por burgueses que, devido a motivos políticos, defendiam a liberdade de imprensa (LAGE, 2006).

A Revolução Industrial acabou por derrubar a censura em grande parte da Europa Ocidental, em razão de três fatores principais: 1) aumento do mercado de massa para os jornais, uma vez que a quantidade de trabalhadores alfabetizados era crescente e, dotados de poder simbólico da palavra impressa, tornavam-se formadores de opinião; 2) chegada de máquinas e início de uma organização da produção, consequência do capitalismo industrial, o que tornava o empreendimento jornalístico um negócio empresarial, com os custos reduzidos e aumento das redes de coleta de informações; 3) custeio da maior parte dos gastos editoriais pela publicidade (LAGE, 2006). Esse jornal-empresa podia, então, abarcar um leque maior de opiniões, tendo seu caráter não revolucionário assegurado: pelo dever de remunerar o capital nele investido e por tirar sua renda da veiculação de bens materiais e ideológicos produzidos por entidades com características parecidas. Por alguns anos a imprensa era confundida com o que mais tarde chamaríamos de comunicação de massa, mas a notícia seria a matéria-prima principal, estando em conformidade com padrões da indústria no que diz respeito às técnicas de produção, às restrições do código linguístico e a uma estrutura relativamente estável (LAGE, 2006).

Abreu (2002) explica que, nos anos 50, no contexto brasileiro do regime militar, iniciou-se um período de repressão política que levou à prisão de opositores

do regime e à censura à imprensa. Como resposta às restrições à liberdade de expressão e às perseguições dirigidas aos antigos líderes políticos, sindicais e intelectuais, a imprensa passou a tomar distância do governo e a denunciar as injustiças que estavam sendo cometidas. Com isso, a mídia se deparou com a realidade da censura intensa durante o governo militar, que proibia matérias e interferia no conteúdo do que seria publicado, mas, ao mesmo tempo, financiava a modernização dos meios de comunicação, o que fazia parte de uma estratégia militar ligada à ideologia da segurança nacional (ABREU, 2002). Na fase mais crítica de repressão militar surgiu a chamada imprensa alternativa por meio da qual jornalistas, intelectuais e ex-militantes buscavam formar um espaço legal de resistência política e, ao mesmo tempo, um meio alternativo à imprensa comercial e à universidade. Muitas organizações de esquerda proibidas de divulgar posições políticas e críticas ao regime utilizavam a imprensa alternativa com esse fim (ABREU, 2002). Com a promulgação da nova Constituição, em 1988, e com o primeiro governo civil a imprensa pôde recuperar as garantias de livre expressão.

Nos Estados Unidos, país que se tornou uma referência no desenvolvimento técnico do jornalismo, a imprensa nunca sofreu censura do Estado (LAGE, 2006). Houve uma época em que a imprensa americana dava ênfase a histórias sentimentais e crimes que, ao mesmo tempo em que distraíam, projetavam aspirações e angústias das grandes massas (LAGE, 2006). Esse tratamento emocional de temas desse tipo deu início ao que conhecemos por imprensa sensacionalista, cujos objetivos eram a competitividade voltada para a coleta de informações sob qualquer circunstância e, muitas vezes, mentirosa.

A fim de superar o sensacionalismo, os jornalistas americanos esforçaram-se para fornecer certo rigor às informações apresentadas, buscando no espírito científico o respeito pelos fatos empíricos e o cuidado em apresentar somente aquilo que os fatos indicavam. Daí surgiu a ideia de imparcialidade, contrapondo-se ao modelo sensacionalista dos grandes jornais da América, e foi nos Estados Unidos que o jornal-empresa atingiu sua maturidade. Nas redações de jornais, a divisão do trabalho deu origem ao *gatekeeping* ou decisão sobre o que vai ser publicado. Já o jornalismo brasileiro de combate, de crítica, de doutrina e de opinião, dos anos 50, dividia espaço com o jornalismo popular que priorizava a notícia menor com foco em fatos do cotidiano, acidentes, crimes, etc. Logo, esse jornalismo brasileiro com influência francesa seria substituído pelo modelo norte-americano, cujo foco era a

informação e a notícia, separando o “comentário pessoal da transmissão objetiva e impessoal das informações” (ABREU, 2002, p. 12).

Ainda, de acordo com o mesmo autor, a transformação na imprensa teve início nos anos 80, com o desenvolvimento das telecomunicações, a difusão da informática, as novas possibilidades de impressão e de registro audiovisual, afetando a coleta de informações, a produção e a distribuição da notícia. Nesse contexto de adoção das novas tecnologias e, ao mesmo tempo, de busca por lucro, tornou-se imprescindível a ideia de *marketing*, pois eram necessários estudos mercadológicos e medidas estratégicas, a fim de sustentar o produto no mercado e garantir seu êxito (ABREU, 2002). Essas estratégias visavam adequar o meio de comunicação, considerado o produto, ao público consumidor, o leitor, ouvinte ou telespectador, chamado de cliente. Com base nessas características do público-alvo, bem como suas expectativas, gostos e valores, “passou-se a definir o conteúdo, a linguagem e a apresentação daquilo que era lhe era oferecido” (ABREU, 2002, p. 29). Para Kurtz (2011, p. 44), “a materialidade textual da notícia, além de ser perpassada pela subjetividade do jornalista, sofre diferentes condicionamentos implícitos e explícitos no seu contexto de produção”, que vão de interesses mercadológicos da mídia até as intervenções das editoras para alcançar poder. A autora caracteriza a atividade jornalística, na atualidade, como

[...] um conjunto mais ou menos estável de regras que objetivam cumprir determinados padrões na seleção, elaboração e divulgação da notícia, regendo-se pela factualidade e atualidade, condições determinantes na consecução das pautas no jornalismo impresso ou eletrônico [...]. A noção de gênero como realização de práticas retóricas permite enquadrar a notícia e perceber nela as características de tipificação e recorrência, com uma reiterada utilização de categorias convencionais do discurso da comunicação mediada, sempre vinculadas à interação (KURTZ, 2011, p. 44).

Em uma visão pós-moderna, os veículos de comunicação em massa exercem um papel mais radical, pois recriam a realidade de forma mais atraente e sedutora (LUSTOSA, 1996). Antes de descrevermos com maior detalhamento a notícia, gênero que é foco da nossa análise, vale ressaltar algumas características que a diferenciam da reportagem. Em primeiro lugar, a reportagem não dá conta de cobrir um fato ou uma série deles, mas realiza o levantamento de um determinado assunto, de acordo com uma visão pré-definida. Por exemplo, é produzida uma notícia sobre a aprovação do *impeachment* da presidente Dilma Roussef, mas uma

reportagem sobre a crise político-econômica vivida no país durante esse governo e sobre os vários políticos investigados na operação Lava-Jato.

Em segundo lugar, essa diferença entre notícia e reportagem baseia-se na pauta e no projeto do texto. Nas notícias, as pautas são somente indicações de fatos programados, da continuação de acontecimentos dos quais se espera um desdobramento. Por outro lado, reportagens requerem outro nível de planejamento, uma vez que os assuntos já estão disponíveis e podem ou não ser atualizados por um fato novo.

Finalmente, podemos dizer que o estilo da reportagem é menos rígido do que o da notícia, pois varia de acordo com o público, com o veículo ou com o assunto, admitindo-se até mesmo que o repórter conte o que viu em primeira pessoa, sendo a linguagem mais livre; podemos dizer que existe sempre alguma interpretação nas reportagens. O mesmo já não ocorre com as notícias que devem relatar um fato que não gere mais do que uma interpretação (LAGE, 2006).

Em relação ao processo de produção de uma notícia, destacam-se três fases: 1) seleção dos eventos com a escolha das informações mais pertinentes à descrição do fato; 2) ordenação dos eventos; 3) nomeação, cujas escolhas lexicais exigem certo cuidado, a fim de que o contexto almejado seja caracterizado adequadamente para que um fato se transforme em acontecimento noticioso (LAGE, 2006; KURTZ, 2011). Possivelmente, esse processo envolve diversos interesses, tanto políticos quanto econômicos, que acabam por influenciar as escolhas dos produtores dos textos. A consequência dessas escolhas poderá ser uma determinada opinião pública formada ou certa vantagem financeira para a editora, por exemplo.

Como afirma Tuchman (1978), a notícia é uma janela para o mundo, e tem o objetivo de nos contar o que queremos, precisamos e deveríamos saber, mas essa janela pode se tornar problemática, pois a visão depende se ela é grande ou pequena, se contém vidros, se os vidros são opacos ou claros, etc. Além disso, a notícia tem o poder de moldar as opiniões de seu consumidor a respeito de tópicos sobre os quais ele possui uma visão leiga (TUCHMAN, 1978), Por isso, o conteúdo na notícia e o comprometimento do jornalista são tão importantes, uma vez que esses textos influenciarão e construirão opiniões nas mentes dos mais diversos tipos de leitores.

Lage (2006, p.16) define a notícia, no jornalismo moderno, como o “relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou mais interessante; e de cada

fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante”. Lustosa (1996) compartilha da mesma ideia de que a notícia é o relato, não o fato em si, podendo ser considerada um produto que está à venda, atendendo à lógica e às exigências do mercado. Um dos aspectos a ser considerado nessas definições do gênero notícia é que não estamos tratando da narração de acontecimentos, mas da exposição deles, onde os fatos são exibidos conforme a ordem de importância ou interesse e não na ordem temporal (LAGE, 2006).

Outra questão a ser considerada na escrita de uma notícia jornalística é a limitação do código, pois a redução de itens lexicais e/ou operadores de uso corrente pode aumentar e facilitar a comunicabilidade e a produção da mensagem (LAGE, 2006). No entanto, essa limitação no código linguístico diminui significativamente a amplitude dos conteúdos que são comunicados, pois

o universo das notícias é o das aparências do mundo; o noticiário não permite o conhecimento essencial das coisas, objeto do estudo científico, da prática teórica, a não ser por eventuais aplicações a fatos concretos. Por detrás das notícias corre uma trama infinita de relações dialéticas e percursos subjetivos que elas, por definição, não abarcam (LAGE, 2006, p. 22-23).

A linguagem jornalística é uma das restrições mais gerais do jornalismo noticioso, principalmente ao impor o uso de léxico e de gramática coloquiais, respeitando os limites do que é considerado socialmente adequado e correto à abrangência do veículo. A impessoalidade do redator também deve ser levada em conta na produção de uma notícia, pois quem a escreve deve ter uma postura ética distinta, reconhecendo se uma informação é importante ou desperta tanto interesse a ponto de ser publicada, ressaltando essa importância ou interesse e mantendo, ao mesmo tempo, a conformidade dos fatos (LAGE, 2006).

Outra característica que deveria ser inerente à notícia é a imparcialidade, mas como afirma Lustosa (1996), embora haja o propósito e compromisso por parte de alguns jornalistas, a imparcialidade e a impessoalidade jamais aconteceram de maneira efetiva no jornalismo. Ele afirma, ainda, que por não ser a tradução objetiva, imparcial e descomprometida de um fato, a notícia torna-se apenas uma versão de um fenômeno social, e o redator de um fato acaba sendo parcial ao escolher o melhor “ângulo” para descrevê-lo (LUSTOSA, 1996). Martin e White (2005), quando trabalham o Sistema de Avaliatividade, partilham desse posicionamento de Lustosa (1996). Para os autores, nenhum texto é inteiramente impessoal, pois carrega

consigo a subjetividade do autor/falante, na medida em que são adotados posicionamentos por esse autor, seja em relação ao assunto apresentado ou ao público (ideal) para quem o texto é direcionado.

Por ser uma construção retórica referencial, ou seja, aquilo que se reporta ao mundo objetivo, exterior ao processo de comunicação, a notícia trata das aparências do mundo. Aqueles conceitos que expressam subjetividade não aparecem na notícia, tais como o que alguém pensou, imaginou ou sonhou, mas o que alguém disse, afirmou, relatou, confessou, etc. Além disso, a notícia tem característica axiomática ao afirmar-se como verdadeira, pois não argumenta, não constrói silogismos, não conclui nem sustenta hipóteses, e o não verdadeiro não se transforma em notícia (LAGE, 2006).

Tecnicamente falando, não avaliamos a notícia pelo seu conteúdo moral, ético ou político, mas devemos levar em conta se o que foi reportado realmente ocorreu ou se o entrevistado disse realmente o que foi exposto na entrevista. Em tese, não existem notícias reacionárias ou progressistas, edificantes ou indecentes (LAGE, 2006). Segundo Abreu (2002), nos anos 70, tornou-se comum na imprensa a divulgação de informações fornecidas por pessoas que ocupavam altos cargos do poder político, mas que não tinham suas identidades reveladas. Essas informações eram chamadas de privilegiadas e esse modo de dar notícias ficou conhecido como “em *off*”, o que significa que a fonte não seria responsabilizada na notícia informada. No entanto, essa fonte sigilosa poderia acabar utilizando o jornalista para fins políticos e econômicos (ABREU, 2002).

Em relação à estrutura da notícia, a partir de uma leitura de cima para baixo, além do título, temos o *lead* que é o primeiro parágrafo do texto, cujo conteúdo contém o relato do fato principal de uma série, o que é mais importante ou interessante. Essa parte da notícia informa, normalmente, quem fez o que, a quem, quando, onde, como, por que e para quê (LAGE, 2006). A notícia busca uma forma padronizada e uma diversidade de conteúdo, o que se constitui como uma norma técnica formal de padronização (LUSTOSA, 1996). O autor explica que, além de um *lead* bem estruturado, conciso e claro, o texto de uma notícia deve conter quatro elementos essenciais: a) objetividade: o redator deve narrar o fato principal, sem supervalorizar detalhes que confundam o leitor; 2) clareza: o jornalista deve falar somente o que ele sabe, caso contrário estará disseminando falácias e, caso o detalhe não se constituía como uma informação relevante, deverá ser omitido; 3)

concisão: o jornalista não deve dizer em muitas palavras o que poderia dizer com poucas, procurando não se mostrar envolvido e íntimo dos fatos; 4) precisão: não deve informar números, por exemplo, se não tiver conhecimento da exatidão, não aumentando, não diminuindo e nem se contradizendo em relação a um número já informado (LUSTOSA, 1996).

A compreensão do papel social e político da notícia está alinhada a duas vertentes: uma que destaca o direito à informação e outra que enfatiza a liberdade de informar. Temos acesso a tantas informações que se torna imperativo que as empresas selecionem o que é mais importante e quem realiza essa seleção (sejam governos, empresas nacionais ou internacionais) deterá uma parcela significativa de poder (LAGE, 2006). Essa informação, de interesse coletivo ou de um grupo expressivo de pessoas, é transformada em notícia por meio de técnicas de jornalismo ou de redação jornalística, tornando-se um produto de consumo (LUSTOSA, 1996). Conforme destaca Lage (2006), se consideramos os jornalistas que trabalham nessas empresas como culpados pelas deformações no sistema de informação pública, estaremos cometendo uma injustiça, pois seria o mesmo que culpar os físicos pela bomba atômica e os biólogos pela guerra bacteriológica.

A comunicação midiática, a partir dessa visão, pode ser definida como um fenômeno de produção de sentido social, cujo jogo de aparências deveria ser apresentado “como informação objetiva, democracia, deliberação social, denúncia do mal e da mentira, explicação de fatos e descoberta da verdade” (LAGE, 2006, p. 29). Sendo assim, os discursos explicativos da mídia não devem ter como objetivo a verdade absoluta e menos a profecia, pois não deve ser considerada uma tradução exata da realidade (LAGE, 2006; LUSTOSA, 1996). Nosso papel como analistas de linguagem é observar de longe a fim de compreendermos e explicarmos como é o funcionamento da máquina de fabricar sentido social (CHARAUDEAU, 2007).

Apresentamos, na próxima seção, o que Charaudeau (20015) explica sobre uma das maneiras de relatar um acontecimento na mídia: o discurso reportado.

1.3.1 Discurso reportado em notícias

O resultado de relatar um acontecimento é construí-lo midiaticamente e a notícia é o objeto de um tratamento discursivo que pode ser desenvolvido a partir de diversas formas textuais: em forma de anúncio (os títulos), de notificações (as notas)

de relatórios (os artigos), dentre outras maneiras de construção da notícia, as quais denominamos “acontecimento relatado” (CHARAUDEAU, 2007). O acontecimento relatado podem ser fatos ou ditos. O primeiro está relacionado, por um lado, ao comportamento do indivíduo e com ações que ele empreende, com os casos de corrupção, por exemplo. Por outro lado, os fatos se relacionam às “forças da natureza” que modificam os estados do mundo, como as catástrofes naturais. Por outro lado, os ditos têm a ver com os posicionamentos diversos que podem ter o valor de testemunho, de decisão, de reação, etc. O que nos interessa explorar, por ora, são os ditos, uma vez que exploramos, neste estudo, os diferentes posicionamentos convocados pelos jornalistas das notícias analisadas.

Conforme explica Charaudeau (2007), a palavra do outro está sempre presente em nossos enunciados, o que institui um dialogismo permanente entre o outro e a pessoa que fala, tornado todo discurso heterogêneo, já que é formado por traços de enunciados do outro. Essa palavra do outro se apresenta de diferentes formas, de maneira mais ou menos explícita, com as mais diversas significações, por isso se faz necessário distinguir diferentes tipos de heterogeneidade, dentre eles o discurso relatado (CHARAUDEAU, 2007).

O discurso relatado pode ser definido como o ato de enunciação por meio do qual um locutor relata o que foi dito por um outro locutor, dirigindo-se a um interlocutor que, em princípio não é o interlocutor de origem. No entanto, o dito, o locutor e o interlocutor de origem estão situados em um espaço-tempo diferente daquele do dito relatado, do locutor e do interlocutor final. Dessa forma, podemos afirmar que o discurso relatado tem a principal característica de ser o encaixe de um dito num outro dito, pela manifestação da heterogeneidade do discurso. Essa heterogeneidade está marcada por índices os quais indicam que, ao menos, uma parte do que é dito deve ser atribuída a um locutor diferente daquele que fala (CHARAUDEAU, 2007). A notícia carrega essa característica, uma vez que o locutor, nesse caso o jornalista, acrescenta ao texto outras vozes além da própria voz.

Em relação às funções e efeitos do discurso relatado, Charaudeau (2007, p. 163) afirma que esse “dizer” do outro funciona de forma estratégica “como um discurso de prova, tanto em relação ao outro quanto a si mesmo”. Em relação ao outro, ao apoiar-se da operação de empréstimo, o discurso relatado visa proporcionar diferentes tipos de prova: de autenticidade do dito de origem (“Isso

realmente foi dito”); de responsabilidade daquele que disse (“Foi ele quem disse e não outra pessoa ou eu”); e de verdade do que foi dito (algo que sustente, justifique ou fundamente os propósitos do locutor).

Em relação a si, com o apoio da operação de demarcação, o discurso relatado tem como objetivo produzir a prova de um determinado posicionamento do locutor: posicionamento de autoridade (“Eu sei”); posicionamento de poder (“Eu faço saber a você o que você não sabe”); posicionamento de engajamento que, dependendo da escolha das palavras, revela a adesão do locutor-relator aos propósitos do locutor de origem (“É verdade que, como ele diz, ‘a Guerra do Golfo não aconteceu’”) ou a não adesão ao contestar a veracidade do já dito ou ao distanciar-se com relação a ele, ou mesmo denunciar sua falsidade (“Ele alegou que a Guerra do Golfo não tinha acontecido”) (CHARAUDEAU, 2007, p. 164).

Ao descrever o dito relatado temos como base três operações: a seleção feita a partir do dito de origem, a identificação dos elementos dos quais depende o dito e a maneira de relatar. A seleção poderá ser total, apresentando o dito in extenso o que produz um efeito de apagamento do locutor-relator e autenticação do dito, produzindo um efeito de objetivação. Também pode ser uma seleção parcial, quando apresenta apenas trechos do dito, surtindo um efeito de subjetivação, pois apenas uma parte do dito de origem é imposta ao olhar/ouvido (CHARAUDEAU, 2007, p. 164).

Da mesma forma, a identificação dos elementos, locutor e interlocutor de origem, por exemplo, dos quais depende a enunciação do dito de origem, também pode ser total (todos os elementos), parcial (alguns elementos) ou, até mesmo, não existir. Quanto maior for a identificação desses elementos pelo locutor, maior será a garantia de autenticidade daquilo que foi dito (CHARAUDEAU, 2007, p. 164).

A última operação que descreve o discurso relatado é a maneira de relatar, que pode ocorrer de diferentes formas, conforme descreve Charaudeau (2007):

- a) “citando” (citação) o que foi relatado, utilizando as mesmas palavras, reproduzindo fielmente o que foi enunciado, empregando as marcas de autonomia no dizer do locutor que relata, como dois pontos e aspas e outros dois tipos de construção: a identificação ou não do locutor de origem, seguida de dois pontos, introduzindo o discurso de origem entre aspas (“Jean-Pierre Thomas: ‘Teremos sucesso com a moeda única se

fizemos mais política”); e a identificação ou não do locutor de origem seguida de dois pontos ou ponto final, apresentando o discurso de origem sem aspas (“O doutor Rousset. É um fato da sociedade.”);

- b) “integrando” (relato) de forma parcial o discurso de origem em terceira pessoa, mencionando aquele que relata e modificando o enunciado inicial: “os pronomes e o tempo verbal dependem, não do momento de enunciação (“Minha vida corre perigo” será relatado como “Ele disse que sua vida corria perigo”) (CHARAUDEAU, 2007, p. 165);
- c) “narrativizando” (narração) o dito de origem que é relatado que integra-se ou mesmo desaparece do dito de quem relata. Sendo assim, o locutor do dito de origem passa a ser um agente do ato de dizer (“Eu te amo” pode ser relatado como “Ele lhe declarou seu amor”) (CHARAUDEAU, 2007, p. 165);
- d) “evocando” (citação evocada) o dito de origem, apresentado como uma evocação do que o locutor de origem disse ou costuma dizer. Essa maneira de relatar é comum em textos midiáticos para evocar uma palavra ou expressão da declaração de origem que significa “como ele mesmo diz” (CHARAUDEAU, 2007, p. 166).

Podemos mencionar, ainda, as causas e consequências discurso relatado. As causas compreendem os motivos externo ou internos que levaram o locutor de origem a proferir tal declaração. Os motivos externos são aqueles que obrigaram o declarante inicial a falar (pressão de poder público, de grupos organizados, de chantagistas, dentre outros). As motivações internas são os que dependem da intenção do declarante de origem, por vezes apresentados de modo integrado à descrição do dito relatado. As consequências do dito relatado podem ser apresentadas com se já tivesse ocorrido ou como eventuais e, geralmente, as mídias têm maior cuidado com as consequências do que com as causas.

Há certos debates públicos trazidos pela mídia, como é o caso da privatização, e que nos cercam em nossas leituras e interações com outras pessoas (GEE, 2007). Quando nos expressamos por meio da fala ou escrita, não estamos fazendo alusão somente às palavras de outrem, mas a temas e debates que têm sido foco de conversas em determinado grupo social com quem temos familiaridade

ou na sociedade com um todo. Gee (2007) chama esses temas, de bastante relevância e que são amplamente debatidos na atualidade, de Conversas, no inglês *Conversations*, utilizando o termo metaforicamente.

Muitos de nós temos hoje consciência dessas “Conversas” que estão em voga na sociedade como o aborto, o aquecimento global, o terrorismo, a privatização, a campanha contra o tabaco. Por exemplo, sabemos que fumar causa males à saúde devido às discussões que presenciamos sobre o tema na mídia. Saber sobre essas “Conversas” da atualidade permite-nos compreender e escolher melhor os vários posicionamentos que podemos tomar em debates sobre esses problemas e que tipos de pessoas estão, normalmente, de cada lado (GEE, 2007).

No Capítulo 2, desenvolve um pouco melhor o conceito de privatização, que podemos considerar uma das grandes “Conversas” da atualidade, com base em alguns teóricos da área do direito administrativo e explicamos, brevemente, os tipos de empresas (privada, pública e de capital misto) e como funciona a EBSEH.

CAPÍTULO 2 – PRIVATIZAÇÃO X EBSERH

Neste capítulo trazemos o conceito de privatização, na seção 2.1, e nas seções 2.1.1, 2.1.2 e 2.1.3 discutimos, brevemente, os conceitos de empresa pública, empresa de capital misto e empresa privada, respectivamente. Na seção 2.2 apresentamos uma breve explanação sobre o que é a EBSERH, tema da polêmica nas notícias que constituem o *corpus* de análise da presente pesquisa.

2.1 PRIVATIZAÇÃO

Considerando o objetivo desta pesquisa de investigar em que medida as marcas linguísticas de engajamento-atribuição contraem ou expandem os diferentes discursos sobre privatização, parece ser necessário tratarmos um pouco sobre esse termo, explicando como ele vem sendo conceituado pelos estudiosos da área de direito administrativo. Ademais, consideramos a relevância do assunto na atualidade, pois como já mencionado, a polêmica da privatização está entre os grandes debates ou “Conversas” da atualidade (GEE, 2007).

A atual crise política, econômica e financeira presenciada no nosso país, principalmente neste ano de 2017, vêm assolando nossa população. Funcionários públicos municipais e estaduais, por exemplo, têm visto o atraso ou mesmo o parcelamento de seus vencimentos e a perda da própria dignidade, em razão da má administração do dinheiro público pelos governos. A privatização tem sido uma das alternativas encontradas pelos estados e municípios para tentar obter maior racionalidade administrativa, eficiência operacional e redução de custos, com ganhos para usuários e contribuintes. A transferência da gestão de empresas e serviços estatais para empresas privadas, muitas vezes, significa um administração baseada em critérios políticos, mas que pode diminuir o espaço para crimes de lavagem de dinheiro e barganhas políticas¹⁰.

Conforme definição de Silveira Bueno (2000, p. 624), privatização é o “ato de privatizar, de passar à iniciativa privada uma empresa pública”. Esse termo foi inicialmente introduzido pela revista *The Economist*, em 1930, em uma reportagem

¹⁰ Fonte: <http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,o-avanco-da-privatizacao,70001965330>

de cobertura sobre a política econômica adotada pela Alemanha Nazista (EDWARDS, 1993).

A partir da década de 70, período posterior à grande prosperidade econômica vivida após a Segunda Guerra Mundial, o Estado entrou em crise devido ao crescimento econômico distorcido e ao processo de globalização. Como consequência, as taxas de desemprego e de inflação aumentaram, enquanto as taxas de crescimento econômico sofreram uma grande queda (BRESSER PEREIRA, 1998). Sendo assim, a grande tarefa política dos anos 90 foi a reforma do Estado, o que envolveria, pelo menos, quatro problemas: 1) a delimitação do tamanho do Estado; 2) a redefinição do papel regulador do Estado; 3) a capacidade financeira e administrativa de colocar em prática as decisões políticas tomadas pelo governo; 4) o aumento da capacidade política do governo em intermediar interesses, garantir a legitimidade e governar. Na delimitação do tamanho do Estado é introduzida a ideia de privatização, além dos conceitos de publicização¹¹ e terceirização¹² (BRESSER PEREIRA, 1998, p. 50). A crise fiscal do Estado, que o impedia de realizar investimentos, obrigou-o a acionar os recursos da privatização, a fim de minimizar suas dívidas, tornando claro que a atividade empresarial não é própria do Estado, pois é melhor controlada pelo mercado do que pela administração (BRESSER PEREIRA, 1998).

Para aqueles que defendem o processo de privatização, Ferraz (1999) afirma que o ato de privatizar é politicamente mais atraente, mesmo que seja um processo de difícil execução, uma vez que funcionários públicos afetados se mostram desfavoráveis. A privatização decorre do processo de globalização da economia quando há a necessidade de as empresas serem mais competitivas, a fim de sobreviverem e se desenvolverem. Desse modo, exige-se que a gestão da atividade econômica seja mais eficiente, e a experiência tem demonstrado que a iniciativa privada tem sido um meio mais competente para este fim, se comparada ao Poder Público (SOARES FILHO, 2002).

Por outro lado, Ravagnani (2013) sugere que a privatização está entre os mecanismos e práticas neoliberais dentro das políticas sociais, podendo ser definida

¹¹ Publicização refere-se ao processo de “transformar uma organização estatal em uma organização de direito privado, mas pública não-estatal” (BRESSER PEREIRA, 1998, p. 61).

¹² “Terceirização é o processo de transferir para o setor privado serviços auxiliares ou de apoio” (BRESSER PEREIRA, 1998, p. 61).

como uma investida bem-sucedida em diminuir e desmontar os direitos sociais. Como afirmam Sodré et al. (2013), a crise nos hospitais universitários brasileiros, por exemplo, abre espaço para uma rápida aproximação da privatização das áreas sociais sob responsabilidade estatal. Na atual conjuntura, com a crise econômico-política do nosso país, os estados não veem alternativa, senão a adesão às privatizações como, por exemplo, de HUs que estão cada vez mais sucateados e abandonados à própria sorte. Desse modo, a saúde e a educação pública acabam perdendo espaço para o mercado privado, em razão da ineficiência do Estado, subordinando-se àquilo que é ditado pelo mercado. Para Di Pietro (2011, p. 213), a privatização em seu sentido amplo é

[...] um conceito que abrange todas as formas pelas quais se busca uma diminuição do tamanho do Estado, podendo abranger a *desregulamentação* (diminuição da intervenção do Estado no domínio econômico), a *desmonopolização* de atividades econômicas, a *privatização de serviços públicos* (quando a atividade deixa de ser serviço público e volta à iniciativa privada), a *concessão de serviços públicos* (dada a empresa privada e não mais a empresa estatal) e as *contratações de terceiros* (*contracting out*), em que a administração pública celebra ajustes de variados tipos para buscar a colaboração com o setor privado, como os contratos de obras e prestação de serviços (a título de terceirização), os convênios, os contratos de gestão, os termos de parceria.

Nesse sentido, o ato de privatizar prevê claramente a perda do poder por parte do Estado e a celebração de várias parcerias, a fim de “adquirir” melhores serviços para a empresa que passa a não ser mais uma responsabilidade estatal, mas sim do setor privado.

A seguir, exploramos brevemente os conceitos de empresa pública, empresa privada e empresa de capital misto, a fim de esclarecermos um pouco melhor o que acabamos de observar sobre o processo de privatização.

2.1.1 Empresa pública

Como vimos na seção anterior, o processo de privatização ocorre quando uma empresa pública deixa de ser gerida pelo Estado e passa para a administração de uma instituição privada. Brasil (2016a) que dispõe sobre o estatuto jurídico da empresa pública, da sociedade de economia mista e de suas subsidiárias, no âmbito da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, empresa pública “é a entidade dotada de personalidade jurídica de direito privado, com criação autorizada

por lei e com patrimônio próprio, cujo capital social é integralmente detido pela União, pelos Estados, pelo Distrito Federal ou pelos Municípios” (BRASIL, 2016a, s/p).

Segundo Mello (2002, p. 2), as empresas públicas são as prestadoras de serviços públicos e devem cumprir rigorosamente as regras de direito público, operando no campo estatal, por excelência. A empresa pública surge a fim de consolidar a intervenção estatal econômica, sendo chamada de “Estado na qualidade de empresário” (SODRÉ et al., citando MEIRELLES, 2010, p. 405). No entanto, como explicam Sodré et al. (2013, p. 376), “mesmo quando voltados para a execução de serviços públicos, as empresas públicas admitem lucro, embora não seja esse seu objetivo principal”.

A EBSEH, empresa que é o foco da polêmica nas notícias analisadas nesta pesquisa, é uma empresa pública de direito privado e pode acumular lucro. Da mesma forma que outras empresas públicas, a EBSEH pode tornar-se uma empresa estatal dependente, ou seja, que recebe custeio orçamentário diretamente do Poder Público, ou não dependente, quando não depende de financiamento direto do Poder Público. Mais adiante, exploraremos melhor a situação da EBSEH no atual contexto de administração dos HUFs brasileiros.

Portanto, a principal característica de uma empresa pública é o seu capital exclusivamente público de uma ou mais entidades, sendo sua personalidade a de Direito Privado e suas atividades regidas pelos preceitos comerciais (MEIRELLES, 1998). É uma “empresa estatal por excelência, constituída, organizada e controlada pelo Poder Público” (MEIRELLES, 1998, p. 296). As empresas públicas, assim como as empresas de economia mista, não estão submetidas ao regime da Lei de Falência e Recuperação de Empresas, pois sua insolvência é regida por norma específica.

A seguir explicamos brevemente o que são as empresas de capital misto.

2.1.2 Empresa de capital misto

As empresas de capital misto, mais conhecidas como sociedades de economia mista, são entidades dotadas de personalidade jurídica de direito privado, legalmente criadas a fim de que seja explorada a atividade econômica, tomando a forma de sociedade anônima (MAMEDE, 2016). Suas ações, que possuem direito a

voto, pertencem majoritariamente à União ou à Entidade da Administração Indireta, cujas regras do Direito Administrativo são aplicáveis.

Como afirma Meirelles (1998), essas empresas contam com a participação do Poder Público e de particulares em seu capital e administração, a fim de executarem atividades econômicas ou serviços de interesse coletivo outorgado ou delegado pelo Estado. Assim como a empresa pública, as sociedades de economia mista também admitem lucro e são regidas por normas de sociedades mercantis. Do mesmo modo, são paraestatais, como as empresas públicas, uma vez que dependem do Estado para serem criadas, assim como “desempenham atribuições de interesse público que lhes forem cometidas” (MEIRELLES, 1998).

Conforme o disposto no Art. 4º da Lei nº 13.303, de 30 de junho de 2016 (BRASIL, 2016a), a pessoa jurídica que controla a sociedade de economia mista possui os deveres e a responsabilidade de acionista controlador, devendo exercer o poder do controle, conforme interesses da companhia, tendo em vista o interesse público que justificou a criação dessa empresa. Dirigentes e empregados são regidos pelas normas do Direito do Trabalho, onde estão compreendidas as disposições da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) e das leis previdenciárias e acidentárias comuns (MEIRELLES, 1998, p. 299).

Vejamos a seguir, as características inerentes às empresas privadas, fazendo um comparativo com as empresas públicas.

2.1.3 Empresa privada

Quando falamos em empresa privada, referimo-nos a um tipo de empresa em que “o proprietário é pessoa natural ou jurídica, sendo, então singular ou individual, se explorada por pessoa física, e coletiva, se organizada e dirigida por uma sociedade” (JUSBRASIL, 2016).

Johnson et al. (1996) lembram que é muito comum a afirmação de que a empresa pública é menos eficiente do que a empresa privada, tentando melhor explorar essa questão por meio de um estudo analítico, a fim de demonstrar as possíveis diferenças entre a administração pública e a privada. Por serem entidades hierarquicamente organizadas, as empresas sofrem forte influência de fatores ambientais, comportamento da cúpula, objetivos e comprometerimentos no que diz respeito ao seu próprio comportamento. No caso de empresas públicas, vários

processos tornam-se morosos, delicados e complexos, mas podem se mostrar muito mais simples e dinâmicos em uma empresa privada, pois nesse tipo de organização os objetivos são mais claros e o controle externo não é tão forte quanto aquele exercido sobre uma empresa pública, financiada por toda a sociedade (JOHNSON et al., 1996).

Em relação ao desempenho das empresas, Johnson et al. (1996) discutem a respeito da afirmação que se faz sobre a ineficiência e constantes prejuízos obtidos nas empresas públicas em contrapartida com o lucro e a eficiência das empresas privadas. Para os autores, mesmo que essa informação seja verdadeira, não devemos sustentar esses dados nessas afirmações, pois as empresas privadas, que operam em regime de mercado, “podem ter seu desempenho econômico avaliado pelo montante de lucro que apresentam”, sendo essa a sua finalidade primordial e o que justifica sua existência (JOHNSON et al., 1996, p. 83). Por outro lado, as empresas estatais podem ter outros objetivos que, algumas vezes, podem se sobrepor à finalidade lucrativa. Por exemplo, a necessidade de redução em tarifas do transporte público para populações de baixa renda poderia ser insuficiente para cobrir os custos de produção desse serviço, mas o prejuízo dessa empresa não expressaria necessariamente sua ineficiência e sim, uma opção política do Governo ao fixar tarifas de transporte (JOHNSON et al., 1996).

Portanto, como sugerem Tait e Pacheco (1999), uma das diferenças entre o setor privado e o público é a visão de lucro marcante no primeiro, contraposta à qualidade na prestação de serviço presente no segundo, sendo esse o quantificador similar do “lucro privado”. Ansoff (1990, p. 19) explica que, outrora, as empresas privadas eram vistas “como aptas produtoras, internamente eficientes, externamente empreendedoras e agressivas e empenhadas na busca do lucro com determinação inflexível”. Já as empresas públicas “eram entendidas como provedoras de serviços, e seu comportamento considerado como internamente burocrático, ineficiente e, externamente desprovido do espírito de aventura” (ANSOFF, 1990, p. 19). No entanto, essa diferenciação entre os dois tipos de organização tem se tornado vaga, pois, segundo o autor, estudos sobre organizações privadas têm demonstrado que a busca pelo lucro máximo está se restringindo à minoria delas. Além disso, na maior parte dessas empresas encontra-se a marca da burocracia, que antes era característica das empresas públicas. Por outro lado, essas últimas têm alcançado altos índices de eficiência e agressividade. Sendo assim, esses estereótipos que

diferenciam o setor privado do público vão, aos poucos, sendo desmitificados, uma vez que

o “setor privado” se encontra, de modo crescente, sob pressão no sentido de reprimir seu comportamento de perseguir o lucro, todas as vezes que tal comportamento viole a ética social ou produza efeitos colaterais indesejáveis de natureza física ou de “poluição” social. De idêntico modo é preciso que a empresa privada sirva ao público, desempenhando atividades inerentemente sem fins lucrativos (ANSOFF, 1990, p. 20).

O que podemos perceber é que, ao longo dos anos, tem-se uma crescente preocupação das empresas, sejam elas públicas, privadas ou de economia mista, com a questão da responsabilidade socioambiental e com a sociedade como um todo e, por isso, não devemos generalizar e nem criar estereótipos sobre possíveis características que as diferenciem. O que devemos ter em mente são as características inerentes a essas empresas, conforme explicado anteriormente como, por exemplo, por quem são dirigidas e mantidas.

Nesta seção, tivemos um panorama sobre os tipos de organizações ou empresas a fim de termos maior clareza ao explorarmos a polêmica que gira em torno da EBSEH e da possível privatização de HUFs por essa empresa, que será melhor descrita no capítulo de Metodologia desta tese.

Na seção 1.2 explicamos brevemente o que é a EBSEH e como se dá o funcionamento dessa empresa.

2.2 EBSEH

A EBSEH¹³ faz parte de um conjunto de ações empreendidas pelo Governo Federal no sentido de recuperar os hospitais vinculados às universidades federais. Por meio do Decreto nº 7.082, foi criado em 27 de janeiro 2010, pelo governo Lula, o Programa Nacional de Reestruturação dos HUFs (Rehuf), a partir do qual foram adotadas medidas que contemplam a reestruturação física e tecnológica das unidades, tais como a modernização do parque tecnológico, a revisão do financiamento da rede, com aumento progressivo do orçamento destinado às instituições, a melhoria dos processos de gestão, a recuperação do quadro de recursos humanos dos hospitais e o aprimoramento das atividades hospitalares

¹³ As informações desta seção foram coletadas no *site* da EBSEH: www.ebserh.gov.br/web/portal-ebserh.

vinculadas ao ensino, à pesquisa e à extensão, bem como à assistência à saúde (BRASIL, 2016b).

A EBSEERH, auto denominada como uma empresa pública vinculada ao Ministério da Educação (MEC), foi criada em 2011, já no governo Dilma Rousseff, por meio da Lei nº 12.550, com o propósito de dar continuidade ao processo de recuperação dos HUFs. A partir de então, a empresa passou a ser o órgão do MEC responsável pela gestão do Programa de Reestruturação e que, por meio de contrato firmado com as universidades federais que assim optarem, tem a responsabilidade de atuar no sentido de modernizar a gestão dos HUFs (BRASIL, 2016b).

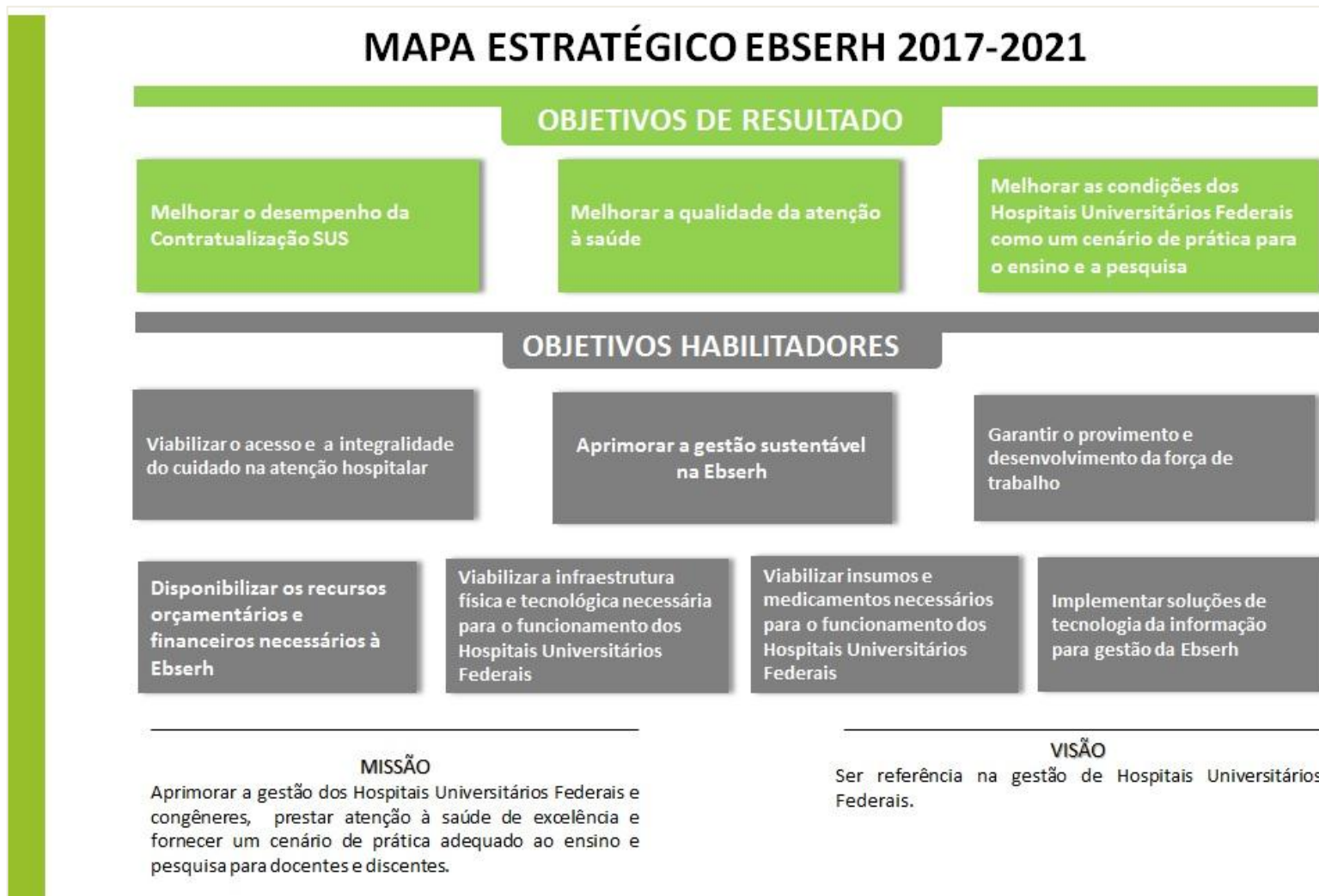
Os princípios da EBSEERH, conforme descrito no sítio eletrônico da empresa são: 1) missão: aprimorar permanentemente a gestão dos HUFs para prestarem atenção de qualidade à saúde no âmbito do SUS (Sistema Único de Saúde) e fornecerem um cenário de prática adequado ao ensino e pesquisa para docentes e discentes; 2) visão: ser referência na gestão de Hospitais Públicos; 3) valores: indissociabilidade entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão; qualidade e humanização no atendimento aos usuários do SUS; inovação Tecnológica; autossustentabilidade econômica; eficiência em gestão; valorização dos seus profissionais; construção coletiva de diretrizes e metas; sustentabilidade ambiental; transparência nas ações administrativas, assistenciais e educacionais; ética profissional. É tarefa da empresa preservar e reforçar o papel estratégico desempenhado pelas unidades hospitalares como centros de formação de profissionais na área da saúde e como prestadores de assistência à saúde da população, inteiramente, no âmbito do SUS (BRASIL, 2016b).

A Figura 2 apresenta o mapa estratégico da EBSEERH para os anos de 2015-2016. A título de ilustração, apresentamos também a Figura 3, que demonstra a função da empresa junto aos seus “clientes”, ou seja, os hospitais universitários. Pela Figura 3, é possível observar que seus clientes são unicamente o SUS e as universidades federais, estas representadas pelos respectivos hospitais universitários. A função da EBSEERH junto ao SUS é “prestar atenção à saúde por excelência”. Já em relação aos hospitais universitários, a função da Empresa é “definir diretrizes e aportar gestão de recursos financeiros, humanos, infraestruturais e tecnológicos” (BRASIL, 2016b).

Os HUFs são importantes centros de formação de recursos humanos na área da saúde e prestam apoio ao ensino, à pesquisa e à extensão das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) às quais estão vinculados. Além disso, no campo da assistência à saúde, os HUFs são centros de referência de média e alta complexidade para o SUS. A rede de HUFs é formada por 50 hospitais vinculados a 35 universidades federais, conforme mostra a Figura 4. Cabe às universidades federais que possuem hospitais contratar ou não a EBSEH. A adesão dessas instituições é feita por meio da assinatura de um Termo de Adesão e Contrato e a decisão pela contratação cabe a cada universidade, no âmbito de sua autonomia (BRASIL, 2016b).

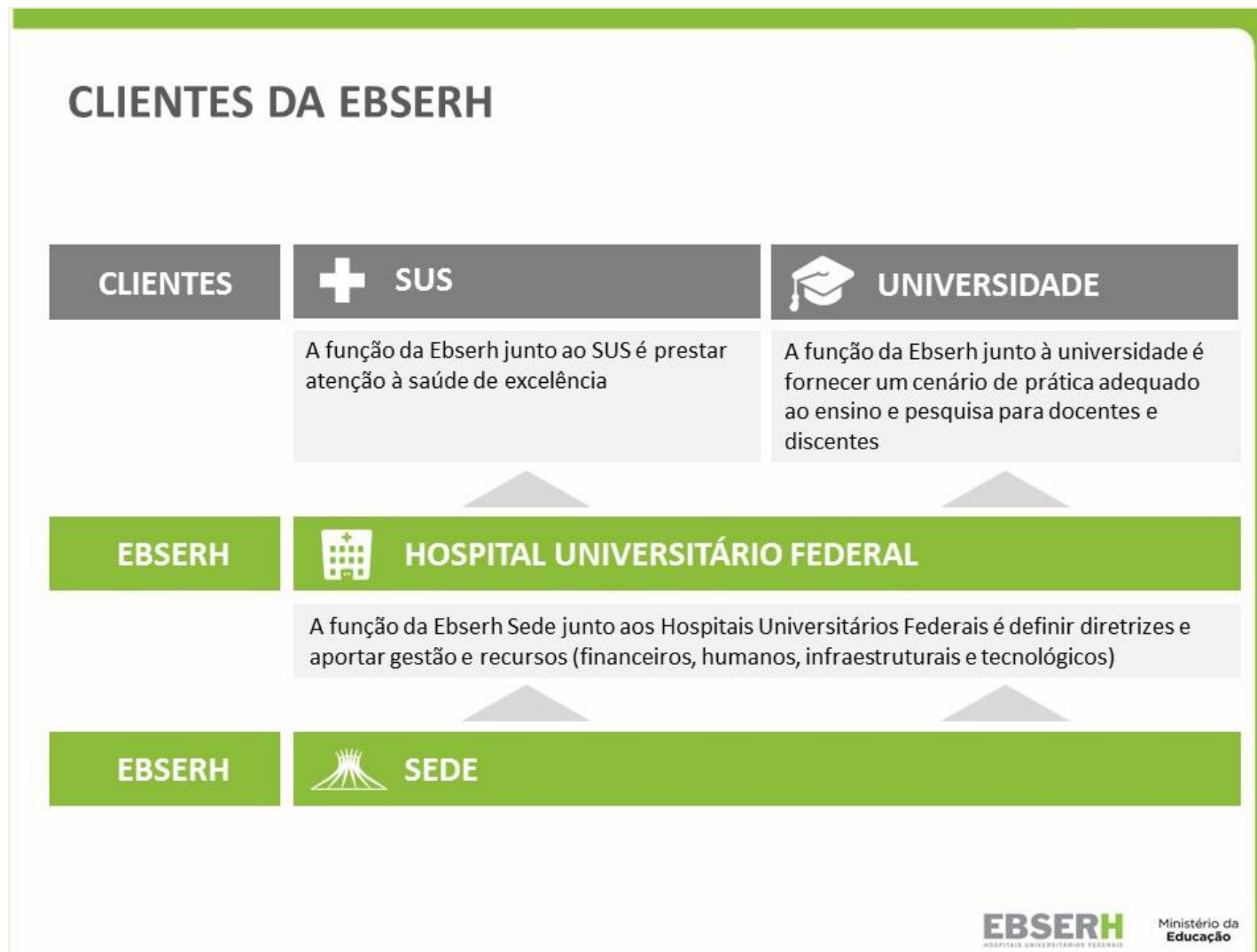
No próximo capítulo, apresentamos alguns princípios teóricos da LSF, teoria de onde parte o Sistema de Avaliatividade, que fornecerá o embasamento teórico para este estudo.

Figura 2 – Mapa estratégico EBSEH 2015-2016



Fonte: (www.EBSEH.gov.br/web/portal-EBSEH/mapa-estrategico).

Figura 3 – Clientes da EBSEERH



Fonte: (www.EBSEERH.gov.br/web/portaI-EBSEERH/clientes-EBSEERH).

Figura 4 – IFES com Hospitais Universitários Federais



Fonte: (www.EBSE RH.gov.br/web/porta l-EBSE RH/apresenta cao1).

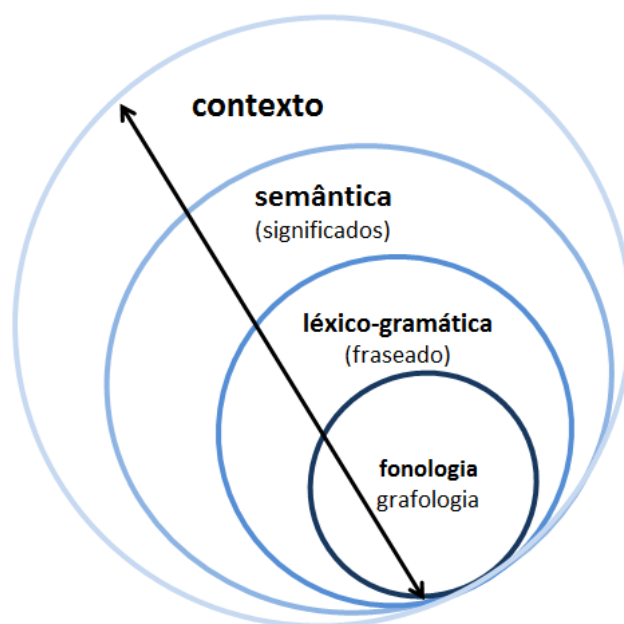
CAPÍTULO 3 – LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

Este capítulo está dividido em duas seções com suas respectivas subseções: na seção 3.1 abordamos o conceito de linguagem, metafunções e sistemas, de acordo com a LSF. Nas subseções 3.1.1 apresentamos a metafunção ideacional, explicando suas respectivas funções: a função experiencial e o sistema de transitividade, na seção 3.1.1.1, com foco nos processos verbais e mentais, na seção 3.1.1.1.1, e a função lógica, na seção 3.1.1.2, onde explicamos o que são as relações lógico-semânticas e, mais especificamente, a relação lógico-semântica de projeção, na seção 3.1.1.2.1. Na seção 3.2, discutimos os pressupostos teóricos que dão alicerce ao Sistema de Avalitividade e nas subseções 3.2.1 e 3.2.1.1, apresentamos o subsistema de engajamento e a categoria de atribuição, respectivamente.

3.1 LINGUAGEM, METAFUNÇÕES, SISTEMAS

A partir do embasamento da LSF, introduzida pelo linguista M. A. K Halliday, em 1985, sob influência dos estudos de J. R. Firth [1890-1960], foi possível uma compreensão mais ampla sobre a inter-relação entre texto, significações e contexto (MEURER, 2006; FUZER; CABRAL, 2014). Segundo essa ótica, a linguagem é entendida como um recurso por meio do qual fazemos e trocamos significados, possibilitando que desempenhemos determinados papéis sociais na sociedade em que vivemos. Ainda poderíamos vislumbrar a linguagem como um sistema semiótico amparado pela gramática e cuja característica peculiar é a organização em estratos, haja vista sua heterogeneidade funcional, o que podemos delimitar conforme a ordem de abstração ilustrada pela Figura 5:

Figura 5 – Organização da linguagem em estratos



Fonte: Adaptado de Halliday e Matthiessen (2004).

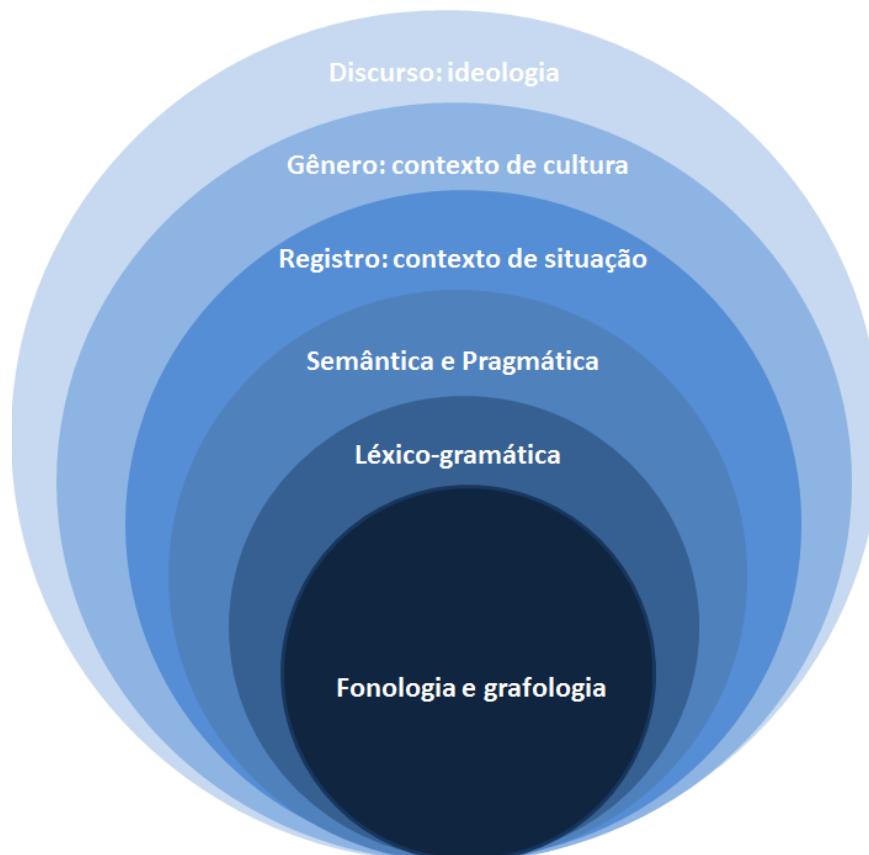
Todos esses níveis ou estratos são envoltos pelo contexto: a semântica, constituindo o sistema de significados, que se realiza por meio da léxico-gramática ou pelas estruturas gramaticais e itens lexicais, cuja realização se dá pela fonologia e pela grafologia, que constituem os sistemas de sonoridade e de grafia, respectivamente (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

A teoria sistêmico-funcional permite que identifiquemos as estruturas de linguagem específica que contribuem para o significado de um texto (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Quando falamos ou escrevemos, estamos produzindo um texto que, conforme essa visão, é qualquer instância de linguagem, em qualquer meio, que faça sentido para um indivíduo conhecedor da linguagem. A linguagem seria, então, um recurso para fazer significado e o texto um processo de fazer significado, em um dado contexto (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 3). Por exemplo, podemos expressar uma opinião sobre determinado assunto que, de certo modo, nos afeta, direta ou indiretamente, por meio da coluna de opinião de um jornal ou através de uma carta ao editor, em uma revista, expressando nossa angústia ou contentamento sobre o teor de determinada reportagem veiculada. Em função de sua natureza interativa, o texto deve ser analisado conforme seu propósito comunicativo e seu processo de criação e, dessa maneira, pode ser definido “como um objeto em si mesmo e como um instrumento para atingir um fim” (FUZER;

CABRAL, 2014). O texto não pode ser definido, simplesmente, como uma unidade semântica composta de orações, uma vez que ele se realiza por meio de orações. Por constituir um processo semântico, o texto é uma unidade que pode revelar padrões em relação à situação, constituindo os diferentes registros, os quais podem ser definidos como a “configuração de significados que acontecem por causa da situação” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 25).

Ao concebermos a linguagem como um sistema sociosemiótico, por meio do qual um indivíduo constrói sua própria experiência, podemos dizer que ela exhibe as mais diversas realizações, estando condicionada a fatores extralinguísticos, para além daqueles linguísticos já mencionados (semântica, léxico-gramática e fonologia), como propõe Motta-Roth (2006, p. 65), com base em Martin (1992), na Figura 6:

Figura 6 – Estratificação dos planos comunicativos (linguístico e contextual)



Fonte: MOTTA-ROTH (2006, p. 65, adaptando MARTIN, 1992, p. 496).

Todo e qualquer uso da língua que seja concebido por meio de um texto estará, necessariamente, envolto por um determinado contexto. Este é o princípio fundamental proposto por Malinowski e adotado pela LSF. O contexto está intrinsecamente relacionado ao texto produzido, de modo que a relação sistemática entre eles se dá entre o meio social e a organização funcional da linguagem (FUZER; CABRAL, 2014). Desse modo, a linguagem é vista como um sistema de ação, cuja materialidade acontece por meio das escolhas linguísticas que cada falante necessita realizar, considerando sempre o conjunto de variáveis do contexto, que são uma condição para o ato comunicativo (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Para Halliday e Hasan (1989, p. 5), contexto pode ser definido como “o ambiente completo onde o texto é produzido”, e pode ser dividido em duas instâncias que definem o potencial de significado de um texto: o contexto de situação e o contexto de cultura. O primeiro diz respeito ao ambiente imediato onde um determinado texto opera, possibilitando que interlocutores reconheçam o que está por vir no texto. Diferentes contextos de situação possibilitam leituras diversificadas para cada enunciado produzido pelos falantes. No entanto, o contexto de situação nem sempre será suficiente para a compreensão de um texto, pois, frequentemente, precisamos que informações mais detalhadas em relação à história cultural dos interactantes e dos tipos de práticas nas quais estão envolvidos. A fim de preencher essa lacuna, foi criada a noção de contexto de cultura, pois somente assim poderemos compreender inteiramente os significados inerentes a determinados textos (HALLIDAY; HASAN, 1989; FUZER; CABRAL, 2014).

O contexto de cultura tem a ver não somente com práticas mais amplas associadas a determinados países ou grupos étnicos, mas também com práticas institucionalizadas em certos grupos sociais, como a família, a faculdade, a igreja, o trabalho, entre outros grupos nos quais estamos inseridos. Podemos dizer, também, que contexto de cultura e propósito social estão inter-relacionados, pois pessoas, cujos usos da linguagem visam a propósitos parecidos, reproduzem, ao longo do tempo, tipos comuns de textos escritos ou falados, os quais chamamos de gêneros. Meurer (2006) examina a inter-relação entre gênero textual e contexto de cultura, afirmando que este tem como característica principal a ocorrência de práticas sociais ou instanciação realizadas por sujeitos que agem, conforme prescrições identitárias. O contexto de cultura pode ser resumido em três dimensões sociais: práticas, prescrições de papéis e regras/recursos. A primeira trata das atividades rotineiras

que indivíduos realizam no decorrer de suas vidas em diferentes contextos; a segunda tem a ver com direitos e deveres que cada pessoa tem quando participa de determinada prática social e, por fim, as regras-recursos dizem respeito a uma noção abstrata cuja estrutura se refere a uma dimensão da teoria da estruturação, resultando da aplicação de regras e recursos utilizados na produção e reprodução da ação humana (MEURER, 2006, com base em GIDDENS, 1979).

Motta-Roth (2006) explica que o gênero pode ser pensado como uma atividade que é constituída na linguagem em um determinado contexto de situação, engendrando papéis para seus participantes e estruturando o contexto de cultura, o qual sofre a ação de diversos discursos e ideologias. Juntos, o contexto de situação, contexto de cultura e a linguagem são representados por uma dinâmica estabelecida pelas variáveis do texto e do contexto. As múltiplas visões de mundo e ideologias, último estrato do plano comunicativo, conforme Halliday e Martin (1993) e Motta-Roth (2006), representadas pela linguagem são demonstradas pelos variados discursos que atravessam os contextos (MOTTA-ROTH, 2006). Contexto de cultura e contexto de situação são diferentes em termos de estabilidade, uma vez que o primeiro, por ser mais estável, é constituído por práticas, valores e crenças mais recorrentes que perduram ao longo do tempo em uma comunidade e são compartilhados no grupo social. O contexto de situação, por sua vez, é menos estável, pois é formado pelo entorno mais imediato em que o texto está inserido. Ele trata de uma instância imediata de uso da linguagem, apresentando três variáveis: campo (natureza da atividade social), relações (participantes da interação, suas posições e papéis) e modo (função que a língua desempenha no momento da interação) (HALLIDAY; HASAN, 1989; HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, 2014).

O campo informa a atividade na qual os participantes estão engajados, a natureza dessa ação social que está acontecendo, tendo em vista determinados objetivos. Já a variável relações nos informa sobre os participantes envolvidos, os papéis por eles desempenhados, o grau de controle que um exerce sobre o outro, a relação entre eles (de hierarquia ou não) e o grau de distanciamento social ou formalidade entre esses participantes (mínima, média ou máxima, dependendo da frequência com que interagem). Finalmente, o modo revela a função desempenhada pela linguagem e o veículo utilizado naquela interação, além de se referir àquilo que os participantes esperam que a linguagem faça por eles em determinada situação.

Ademais, o modo tem a ver com o papel da linguagem (constitutivo ou auxiliar), o compartilhamento entre os participantes (dialógico ou monológico), o canal (gráfico ou fônico) e o meio (oral com ou sem contato visual, escrito e/ou não verbal) (HALLIDAY; HASAN, 1989; HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, 2014).

O reconhecimento de marcas linguísticas que permitem com que reconheçamos cada uma das variáveis do contexto de situação nos mais variados tipos de texto só se torna possível porque o campo, as relações e o modo estão estritamente relacionados às funções desempenhadas pela linguagem, chamadas, segundo Halliday (1994), de metafunções. As metafunções são manifestações dos objetivos adjacentes a todos os usos da língua: compreender o meio (ideacional), relacionar-se com os outros (interpessoal) e organizar a informação (textual). Elas estão relacionadas, respectivamente, às variáveis contextuais de campo, relações e modo. Essas metafunções permitem que possamos definir a oração como uma unidade gramatical constituída de diversas funções, pois se organiza, no nível da semântica, conforme os significados ideacionais, interpessoais e textuais, de modo a ser concebida como uma composição: oração como representação, oração como interação e oração como mensagem. No estrato léxico-gramatical cada sistema realiza uma das metafunções (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

A metafunção ideacional é realizada pelas funções experiencial e lógica. A primeira delas constrói um modelo de representação do mundo, cuja unidade de análise é a oração. Ao examinarmos uma oração, consideramos o sistema de transitividade, que desempenha a função de construir a experiência em termos de configuração de processos, participantes e circunstâncias. Nesse sistema a oração é entendida como representação.

Já a segunda – a função lógica - tem sob sua responsabilidade a combinação dos grupos lexicais e oracionais, cuja unidade de análise é o complexo oracional. As orações se conectam umas as outras por meio de algum tipo de relação lógico-semântica, formando os complexos oracionais, que representam sequências de proposições apresentadas como mensagens textualmente relacionadas (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Neste trabalho, o foco da nossa análise será justamente essas relações lógico-semânticas que formam complexos oracionais nos textos das notícias.

Ao observarmos a metafunção interpessoal, teremos outro sistema a ser examinado, o MODO. Esse recurso gramatical é utilizado para expressar a interação entre os participantes de um evento comunicativo, ao considerar as funções dos elementos que formam uma oração (Sujeito, Finito, Complemento, Predicador ou Adjunto). Quando analisamos o sistema de MODO, precisamos explicitar informações, tais como o tempo (passado, presente, futuro) em que ocorre o evento, a modalidade (probabilidade, usualidade, obrigação, inclinação), e a polaridade (positiva ou negativa). A partir desse sistema, a oração é compreendida como troca de informações ou de bens e serviços.

Na metafunção textual a oração é vista como mensagem, constituída de um Tema e de um Rema, respectivamente, pois o primeiro sempre aparecerá na primeira parte da oração, já que é o ponto de partida da mensagem, localizando e orientando a oração dentro do seu respectivo contexto. A variável contextual modo tende a determinar as formas de coesão (elipse, referência, substituição), os padrões de voz e tema (voz ativa e passiva), as formas dêiticas (exofóricas, referenciais) e a continuidade léxico-lógica (repetição) (FUZER; CABRAL, 2014).

Cada uma das metafunções possuem diferentes objetos a serem analisados, uma vez que há diferentes sistemas de realização léxico-gramatical para cada uma. A fim de compreendermos funcionalmente a estrutura gramatical, precisamos da ferramenta da multifuncionalidade, pois por meio dela os componentes linguísticos de uma mesma oração são interpretados sob diferentes enfoques (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, 2004; FUZER; CABRAL, 2014). Por se tratar de uma unidade gramatical plurifuncional, a organização de uma oração acontece internamente, conforme significados ideacionais, interpessoais e textuais. A partir desse enfoque, podemos entender a oração como um constructo de representações e relações organizado como mensagem.

Destacamos que a ênfase de nossa análise será sobre a metafunção ideacional e suas funções experiencial e lógica, aliada ao Sistema de Avaliatividade, este da metafunção interpessoal. Na sequência, veremos a função experiencial, explicando a construção da experiência em termos de configuração de processos, participantes e circunstância, com foco nas orações verbais e mentais. Em seguida, passamos para a função lógica da metafunção ideacional, explicando o que são as relações lógico-semânticas, mais especificamente as projeções.

3.1.1 Metafunção ideacional

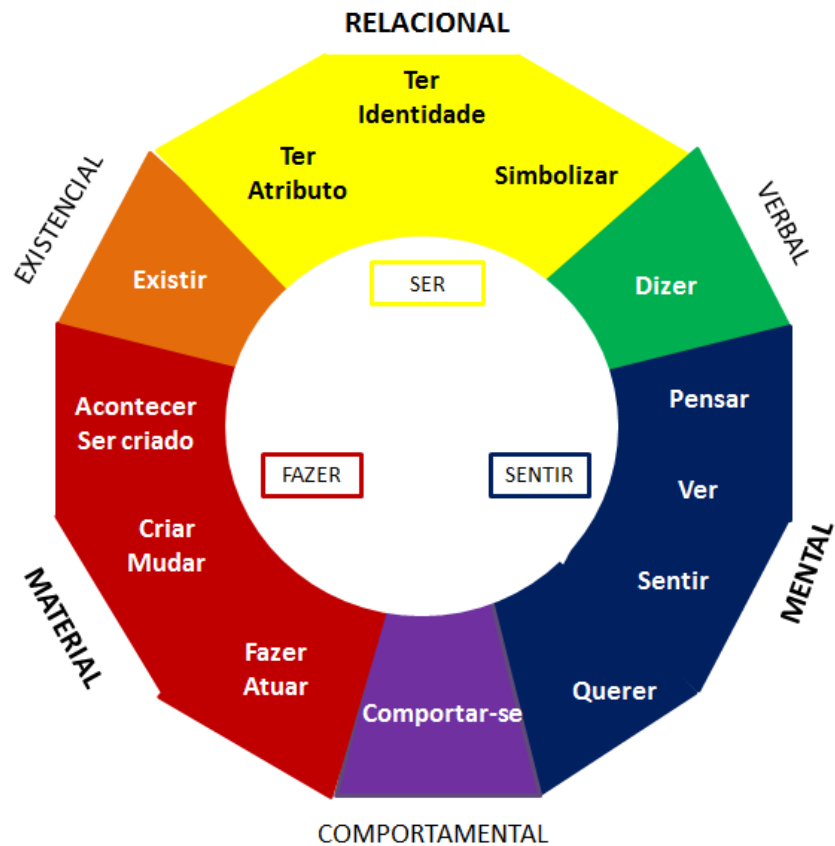
3.1.1.1 Função experiencial: sistema de transitividade

Ao expressarmos nossa experiência do mundo material ou do nosso mundo interior (da própria consciência), utilizamos o componente experiencial da metafunção ideacional da linguagem (HALLIDAY; MATTHIESSEN; 2014; FUZER; CABRAL, 2014). Quando agimos no mundo exterior e no mundo da nossa consciência, temos diferentes experiências, o que inclui a percepção, a emoção e a imaginação (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Essa experiência se materializa na forma de eventos ou ações e também de atores os quais fazem com que essas ações ou eventos aconteçam. Ela é formada por lembranças, reações, reflexões e estados de espírito que se verificam no nível da consciência. Além desses dois domínios experienciais, o indivíduo pode fazer relações entre os dois elementos de seu conhecimento, por meio da identificação ou caracterização. Os significados da experiência estão relacionados com o que fazemos no mundo (campo) que se manifestam gramaticalmente no sistema de transitividade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

Na GSF, a transitividade dá conta da descrição da oração como um todo, cujo arranjo engloba processos, participantes e circunstâncias. A relação entre esses componentes cria uma figura, a oração (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999). As figuras são variáveis entre si, de acordo com o tipo de processo empregado, pois podemos ter figuras de “fazer”, de “acontecer”, de “sentir”, de “dizer”, de “existir” e de “comportar-se”. Sendo assim, a figura é definida pelos significados produzidos pelos processos somados aos participantes e, muitas vezes, às circunstâncias (FUZER; CABRAL, 2014).

Os processos são eventos que moldam nossas experiências ou atividades que realizamos no mundo, traduzindo aspectos do mundo físico, mental e social. Conforme a GSF, os processos por meio dos quais o ser humano representa suas experiências de mundo podem ser divididos em três categorias principais: materiais, mentais e relacionais, havendo outros processos secundários na fronteira entre esses três. A Figura 7 mostra os seis tipos de processos do sistema de transitividade.

Figura 7 – Tipos de processos nas orações



Fonte: Adaptado de Halliday (2014, p. 215).

Os processos materiais realizam a representação de uma experiência externa (ações e eventos), como “fazer, construir, acontecer”. Já os processos mentais realizam representações da nossa experiência interna (lembranças, reações, reflexões, estados de espírito), como “lembrar, pensar, sonhar, amar”. Os processos relacionais realizam a representação de relações (identificação e caracterização), como “ser, estar, virar, ter”. No limite entre esses principais, há os processos comportamentais, os verbais e os existenciais. Os comportamentais realizam a representação de comportamentos (atividades psicológicas ou fisiológicas do ser humano), tais como “dormir, tossir, dançar, bocejar” e encontram-se entre os materiais e os mentais. A representação de dizeres (atividades linguísticas dos participantes) é realizada pelos processos verbais, localizados no limite entre os mentais e os relacionais, como “falar, dizer, informar, reportar, perguntar”. Finalmente, os processos existenciais realizam a representação da existência de um participante (o “estar no mundo”), situados entre relacionais e materiais, como

“existir” e “haver” (FUZER; CABRAL, 2014). Os Exemplos¹⁴ 1, 2, 3 mostram o emprego do processo material “ocorrer”, do mental “lembrar” e do relacional “ser”, respectivamente.

Exemplo 1

“Ninguém sabe o que **acontece** com a obra, o que **acontece** com o contrato da EBSEH (Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares)”. (UFJF#20)

Exemplo 2

Ele **lembra** que incorporou mudanças em seu relatório justamente [...]. (UFGD#1)

Exemplo 3

De acordo com a reitora, a abertura da UTI **será** um sonho realizado e que, com a adesão a EBSEH, não corre risco de dar errado. (FURG#1)

Já os Exemplos 4, 5 e 6 trazem o processo comportamental “dançar”, o verbal “dizer” e o existencial “haver”, respectivamente.

Exemplo 4

Neymar **dança** em evento beneficente. (FUZER; CABRAL, 2014)

Exemplo 5

Luiz Santos Júnior também **disse** que o hospital universitário vai contribuir com o sistema de saúde, [...]. (UFPI#1)

Exemplo 6

Conforme o órgão, não **há** a menor possibilidade de terceirização ou privatização dos serviços de saúde [...]. (UFPEL#5)

Para Halliday e Matthiessen (2014), esse sistema está fundamentado no princípio de indeterminação sistemática, o que nos leva a crer que tudo é relativo em linguagem, incluindo a identificação dos processos e, conseqüentemente, das figuras representadas. O único meio de identificarmos um processo como de um tipo ou de outro é por meio do contexto e das relações semânticas. Desse modo, um

¹⁴ A maior parte dos exemplos apresentados no Capítulo 3 foram trazidos do *corpus* da presente pesquisa. Salienciamos que os textos das notícias analisadas não foram gramaticalmente corrigidos e/ou alterados por esta autora e, portanto, serão apresentados como estão nos *sites* de onde foram coletados.

grupo verbal pode realizar processos diferentes, dependendo das combinações léxico-gramaticais.

Além de processos e participantes, é importante que citeamos as circunstâncias, que também fazem parte do sistema de transitividade: de extensão, de localização, de modo, de causa, de contingência, de acompanhamento, de papel de assunto e de ângulo. Dentre as circunstâncias, interessa a este trabalho aquela que é denominada ângulo, utilizada para representar a fonte da informação.

As circunstâncias de ângulo são expressas por expressões, tais como “de acordo com”, “nas palavras de”, “segundo”, “para”, etc. Pode ser chamada de “ponto de vista”, pois é empregada para representar a informação da oração a partir do ponto de vista de alguém. As circunstâncias de ângulo substituem, de certo modo, a presença de processos verbais, equivalendo-se a eles e são acompanhadas também do equivalente da Verbiagem, “algo que é descrito, narrado, referido”. O Exemplo 7 apresenta circunstância de Ângulo de nosso *corpus*.

Exemplo 7:

De acordo com o presidente do Sintufejuf, Paulo Dimas, este manifesto Ebserh também está ocorrendo em outros hospitais universitários do Brasil. (UFJF#18)

No Exemplo 7, a proposição é iniciada com a circunstância de ângulo “de acordo com”, apresentando uma informação a partir do ponto de vista do presidente da Sintufejuf, Paulo Dimas.

Como este trabalho trata das diferentes vozes convocadas pelos jornalistas em notícias de cunho informativo, destacamos dois tipos de processos que serão importantes para nossa análise: os processos verbais e os processos mentais. Na subseção 3.1.1.1.2, apresentamos esses processos com maior detalhamento, pois eles foram bastante recorrentes nas notícias do *corpus* deste estudo e, por isso, foram selecionados como foco deste trabalho, dentre os processos que formam o sistema de transitividade.

3.1.1.1.1 Orações verbais e mentais

Os processos verbais estão localizados em um contínuo entre os relacionais e os mentais e compartilham atributos de ambos, formando um tipo particular de processo (HALLIDAY, MATTHIESSEN, 2014). Processos verbais e mentais dividem

a capacidade de projetar fenômenos de segunda ordem. As orações com processos verbais auxiliam para a existência de passagens dialógicas, permitindo que o jornalista atribua informações a vozes externas. O discurso jornalístico utiliza com muita frequência os processos verbais, tendo em vista o cuidado com o discurso das fontes consultadas (CABRAL; BARBARA, 2012). As orações verbais têm seu núcleo formado pelos processos de dizer e auxiliam na constituição de vários gêneros, como a notícia, ao permitirem que o jornalista atribua informações a diversas fontes (FUZER; CABRAL, 2014), conferindo credibilidade ao discurso jornalístico.

Processos verbais podem ser de dois tipos: de atividade e de semiose. Como exemplos de processos verbais de atividade temos “acusar”, “elogiar”, “criticar” “falar”, “xingar”, etc. Já os processos verbais de semiose englobam verbos como “contar”, “relatar”, “perguntar”, “ameaçar”, “dizer”, “explicar”, etc (CABRAL; BARBARA, 2012; HALLIDAY; MATTHIESSEN; 2014). O Quadro 1, apresenta exemplos de verbos que realizam processos verbais.

Quadro 1 – Verbos que realizam processos verbais

Tipo	Exemplos de verbos	
Atividade	Alvo	<i>acusar, caluniar, criticar, culpar, difamar, denunciar, elogiar, injuriar, insultar, lisonjear, repreender, xingar</i>
	Fala	<i>conversar, falar</i>
Semiose	Neutro	<i>contar, dizer</i>
	Indicação	<i>anunciar, contar (algo a alguém), convencer (alguém de algo), explicar, informar, provar, relatar, persuadir (alguém de algo), prometer (algo a alguém)</i>
		<i>perguntar (a alguém se), interrogar, indagar-se</i>
Comando	<i>ameaçar (alguém de algo), convencer (alguém a pensar ou fazer algo), dizer (para alguém fazer algo), exigir, implorar, mandar, pedir (para alguém fazer algo), ordenar, persuadir (alguém a fazer algo), prometer (algo a alguém), rogar, solicitar, suplicar</i>	

Fonte: Adaptado de Halliday e Matthiessen (2014, p. 305) e Fuzer e Cabral (2014, p. 72).

Dentre os participantes das orações verbais estão, normalmente, um Dizente, um Receptor, uma Verbiagem e, às vezes, um Alvo (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, 2014; VERGARA, 2015, p. 147). Dizente é o próprio falante; Receptor é o participante para quem é dirigida a mensagem; a Verbiagem é o que é

dito e o Alvo é a entidade atingida pelo processo de dizer (FUZER; CABRAL, 2014, p. 73). O Exemplo 8 mostra uma oração verbal constituída por alguns desses participantes.

Exemplo 8

Dunga Dizente	pede Processo Verbal	desculpas Verbiagem	à torcida. (FUZER; CABRAL, 2014) Receptor
-------------------------	--------------------------------	-------------------------------	---

O dizer, que se constitui como elemento complementar dos processos verbais, pode ser representado de duas maneiras diferentes na oração verbal: por meio do participante Verbiagem ou pela projeção. A Verbiagem, aquilo sobre o que se fala, pode indicar o conteúdo do que é dito, o nome do dizer ou o nome de uma língua e são realizados, geralmente, por um grupo nominal que pode ser a nominalização do que é dito. Esse papel de Verbiagem pode, muitas vezes, ser realizado por outra oração que é chamada de projetada. A projeção, que veremos mais detalhadamente na subseção 3.1.1.3, é uma relação lógico-semântica por meio da qual a oração funciona como a representação da representação, na forma de relato ou de citação, sendo comum em notícias, quando o autor deseja atribuir a informação a fontes externas (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, 2014; CABRAL; BARBARA, 2012).

Uma das formas de projeção é a citação, como no Exemplo 9, sendo que a oração projetante é constituída por um processo verbal, o “dizer” e a projetada vem normalmente introduzida, na forma escrita, por aspas.

Exemplo 9

“Os terceirizados receberão capacitação para participar de processo seletivo simplificado para que possam permanecer no quadro de pessoal”, **disse**. (UFRN#7)

Também é possível projetar o discurso do outro por meio de relato, cuja oração pode ser introduzida por “que” ou “se”, conforme mostrado no Exemplo 10.

Exemplo 10

A direção **afirma que**, imediatamente, o cumprimento da renegociação [...]. (UFU#3)

Não só para falar utilizamos a linguagem, mas também a utilizamos para pensar (HALLIDAY, MATTHIESSEN, 2014). Orações mentais são formadas por processos que se referem à experiência do mundo de nossa consciência (HALLIDAY, MATTHIESSEN, 2014; FUZER; CABRAL, 2014). Eles podem indicar afeição (adorar, abominar), cognição (acreditar, esquecer) percepção (escutar, provar) ou desejo (almejar, cobiçar) e têm a função de construir o fluxo de consciência do falante/escritor. Nesses tipos de oração o participante pode ser um humano ou coletivos humanos que pensam, sentem, percebem e desejam e também seres inanimados ou desprovidos de consciência criados pela mente humana, que são chamados de Experienciadores. Já aquilo que é pensado, sentido, percebido ou desejado é chamado de Fenômeno (HALLIDAY, MATTHIESSEN, 2014; FUZER; CABRAL, 2014), como apresentamos no Exemplo 11.

Exemplo 11

Abelhas Experienciador	não gostam Processo Mental	de celulares. (FUZER; CABRAL, 2014) Fenômeno
----------------------------------	--------------------------------------	--

Uma oração mental pode também projetar outro oração. Utilizamos o nexos projetante com orações mentais na representação do pensamento do falante ou destinatário em um diálogo, para representar a consciência de um personagem em uma narrativa, as opiniões e crenças de um especialista ou instituição em reportagens e no discurso científico, assim como para representar o ponto de vista do falante nesse último gênero, como resultado de uma linha de raciocínio (HALLIDAY, MATTHIESSEN, 2014, p. 515). Por exemplo, no complexo oracional trazido no Exemplo 12, a oração projetante é mental, mais especificamente de cognição, enquanto que a oração projetada representa uma ideia em vez de uma locução.

Exemplo 12

Rondon de Castro, presidente da Seção Sindical dos Docentes da UFSM (Sedufsm) - **Acredita que** a adesão à empresa pública será uma forma de privatização do HUSM. (UFSM#11)

Também podemos encontrar exemplos de citação do pensamento como no Exemplo 13, mas esses casos são menos comuns e servem para reconhecer o fato de que alguém pense em palavras.

Exemplo 13

“Nossa meta é criar mecanismos para fortalecer o SUS. Com isso poderemos ampliar os atendimentos e elevar a qualidade do serviço”, **acredita** o Pró-Reitor de Planejamento. (UFRN#2)

Como podemos ver, orações podem ser projetadas, tanto por processos verbais como por mentais em citações e relatos. Além da citação e do relato canônicos, podemos mencionar ainda uma forma híbrida, a citação evocada, também chamada por (MAINGUENEAU, 2008) de ilha textual. Mesmo que esse tipo de construção seja tratada globalmente como um relato, ela carrega algumas palavras atribuídas aos enunciadores citados (CHARAUDEAU, 2007; SANTOS; 2011; MAINGUENEAU, 2008). Além da ilha textual, Maingueneau (2008) também comenta que essas formas híbridas podem ser formadas pelo discurso relatado e o “que”, como no Exemplo 14, a seguir.

Exemplo 14

Na réplica, Dimas **disse que** a "chapa 1, mais uma vez, não se posiciona claramente sobre a política de recursos humanos". (UFJF#20)

No Exemplo 14, a oração projetante é formada pelo processo “dizer” e a conjunção integrante “que” e a oração projetada é uma citação, sinalizada pelo emprego de aspas duplas. Trata-se de uma “mescla” entre citação e relato, um procedimento muito utilizado pela imprensa. Maingueneau (2008) explica que o desenvolvimento desse tipo de discurso relatado revela uma evolução da mídia que, uma vez que a televisão, com suas entrevistas ao vivo, pode estar influenciando os jornalistas a buscarem atuar em duas frentes ao mesmo tempo mantendo uma certa distância em relação aos indivíduos de quem falam, procurando aproximar-se da linguagem e ponto de vista deles; não satisfeitos em apenas comentar acontecimentos e descrever a realidade, “pretendem restituir o ponto de vista e as palavras dos atores” (MAINGUENEAU, 2008, p. 152).

Caldas Coulthard (1994) sugere uma classificação dos verbos de dizer, de acordo com a função deles in relação à oração relatada. Os verbos neutros estruturantes que introduzem o dizer sem necessariamente avaliá-lo; os verbos de glosa ilocucionários são aqueles que transmitem a presença do autor no texto e são altamente interpretativos e podem ser metalinguísticos ou metaproposicionais, que podem ser de três tipos: assertivos, diretivos ou expressivos; outros verbos são

descritivos em relação à interação representada, podendo marcar o modo ou a atitude do falante em relação ao que está sendo reportado; finalmente, os verbos sinalizadores do discurso, que não são verbos de relato em absoluto, mas frequentemente acompanham o discurso citado, marcando a relação entre a citação a outras partes do discurso ou marcam o desenvolvimento do discurso. O Quadro 2 demonstra mais claramente essa taxonomia sugerida por Caldas-Coulthard (1994):

Quadro 2 – Verbos de relato

Verbos de relato		
Neutros estruturantes	<i>dizer, contar, perguntar, responder, etc.</i>	
Metaproposicionais	assertivos	<i>explicar, afirmar, corrigir, etc.</i>
	diretivos	<i>instruir, ordenar, incitar, etc.</i>
	expressivos	<i>acusar, lamentar, jurar, etc.</i>
Metalinguísticos	<i>narrar, recontar, citar, etc.</i>	
Verbos descritivos		
Prosódicos	qualificador de voz (modo)	<i>sussurrar, murmurar, etc.</i>
Paralinguísticos	qualificação da voz (atitude)	<i>gemer, gargalhar, ofegar, etc.</i>
Verbos de transcrição		
Sinalizadores do discurso	em relação a outras partes do discurso	<i>repetir, acrescentar, etc.</i>
	progressão do discurso	<i>continuar, hesitar, pausar, etc.</i>

Fonte: Adaptado de Caldas-Coulthard (1994, p. 306).

Para fins de análise, neste trabalho, categorizamos os processos verbais, com base em Coulthard (1994) e Halliday e Matthiessen (2014), em cinco tipos:

- 1) Processos neutros, como “dizer” e “falar”, por exemplo;
- 2) Processos mentais com valor de verbais, tais como, “acreditar” e “lembrar”;
- 3) Processos sequencializadores do discurso, como “continuar” e “prosseguir”;
- 4) Processos de modulação de voz, como “salientar”, “frisar” e “ressaltar”;
- 5) Processos assertivos, que distanciam o falante/escritor do que foi reportado, como “afirmar”, “explicar”, “alegar”.

Na seção seguinte, ainda dentro da metafunção ideacional, mas no nível acima da oração, temos a função lógica que é responsável pelas combinações de

grupos lexicais e oracionais. Esses grupos formam as relações lógico-semânticas onde destacamos as projeções, cuja compreensão será pertinente à análise das notícias que compõem o *corpus* do presente estudo, já que as vozes convocadas pelos jornalistas das notícias são apresentadas na forma de projeção ou de circunstâncias de ângulo.

3.1.1.2 Função lógica: relações lógico-semânticas

De acordo com a GSF, em um nível acima da oração encontramos a noção de complexo oracional que pode ser conceituado como sequências de proposições apresentadas como mensagens textualmente relacionadas (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 428). Sendo assim, orações conectadas umas às outras por meio de algum tipo de relação lógico-semântica formam esses complexos. O texto narrativo, por exemplo, é formado por uma série de episódios, cujo desenvolvimento acontece em etapas (ou passos), ou seja, uma sequência de proposições ligadas por conectores temporais, formados por complexos de orações (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 429).

Existem dois sistemas básicos que determinam o modo como uma oração se relaciona à outra: 1) sistema de táxis, categorizada em hipotaxe e parataxe; 2) relação lógico-semântica, classificada como expansão e projeção. O sistema de táxis diz respeito ao grau de interdependência entre as orações no complexo oracional, onde elas possuem um status análogo. Quando uma é independente da outra (notação: 1^2) falamos em parataxe, também conhecida como coordenação na gramática tradicional. Por outro lado, se a relação é de dependência entre as orações, sendo um elemento dominante e o outro dependente (notação: α^β ou β^α), possuindo diferentes status, falamos em hipotaxe, também conhecido tradicionalmente como subordinação (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 440).

Cada par de orações relacionadas por táxis ou interdependência é chamado nexos oracional. Esse nexo entre orações é caracterizado pela escolha entre parataxe e hipotaxe, que pode também ser formado por uma mistura dos dois tipos. A oração que constitui o nexo é chamada de (a) primária, que é a oração “iniciante” do nexo paratático e dominante no nexo hipotático, e (b) secundária, que é a oração continuativa no nexo paratático e a oração dependente no hipotático (HALLIDAY;

MATTHIESSEN, 2014, p. 442). Os Exemplos 15 e 16 mostram orações relacionadas por parataxe e hipotaxe, respectivamente:

Exemplo 15

O diretor do HUOL, Ricardo Lagreca, rebate as críticas Oração Primária (iniciante)	e garante que interesses mercadológicos não irão interferir nas atividades acadêmicas. (UFRN#2) Oração secundária (continuativa)
---	--

Exemplo 16

“Ter a empresa é fundamental Oração primária (dominante)	para garantir o HCUFTM funcionando em boas condições, [...]”. UFTM#6 Oração secundária (dependente)
---	---

O segundo sistema que define a relação entre orações é constituído de dois tipos de encadeamento fundamentais: (a) a expansão e (b) a projeção. Na expansão, a oração secundária expande a primária por meio da elaboração, conforme mostra o Exemplo 17, da extensão, Exemplo 18, ou da intensificação, como demonstra o Exemplo 19.

Exemplo 17

A diretora ressalta que a decisão sobre a nova forma de gestão está atrasada,	o que vem gerando prejuízos ao HUSM. (UFSSM#7)
---	---

Exemplo 18

Da parte da prefeitura existe a maior boa vontade em concluir o hospital	e fazer a gestão compartilhada para atender bem os nossos munícipes”, concluiu. UFSCar#3
--	---

Exemplo 19

“Escolhemos fazer ato na reitoria	porque lá é o coração da Universidade”, justifica Mendes. (UnB#5)
-----------------------------------	--

Já na relação por projeção, a oração secundária é projetada através da primária que a instancia como uma locução ou como uma ideia. Nesta pesquisa, cujo foco é a análise de diferentes vozes em notícias, exploramos somente a relação lógico-semântica de projeção, uma vez que os textos analisados trazem várias ocorrências de citação e relato que serão melhor explicados e exemplificados, conforme vemos na próxima seção.

3.1.1.2.1 Relação lógico-semântica de projeção

Na relação lógico-semântica de projeção, uma oração funciona como a representação da representação linguística da experiência (HALLIDAY, MATTHIESSEN, 2014, p. 508). Comumente, encontramos usos discursivos de projeção em notícias para atribuir informações a fontes externas, representar diferentes opiniões no discurso científico, construir diálogos em narrativas, etc. Há três sistemas que podem diferenciar os tipos de projeção: (1) o nível de projeção; (2) o modo de projeção; (3) a função de fala.

O nível de projeção diz respeito ao conteúdo da representação linguística de uma oração em relação à outra, seja ele verbal ou mental. Sendo assim, podemos distinguir dois tipos de projeção: ideia, o que é pensado, e locução, o que é dito. Já o modo de projeção tem a ver com as relações de interdependência entre as orações: parataxe, hipotaxe e encaixamento¹⁵ (HALLIDAY, MATTHIESSEN, 2014). Quando uma oração é projetada parataticamente, a projeção é representada como uma citação (discurso direto), conforme Exemplo 20.

Exemplo 20

“Também acompanhamos a pauta do Congresso Nacional quanto aos projetos que alteram a previdência e buscam cobrar os cursos de especialização nas instituições públicas”,	<u>disse o sindicalista.</u> (UFMS#2)
--	--

Por outro lado, uma oração projetada hipotaticamente significa que foi utilizado o relato (discurso indireto), sendo uma dependente da outra, como mostra o Exemplo 21. A função da fala diz respeito ao que é projetado, se uma proposição ou uma proposta.

Exemplo 21

A reitora da Universidade, Roselane Neckel, que preside o Conselho Universitário, <u>ressaltou</u>	<u>que</u> a necessidade principal é garantir a qualidade do debate.(UFSC#1)
---	---

¹⁵ O encaixamento não será desenvolvido neste trabalho, em razão do objetivo da pesquisa, mas orações encaixadas poderão aparecer integradas às orações às quais pertencem. As orações encaixadas são aquelas que constituem núcleo de grupo nominal, pós-modificador de grupo nominal e pós-modificador de grupo adverbial, conforme oração destacada entre colchetes no trecho, a seguir: “As atividades de ensino **[[que são próprias dos hospitais escola]]** ficarão comprometidas porque ficarão submetidas à lógica de mercado [...] (UFCG#9).

Além da projeção, encontramos um outro modo de referenciar as vozes no texto também circunstâncias que se relacionam às orações mentais ou verbais projetantes, tanto ao Dizente ou Experienciador daquela oração (Ângulo) ou à Verbiagem (Assunto). Circunstâncias de Ângulo referem-se: (a) ao Dizente de uma oração verbal; (b) ao Experienciador da oração mental; (c) à fonte, uma vez que a circunstância de ângulo é utilizada para representar a fonte da informação. São expressas por expressões, tais como “de acordo com”, “nas palavras de”, “segundo”, “para”, etc. O tipo “b” pode ser chamado de “ponto de vista”, pois é empregado para representar a informação da oração a partir do ponto de vista de alguém (HALLIDAY, MATTHIESSEN, 2014).

Após tratarmos sobre a função experiencial (nível da oração), ao explicarmos o sistema de transitividade, e a função lógica (nível acima da oração), ao falarmos sobre as relações lógico-semânticas, ambas as funções pertencentes à metafunção ideacional, apresentamos, na seção 3.2, o Sistema de Avaliatividade. Ele está localizado na metafunção interpessoal e cujo arcabouço teórico utiliza os pressupostos da LSF. Os conceitos desse sistema são fundamentais para identificarmos os expoentes linguísticos de engajamento-atribuição, nas notícias analisadas, e tratarmos nosso *corpus* no estrato da Semântica do Discurso.

3.2 SISTEMA DE AVALIATIVIDADE

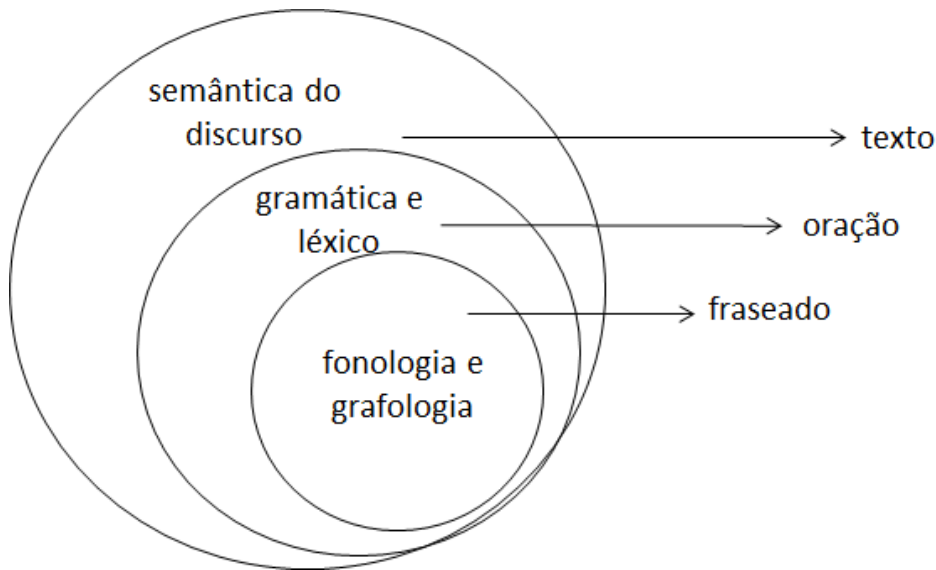
Como vimos nas seções anteriores, a LSF é um modelo com múltiplas perspectivas para a interpretação da linguagem em uso ao apresentar diferentes significados, tornando possível compreendermos que a língua é um mecanismo para mapear significados ideacionais, interpessoais e textuais de modo que um complementa o outro no ato comunicativo (MARTIN; WHITE, 2005).

Ao falarmos de avaliação, estamos tratando do significado interpessoal da linguagem e que será o foco da nossa pesquisa. Até os anos 90, trabalhos sobre essa metafunção eram mais orientados para a interação do que para o afeto, mas após um trabalho seminal de Halliday (1994) sobre modo e modalidade, cuja extensão era focada na análise de trocas de turno em diálogos, começou-se a repensar o estudo do significado interpessoal como algo mais amplo (HALLIDAY, 1994).

A fim de entendermos a relação entre avaliatividade (no nível do sistema) e avaliação (no nível do texto), a noção de instanciação faz-se necessária, pois trata-se da expressão do sistema linguístico no texto e pode ser caracterizada como um processo dialético, visto que ela constrói, manifesta e reconstrói os potenciais de significados em uma cultura (VIAN JR, 2009). Desse modo, temos uma visão abrangente de linguagem: como um sistema de escolhas disponível aos usuários, como um texto ou materialização linguística desse sistema, assim como a relação entre contexto de cultura e contexto de situação, o que sinaliza que a linguagem realiza o contexto e os textos aos quais temos acesso em nosso contexto social instanciam o sistema. Se tivermos em mente a relação língua-texto em uma escala de instanciação, concluiremos que a avaliação nada mais é do que a instanciação das opções avaliativas que a língua oferece como potencial de significados presentes em um texto. Por outro lado, a avaliatividade tem a ver com todo o potencial de que a língua dispõe para que possamos realizar significados avaliativos, ao expressamos opiniões negativas ou positivas, ao graduarmos a força ou o foco daquilo que falamos e ao negociarmos a inter subjetividade (VIAN JR, 2009).

O Sistema de Avaliatividade localiza-se na metafunção interpessoal e busca explicar a maneira como escritores aprovam ou desaprovam, aplaudem ou criticam o mundo e de que maneira buscam a adesão dos leitores (MARTIN; WHITE, 2005, p. 1). Podemos, ainda, situá-lo no que diz respeito à sua realização, no estrato da Semântica do Discurso. Como a linguagem é um sistema semiótico estratificado que envolve três ciclos de codificação (Figura 8) em diferentes níveis de abstração - um de significados, um de fraseados e outros de letras/sons (VIAN JR, 2010) - os posicionamentos avaliativos situam-se no terceiro estrato, aquele que corresponde ao texto. Martin e White (2005, p. 9) esclarecem: “O terceiro nível de abstração é mencionado aqui como semântica do discurso, para enfatizar o fato de que diz respeito com o significado por trás da oração (com **textos**, em outras palavras)” (grifo meu).

Figura 8 – Estratos da linguagem



Fonte: Adaptado de Martin e White (2005, p. 9).

O nível grafonológico engloba a organização de fonemas nas sílabas e seu desenvolvimento em unidades rítmicas e de entonação e se preocupa com a organização das letras em sentenças, além da pontuação e da formatação. O nível léxico-gramatical ocupa-se com a recodificação dos padrões grafológicos e fonológicos, como palavras e estruturas. Isso quer dizer que a léxico-gramática é um nível mais abstrato realizado por um mais concreto. O terceiro nível de abstração é o da semântica do discurso, que trata do significado além da oração ou nos textos, para sermos mais claros. Esse nível se atém a diversos aspectos relativos à organização do discurso ou sistemas discursivos (MARTIN; ROSE, 2007) como: 1) o modo como introduzimos pessoas, coisas e lugares em um texto e como os referenciamos (identificação); 2) como eventos e estado de coisas são interligados em termos de tempo, causa, contraste e similaridade (conjunção); 3) como participantes são relacionados como parte para o todo e de subclasse para classe (ideação); 4) como os turnos são organizados em trocas de bens e serviços e informações (negociação); 5) como a avaliação é estabelecida, amplificada, visada e originada (avaliação) (MARTIN; WHITE, 2005); 6) a periodicidade como ocorre o retorno do discurso ou os pulsos da informação, conforme desenvolvido e apresentado por Martin e Rose (2007).

Como podemos perceber, o Sistema de Avaliatividade está no estrato da semântica do discurso, sendo realizado em termos lexicais e gramaticais no estrato da léxico-gramática, oralmente ou por escrito, conforme a interação que é produzida,

por meio do estrato grafofonológico (VIAN JR, 2010, p. 22). Sendo um sistema interpessoal situado no nível semântico-discursivo, a Avaliatividade se articula, ao mesmo tempo, a outros dois sistemas: a negociação e o envolvimento. O primeiro a complementa ao focar nos aspectos interativos do discurso; função de fala e estrutura de troca. O segundo também realiza uma complementação, ao destacar aspectos de fontes não graduáveis para negociar relações, especialmente de solidariedade (MARTIN; WHITE, 2005). Em um nível superior de abstração, o Sistema de Avaliatividade está relacionado também à variável de registro relações e pode ser descrito como

um conjunto de significados interpessoais que se debruça sobre os mecanismos de avaliação veiculados pela linguagem, configurados em um sistema que oferece aos usuários possibilidades de utilizar itens avaliativos em suas interações cotidianas (VIAN JR; SOUZA; ALMEIDA, 2010, p. 11).

No que tange a esse sistema, proposto por Martin e White (2005), vale ressaltar que ele tem como objetivo explorar, descrever e explicar o modo como a linguagem é utilizada para avaliar, adotar pontos de vista, construir *personas* textuais e gerenciar posições e relações interpessoais. Falantes e escritores constroem-se como *personas textuais* por meio da relação que mantêm com seus ouvintes/leitores que são construídos por meio da linguagem (CABRAL; BARROS, 2006). O Sistema de Avaliatividade apresenta três domínios interativos: atitude, gradação e engajamento.

O primeiro domínio, a atitude, é constituído por três subtipos ou regiões de sentir: afeto, julgamento e apreciação. O afeto explica os recursos utilizados para a expressão de reações emocionais, Exemplo 22. Por outro lado, o julgamento diz respeito a recursos para avaliar comportamentos ou para julgar o caráter, Exemplo 23. A apreciação procura recursos para atribuímos valor às coisas, dentre elas fenômenos naturais e semiose (MARTIN; WHITE, 2005; VIAN JR, 2010), Exemplo 24.

Exemplo 22

“**Melancólico**. É essa a palavra se tivermos de encolher o hospital”, diz Elaine. (UFSM#11)

Exemplo 23

“Isso é **ilegal** e fere a autonomia universitária, pois não será mais a UFTM que definirá as prioridades de pesquisa e ensino [...]” (UFTM#12)

Exemplo 24

“Aqui tem o conforto de poltronas recicláveis, a **qualidade** do atendimento, a **excelência** do serviço, a atenção do pessoal”, **garante** o filho. (UFAL#6)

O segundo domínio, a gradação diz respeito à gradabilidade e ao ajuste nos graus de avaliação, mostrando o quão forte ou fraco é um determinado sentimento. Esse tipo de gradação é chamado de força, cujas realizações incluem intensificação, comparativos e superlativos, repetição e outras características grafológicas e fonológicas, conforme Exemplo 25. A intensidade da força pode ser aumentada ou diminuída, pois há vários recursos para tanto. Ainda na gradação, temos o foco, cujo efeito é ajustar a força dos limites entre categorias, construindo tipos de coisas centrais e periféricas, como mostra o Exemplo 26.

Exemplo 25

“O processo de adesão é **bastante** longo e pode durar mais de um ano”, finalizou. (UFMG#13)

Exemplo 26

“Somos contrários à essa adesão por entender que é **uma espécie** de privatização dos hospitais universitários [...]”. (UFRN#2)

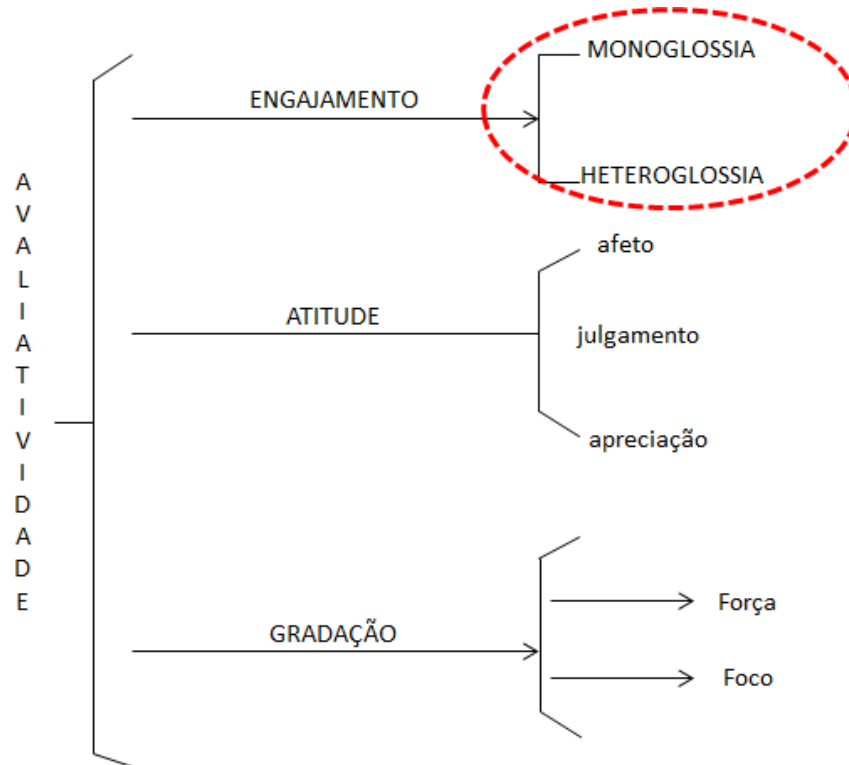
O engajamento, subcategoria para a qual voltamos nossa atenção neste trabalho, ocupa-se com as maneiras nas quais alguns recursos como a projeção, a modalidade, a polaridade, a concessão e circunstâncias de ângulo posicionam o falante/escritor em relação à posição avaliativa que está sendo tomada e às possíveis respostas àquela posição, seja por relato ou citação, reconhecendo uma possibilidade, negando, contrapondo ou afirmando, como mostra o Exemplo 27. Na seção 3.2.1, exploraremos detalhadamente essa subcategoria do Sistema de Avaliatividade.

Exemplo 27

Segundo Lígia, a gestão da Ebserh vai mudar o perfil do hospital. (UFF#4)

Para melhor entendermos e visualizarmos a organização e divisão dos recursos explicados, a Figura 9 traz um esquema do Sistema de Avaliatividade, segundo Martin e White (2005), com destaque para o engajamento.

Figura 9 – Um panorama dos recursos avaliativos



Fonte: Adaptado de Martin e White (2005, p. 38) e Vian Junior (2010, p. 22).

Outro ponto essencial para compreendermos o Sistema de Avaliatividade é o conceito bakhtiniano de dialogismo, uma vez que a compreensão acerca dos mecanismos de avaliação que empregamos em texto se dá por meio da relação dialógica entre os usuários da linguagem. Vejamos, a seguir, como esse conceito está intrinsecamente relacionado à categoria de engajamento, que é melhor detalhada na seção seguinte.

3.2.1 Subsistema de engajamento

No subsistema de engajamento, itens avaliativos são identificados por meio da relação entre vozes em determinado gênero discursivo, no caso da presente pesquisa, as notícias coletadas, nas quais identificamos uma predominância de recursos do engajamento. Conforme lembra Scherer (2013), para que possamos investigar um gênero do discurso sob a ótica do engajamento, devemos considerar o dialogismo como uma característica fundamental dessa prática social. Esse subsistema compreende recursos que fazem com que a voz textual se torne dotada

de um posicionamento dialógico, o que significa que o autor utilizará meios que visam antecipar a reação dos futuros leitores e, ao mesmo tempo, retomar e responder a enunciados anteriores (SOUZA, 2010).

Para que essa inter-relação escritor-leitor ou falante-ouvinte seja compreendida, no que tange ao engajamento, destacamos o conceito de dialogismo, que perpassa a obra de Mikhaill Bakhtin. Para o autor, esse conceito é o princípio constitutivo da linguagem, pois na nossa relação com o outro encontra-se o centro de toda interação verbal (BAKHTIN, 1952-1953/2010, VIAN JR, 2010). Fiorin (2009, p. 181) explica que uma das características principais do enunciado, na visão bakhtiniana, é a presença de um autor e, assim, as relações dialógicas não são relações lógicas ou semânticas, mas relações entre posições distintas. Na concepção bakhtiniana, o dialogismo nada tem a ver com interação face a face, mas sim entre os discursos do locutor e do interlocutor. Todo discurso concreto pode ser definido como uma resposta a enunciados anteriores, dentro de uma esfera específica (FIORIN, 2009).

Por estarmos tratando de um modelo que se insere na LSF, seguimos uma orientação que relaciona os significados com o contexto em que são produzidos; contexto de situação e contexto de cultura (VIAN, JR. 2010). Sendo assim, conforme o contexto no qual estamos inseridos e a partir dos textos que desejamos produzir, selecionamos alguns elementos interpessoais do sistema linguístico que possibilitem a indicação de um posicionamento dialógico, que indiquem o modo por meio do qual o produtor do texto está comprometido com aquilo que exprime e como ele polariza as informações por ele veiculadas, dentre outros mecanismos disponíveis e que são transmitidos por significados interpessoais e outros sistemas alinhados à metafunção interpessoal (VIAN, JR. 2010). Desse modo, podemos afirmar que o Sistema de Avaliatividade tem a ver com recursos relacionados ao posicionamento inter subjetivo entre usuários da linguagem, revelando efeitos dialógicos interligados a esses significados.

A partir dessa perspectiva dialógica podemos compreender com maior clareza o subsistema de engajamento, cujo interesse é o grau de alinhamento entre falante e ouvinte, e como o primeiro se apresenta a favor, contra, indeciso ou neutro em relação ao segundo e seus posicionamentos valorativos (MARTIN; WHITE, 2005). A principal preocupação do estudo sobre os recursos de posicionamento intersubjetivo, como aqueles do engajamento, é investigar o papel desempenhado

por esses recursos no processo de fazer significado por meio dos qual o falante/escritor negocia relações de alinhamento ou desalinhamento em relação ao seu leitor/ouvinte putativo, ou seja, aquele para quem o texto é direcionado. Além disso, também procura-se, por meio desses recursos, entender como a solidariedade é construída nos mais diversos gêneros do discurso. Quando falamos de solidariedade não estamos tratando de questões relacionadas à concordância/discordância, mas à tolerância aos diversos pontos de vista alternativos e à espontaneidade com que o escritor/falante se alinha ao leitor pode ser aquela na qual a diversidade de pontos de vista é reconhecida como natural e legítima (MARTIN; WHITE, 2005).

Temos duas possibilidades de apresentar o posicionamento dialógico, também considerados valores: por expansão do potencial dialógico dos enunciados ou por redução do potencial dialógico dos enunciados (MARTIN; WHITE, 2005; BALOCCO, 2010). A primeira afirma o princípio constitutivo do que se enuncia, e a segunda desencoraja a negociação de sentidos (VIAN JR, 2010). Sendo assim, o posicionamento intersubjetivo no engajamento pode variar de acordo com parâmetros mais amplos, ao categorizarmos os enunciados como monoglóssicos ou heteroglóssicos.

Falamos de monoglossia, quando os enunciados não fazem referência a outras vozes e pontos de vista e, portanto, não há possibilidade de abertura para discordância (MARTIN, WHITE, 2005). O conceito de monoglossia na Avaliatividade parece ir contra o princípio do dialogismo que implica a presença do outro nas interações do cotidiano (VIAN. JR, 2010, p. 35). Ao observarmos uma oração, sabemos que é possível fazer asserções categóricas que não permitem questionamento e nem dão margem à dialogia (VIAN. JR, 2010). Sendo assim, no nível oracional podemos falar em asserção monoglóssica, no nível léxico-gramatical, como o Exemplo 28, mas se considerarmos o estrato semântico-discursivo os significados construídos no conjunto do tecido verbal serão heteroglóssicos.

Exemplo 28:

Não houve registros de confrontos entre manifestantes e a polícia. (UFES#6)

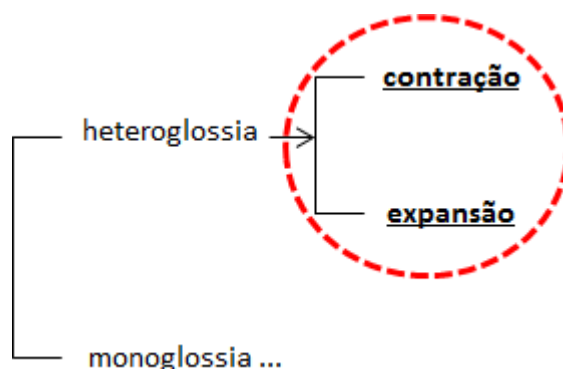
Os enunciados heteroglóssicos são recursos linguísticos empregados pelo produtor textual quando este convoca ou permite pontos de vista alternativos,

abrindo a possibilidade de diálogo (MARTIN; WHITE, 2005; VIAN JR, 2010). Ainda, para Ninin e Barbara (2013, p. 130),

recorrendo a diferentes enunciados, apresentando a voz textual a partir de múltiplas perspectivas individuais e sociais, o subsistema de Engajamento responsabiliza-se, portanto, por posicionamentos assumidos pela voz textual, dialógicos e heteroglóssicos, para possibilitar responsividade por parte do ouvinte/leitor.

Na categoria de engajamento encontramos significados que constroem um pano de fundo heteroglóssico para o texto, incluindo declarações anteriores, pontos de vista alternativos e respostas antecipadas. Esses recursos heteroglóssicos se dividem em duas categorias: contração dialógica e a expansão dialógica, conforme mostra o esquema descrito na Figura 10, apresentando a distinção entre as categorias do engajamento.

Figura 10 – Engajamento: contração e expansão



Fonte: Adaptado de Martin e White (2005, p. 104).

Ao empregar recursos de contração dialógica, o produtor do texto se posiciona em desacordo ou até mesmo rejeita uma posição contrária à dele. Pode-se afirmar que essas formulações “desafiam, evitam ou até mesmo restringem o escopo das posições e de vozes alternativas” (VIAN. JR, 2010, p. 37), como podemos ver no Exemplo 29.

Exemplo 29

“Então, não vão poder contar com minha presença, mas **seguramente** a direção do hospital e a vice-reitora, professora Ana Lúcia de Assis Simões, estarão presentes”, afirma Virmondés Rodrigues”. (UFTM#14)

Já a expansão dialógica pressupõe que o produtor textual expresse apenas um dos pontos de vista dentre muitas outras possibilidades que possam existir. Desse modo, há uma abertura a posicionamentos alternativos, de aceitação ou de rejeição (VIAN. JR, 2010), conforme mostra o Exemplo 30:

Exemplo 30

Nos debates, a reitora da Universidade, Cleuza Dias, **alegava** que a situação financeira do hospital era delicada e que não havia outra alternativa possível para manter o HU, além da adesão à EBSEH. (FURG#3)

Ambos os exemplos, retirados do *corpus* da presente pesquisa, são dialógicos, pois trazem pontos de vista de vozes externas, por meio do discurso reportado, mas há uma diferença entre eles no que diz respeito aos processos utilizados. No Exemplo 29, ao empregar o adjunto modal, “seguramente”, o autor da notícia apresenta a proposição como parte do senso comum, o que mostra a solidariedade entre autor e leitor, já que ambos estão de pleno acordo com a proposição. Esse tipo de construção é considerada contrativa, uma vez que fecha o espaço para alternativas dialógicas. Já o Exemplo 30 mostra um certo distanciamento da voz autoral em relação à proposição apresentada, ao empregar o processo “alegar”, abrindo o espaço para novos posicionamentos. O efeito esperado é o de acolher alternativas dialógicas e, por isso, é considerado dialogicamente expansivo.

Martin e White (2005) apresentam uma taxonomia por meio da qual podemos identificar posicionamentos dialógicos particulares associados à contração e à expansão dialógica e que explicam o que está em jogo quando um significado ou outro é empregado. Na contração dialógica identificamos subcategorias expressas por recursos que, embora construam um pano de fundo dialógico para o texto, imprimem à proposição um aspecto altamente válido e fundamentado, excluindo alternativas dialógicas de qualquer interação comunicativa subsequente ou restringindo o escopo desses posicionamentos. Esses significados contrativos são expressos por meio dos recursos de (a) refutação e de (b) ratificação (Figura 11), terminologia esta adotada por Vian Jr., Souza e Almeida (2010), a qual adotamos neste trabalho.

Figura 11 – Contração dialógica: refutação e ratificação



Fonte: Adaptado de Martin e White (2005, p. 104).

A refutação diz respeito aos recursos por meio dos quais o autor do texto reconhece que existem posições contrárias. Entretanto, a voz autoral refuta ou rejeita essas opiniões, empregando os recursos de negação e de contra expectativa. A negação é um recurso utilizado para apresentar uma posição alternativa positiva no diálogo, reconhecê-la e rejeitá-la, como no Exemplo 31.

Exemplo 31

Segundo o MPFDF, tais determinações **não** possuem amparo nem na Constituição Federal nem nas leis de regência das instituições públicas de saúde ou de educação. (UnB#2)

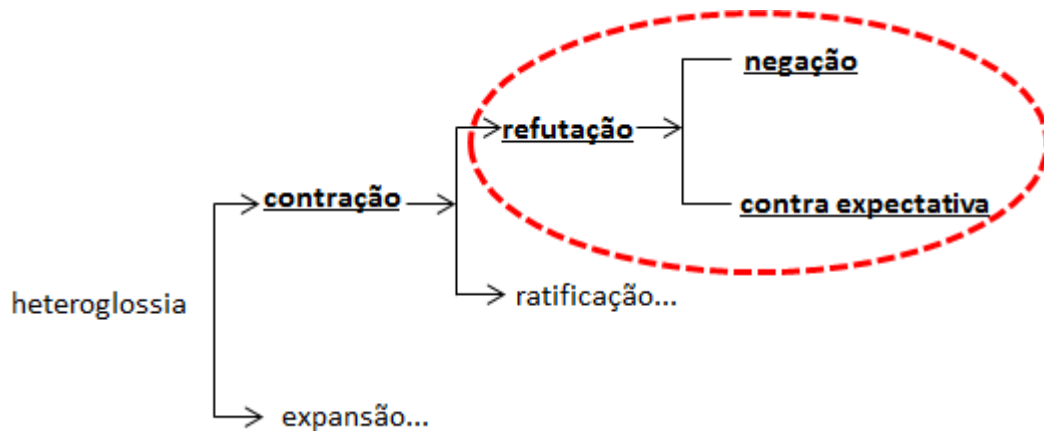
A contra expectativa é um recurso utilizado pelo produtor textual, quando ele apresenta uma proposição, suplantando a outra, contrariando a expectativa criada pela primeira. Essa construção cria um efeito de solidariedade do produtor em relação ao receptor, pois ambos expressam surpresa a respeito da informação apresentada pelo primeiro, conforme mostra o Exemplo 32:

Exemplo 32

Embora Mameri garanta que a Ebserh garantirá atendimento 100% pelo SUS, além de contratar pessoal por concurso, para a coordenadora do Sindicato dos Servidores da Ufes, Janine Teixeira, como o modelo de gestão é inspirado no aplicado em Porto Alegre, onde o hospital atende pelo SUS e também de forma privada, a realidade será outra. (UFES#2)

A Figura 12 resume os recursos de refutação: negação e contra expectativa, dentro da contração dialógica.

Figura 12 – Recursos de refutação: negação e contra expectativa



Fonte: Adaptado de Martin e White (2005).

A ratificação, que se trata de outro recurso de contração dialógica, representa a proposição como altamente confiável, a voz autoral se coloca contra, suprime ou desconsidera posicionamentos alternativos. Na ratificação encontramos, ainda, os recursos de confirmação de expectativa, endosso e pronunciamento. A confirmação de expectativa apresenta uma proposição pertencente ao senso comum de ambos, autor e leitor, que estão de pleno acordo com o que foi expresso, demonstrando solidariedade. Nessas construções é comum o uso de marcas linguísticas, tais como “naturalmente”, “obviamente”, “certamente”, “claro”, como podemos identificar no Exemplo 33, a seguir:

Exemplo 33

O secretário de Saúde do município, José Laerte, afirma que, **inevitavelmente**, a medida afetará a rede. (UFJF#6)

Os recursos de endosso são utilizados pelo autor, quando este atribui a validação da sua proposição a fontes externas, demonstrando que ela é válida e aceitável e, para tanto, utiliza recursos expressos, muitas vezes, por processos verbais, tais como “demonstrar”, “mostrar”, “comprovar”, como no Exemplo 34.

Exemplo 34

“Isso mostra o dinamismo, a força desta rede que veio, de fato, cumprir, como o Tribunal de Contas da União **comprovou**, por unanimidade do plenário em novembro último, o papel de melhoria da gestão dos hospitais, [...]” (UFSC#6)

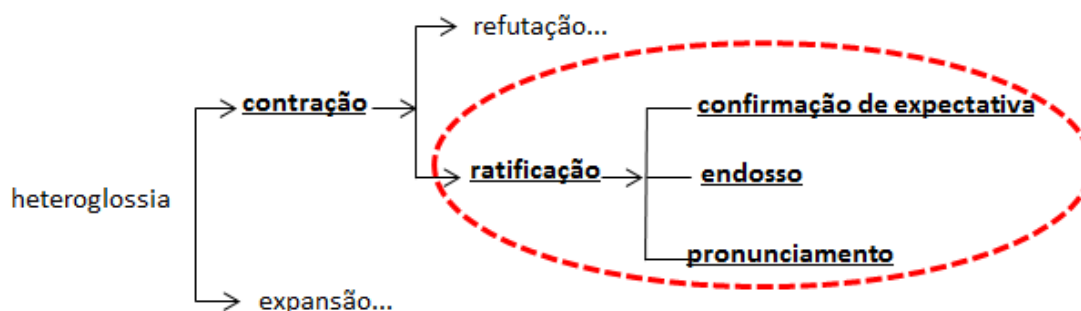
Por fim, o pronunciamento é expresso por meio de recursos que dão ênfase a determinada proposição, podendo representar o leitor como resistente em relação àquilo que é apresentado. A fim de alcançar a solidariedade desse leitor/ouvinte, o produtor/falante lança mão de recursos expressos por meio de marcas linguísticas, como “a verdade é que”, “podemos concluir que”, assim como o Exemplo 35.

Exemplo 35

Argumenta-se que a EBSEH, na verdade, será uma fundação estatal de direito privado, com outro nome, criada para superar deficiências das Fundações de apoio aos hospitais universitários. (UFU#1)

A Figura 13 resume os recursos de ratificação: confirmação de expectativa, endosso e pronunciamento, ainda dentro da contração dialógica:

Figura 13 – Recursos de ratificação: confirmação de expectativa, endosso e pronunciamento



Fonte: Adaptado de Martin e White (2005).

Por outro lado, na expansão dialógica encontraremos proposições por meio das quais o produtor textual deixa explícita a possibilidade de abertura a posicionamentos alternativos, de aceitação ou de rejeição. A expansão poderá ser realizada léxico-gramaticalmente por recursos de entretenimento e de atribuição.

O entretenimento apresenta a proposição fundamentada na sua subjetividade individual, a voz autoral representa a proposição como uma dentre tantas posições possíveis e, desse modo, convoca alternativas dialógicas, abrindo o espaço para outras possibilidades (MARTIN; WHITE, 2005). O autor utiliza recursos, tais como, auxiliares modais (pode, poderia, etc.), adjuntos modais (talvez, provavelmente, etc.), atributos modais (é possível que, etc.), circunstâncias que indicam o ponto de vista (na minha opinião, etc.) e processos mentais (eu acho, eu acredito, etc.). O

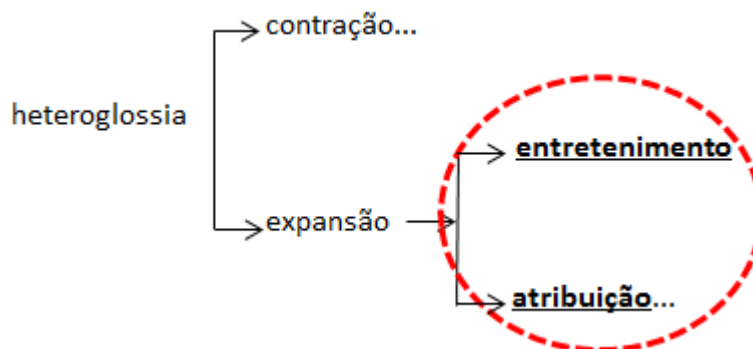
Exemplo 36 apresenta uma proposição, na qual o autor da notícia utiliza um atributo modal, “será possível”:

Exemplo 36

Com a parceria, será possível aumentar o número de contratações do Hucam, segundo a Ufes.(UFES#3)

No Exemplo 36, o autor admite posicionamentos alternativos, oferecendo também uma posição solidária para leitores que compartilham posições diferentes da dele. Desse modo, o produtor atribui ao leitor o papel de alguém que, porventura, não esteja totalmente alinhado à posição valorativa de sua proposição (MARTIN; WHITE, 2005; VIAN JR, 2010). A Figura 14 mostra o esquema da expansão dialógica e seus recursos de entretenimento e atribuição:

Figura 14 – Expansão dialógica: entretenimento e atribuição



Fonte: Adaptado de Martin e White (2005).

A seguir, na subseção 3.2.1.1, trataremos, separadamente e com maior detalhamento, sobre o recurso de atribuição, que será o principal modo de expansão dialógica analisada nas notícias do *corpus* da presente pesquisa.

3.2.1.1 Atribuição

A atribuição apresenta a proposição fundamentada na subjetividade de uma voz externa, de modo que a voz autoral representa essa proposição como **uma dentre várias outras** (grifo meu) (MARTIN, WHITE, 2005), convocando posicionamentos alternativos. Estamos tratando de formulações que dissociam a proposição da voz autoral interna, atribuindo-a a uma fonte externa.

Frequentemente, expressamos esse tipo de formulação por meio dos discursos direto e indireto (MARTIN, WHITE, 2005), conforme ilustrado respectivamente nos Exemplos 37 e 38.

Exemplo 37

"Parece que a administração abriu mão", reclamou a residente em pediatria Clarinda Oliveira. (UnB#4)

Exemplo 38

Já o secretário municipal de Saúde, Ricardo Inneco Castro, disse que a federalização chega num momento correto para o município e região. (UFSCar#4)

Calsamiglia e Ferrero (2003) identificam o discurso reportado não apenas pelo viés gramatical, cuja análise diferencia discurso direto e indireto, mas ampliam essa visão ao incluir o que, nas das práticas jornalistas, se constitui como um contínuo de referência a outras vozes, relacionando a perspectiva pragmática e as práticas jornalísticas. Para as autoras, devemos considerar os dois níveis como um todo, dentro de uma perspectiva crítica cujo pressuposto é que utilizar citação significa “conduzir” as palavras do outro para transmitir e servir aos propósitos do escritor, conferindo certo posicionamento ao que é dito. Esse ponto de vista contraria outras visões, como aquelas apresentadas na instrução jornalística, cujo argumento é de que a citação, além de tornar o discurso do escritor mais objetivo e confiável, também o isenta de qualquer responsabilidade (CALSAMIGLIA; FERRERO, 2003).

Ainda, dentro da atribuição há outras duas subcategorias por meio das quais o autor textual confere a uma voz externa a responsabilidade pela proposição apresentada. São elas: o reconhecimento e o distanciamento. Em ambos, a responsabilidade pelas proposições é atribuída a uma voz externa, construindo o “cenário” comunicativo como heteroglóssico. Essas categorias são tipicamente realizadas por meio do discurso e pensamento diretos e indiretos. Podemos encontrar, nessas construções, processos verbais, como o “dizer; afirmar”; processos mentais, como “acreditar”; nominalizações desses processos, como “a asserção que, a crença que”; e circunstâncias de ângulo, como “de acordo com”, “conforme”.

No reconhecimento não há indicação explícita sobre o envolvimento da voz autoral com a voz externa trazida pelo autor (MARTIN; WHITE, 2005, p. 112).

Nessas proposições é frequente o emprego de processos verbais como, “dizer, descrever, reportar, declarar”. O Exemplo 39 apresenta uma passagem do *corpus* em que podemos identificar atribuição.

Exemplo 39

A Ebserh diz que não aportará recursos no Antonio Pedro. (UFF#12)

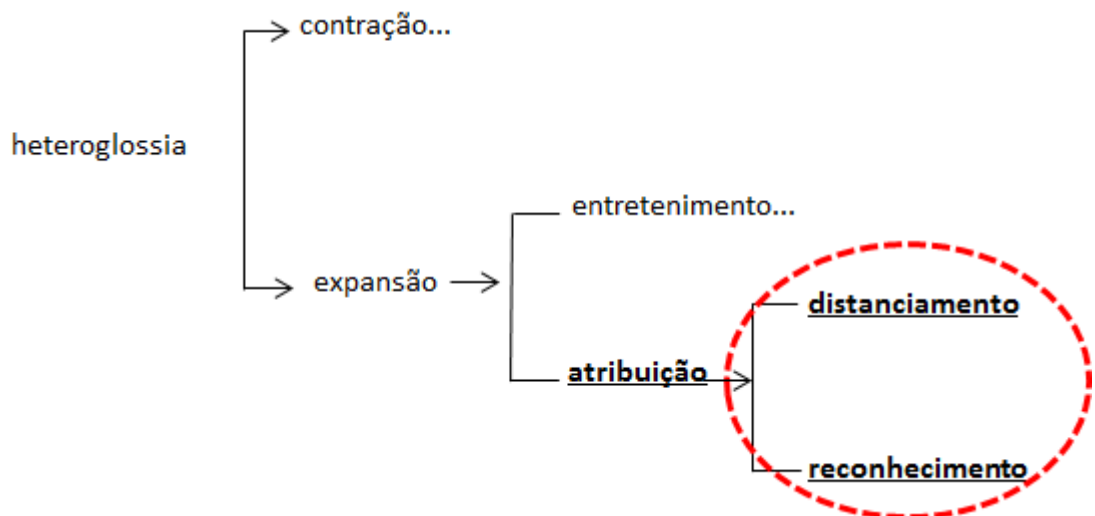
Já no distanciamento, a voz autoral expressa de forma explícita o distanciamento das proposições conferidas a fontes externas, empregando verbos assertivos, como “alegar”, “garantir”, ou aspas para endossar esse não comprometimento (MARTIN; WHITE, 2005). Ao utilizar esse processo, o autor se afasta da responsabilidade sobre a veracidade daquilo que está sendo reportado (CALDAS-COULTHARD, 1994; MARTIN; WHITE, 2005), conforme mostra o Exemplo 40 em que produtor da notícia emprega o processo “garantir”:

Exemplo 40

O ouvidor garante que isso não irá acontecer. (UFTM#13)

A Figura 15 esquematiza o recuso de atribuição e suas subcategorias, reconhecimento e distanciamento:

Figura 15 – Recursos de atribuição: reconhecimento e distanciamento



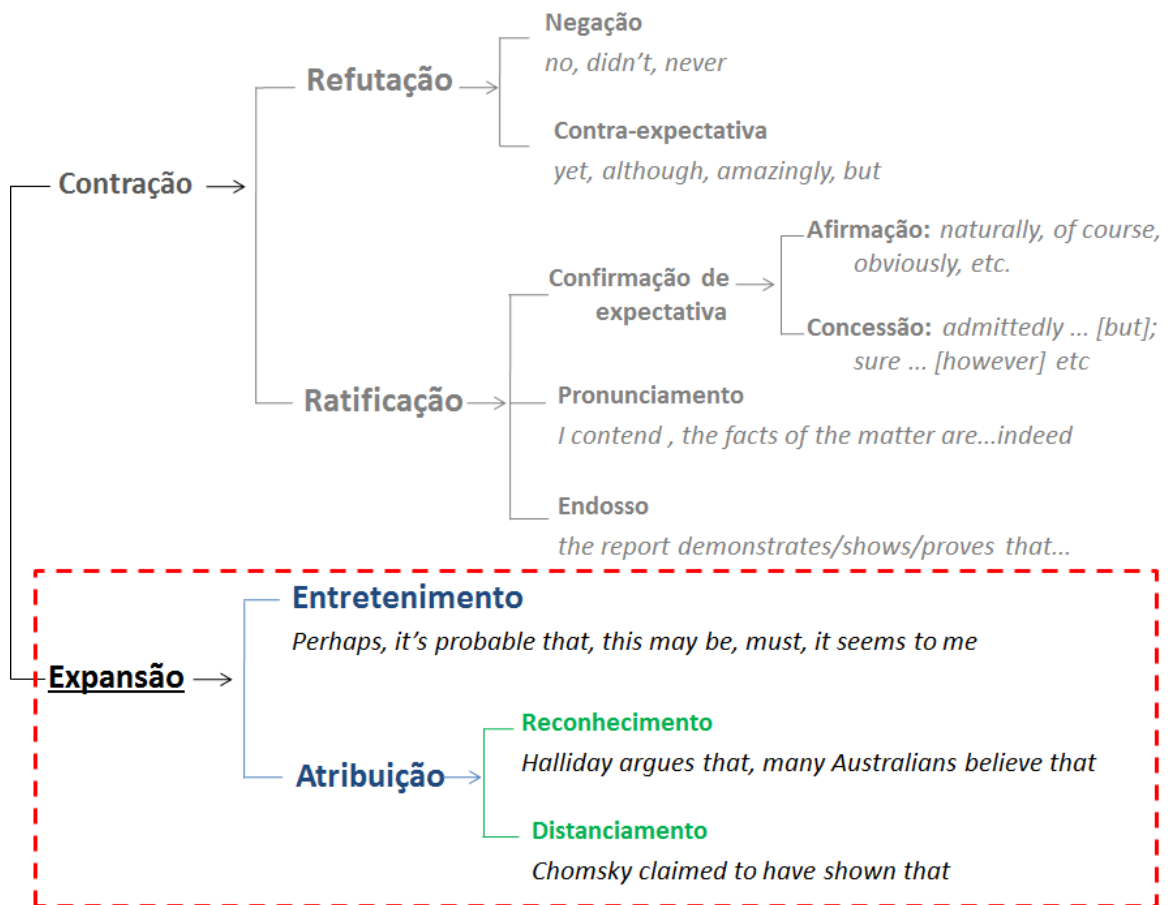
Fonte: Adaptado de Martin e White (2005).

A simples distinção que viermos a realizar entre proposições apresentadas por meio de atribuição por reconhecimento ou por distanciamento não fornecerá a verdadeira funcionalidade dialógica dessas formulações, pois somente temos a certeza de que se trata de expansão dialógica. Para uma compreensão mais aprofundada sobre os efeitos retóricos contidos nesses significados em determinado contexto, Martin e White (2005) sugerem que façamos bem mais do que simplesmente classificá-las em reconhecimento e distanciamento. Essa análise diz respeito aos graus de alinhamento e solidariedade do produtor do texto, cuja organização presume-se que seja possível para esse produtor permanecer indiferente e não se envolver em nenhum posicionamento valorativo. É o que ocorre em notícias sobre fatos desagradáveis, as chamadas *hard news*, cujo conteúdo apresenta uma faceta impessoal e imparcial para o público leitor, pois não enxerga no texto nenhuma investida do escritor em relação à posição reportada na notícia, o que faz com o que autor possa permanecer indiferente de qualquer relação de alinhamento ou desalinhamento. Desse modo, ele desempenha o papel de simples “mensageiro” que transmite o ponto de vista dos outros, estando livre de qualquer relação de solidariedade com a qual o leitor poderá estabelecer com a fonte citada cujo ponto de vista está sendo reportado (MARTIN; WHITE, 2005).

No entanto, há diversas maneiras por meio das quais o escritor poderá expor seu posicionamento nesses textos, seja contra ou a favor de um posicionamento de valor e, nesses casos, maior ou menor graus de alinhamento serão indicados e o texto poderá estar conduzindo seu leitor em direção a determinado posicionamento valorativo. Sendo assim, atribuições com alinhamento neutro contabilizam uma minoria, pois em textos argumentativos, como comentários da mídia, discursos políticos e artigos acadêmicos o mais comum é que atribuições estejam mais preocupadas com questões de alinhamento e solidariedade (MARTIN; WHITE, 2005).

Para Vian Jr. (2010), se expandirmos as possibilidades heteroglóssicas e os posicionamentos de contração e de expansão dialógica, teremos um esquema mais específico com os recursos do engajamento e suas categorias, com ênfase, neste trabalho, na expansão dialógica, mais especificamente na atribuição, conforme ilustrado na Figura 16:

Figura 16 – Subsistema de engajamento: recursos e categorias



Fonte: Adaptado de Martin e White (2005, p. 117).

Esse esquema nos proporciona uma visão geral dos recursos de engajamento e suas possibilidades, de expansão ou de contração do diálogo. Ao optar pela contração o escritor tem a possibilidade de utilizar a refutação e seus recursos de negação e contra expectativa, e ao optar pela ratificação o autor textual poderá lançar mão dos recursos de endosso, pronunciamento ou confirmação de expectativa que, se divide em afirmação e concessão. Já na expansão dialógica o escritor poderá escolher dois caminhos: o entretenimento, representado por modalizadores ou verbos modais, tais como o “talvez”, ou a atribuição que se divide em reconhecimento e distanciamento. Ao utilizar o recurso de reconhecimento o autor atribui para si a responsabilidade por aquilo que é falado, ao empregar processos neutros como o “dizer” ou circunstâncias de ângulo. Ao optar pelo distanciamento, o autor textual fará uso de processos mais assertivos, como o “afirmar” ou aspas, distanciando-se daquilo que foi informado e conferindo a outra voz a veracidade da proposição.

Para Balocco (2010, p. 41), “as estratégias de engajamento devem ser vistas como recursos para negociar os sentidos construídos no texto”. Analiticamente, podemos dizer que o sistema permite explorar o modo como o “locutor negocia suas opiniões com seus interlocutores imediatos e com vozes mais abstratas presentes no contexto de cultura em que se situa”. Sendo assim, para realizarmos um mapeamento dos recursos linguísticos do subsistema de engajamento temos que, primeiramente, analisar o posicionamento das vozes no texto. Martin e White (2005, p. 35) sugerem que devemos investigar de onde vêm e quem são as vozes que avaliam e são avaliadas. Ainda mais importante do que saber a fonte de onde as proposições foram extraídas é investigar como a voz autoral se posiciona em relação às reações e respostas antecipadas da audiência que estão sendo construídas para o texto. Portanto, os significados dialógicos de contração e expansão, orientados para essa antecipação, adquirem maior importância em relação à fonte da proposição trazida pela voz autoral, destacando uma orientação antecipatória, que tem como principal preocupação a maneira por meio da qual o produtor textual constrói para si uma audiência e apresenta-se engajado de vários modos com esse leitor (MARTIN; WHITE, 2005).

Até este capítulo, revisamos conceitos teóricos pertinentes ao desenvolvimento de nossa análise. Consideramos pertinente a opção pela abordagem sistêmico-funcional, mais especificamente pelo Sistema de Avaliatividade e seu subsistema de engajamento, pois os textos das notícias analisadas no presente estudos são tecidos por diferentes vozes convocadas pela voz do jornalista.

No próximo capítulo, detalhamos o tipo de pesquisa adotada, o universo de análise, os critérios de seleção do *corpus* e os procedimentos para análise dos dados do presente estudo.

CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos a metodologia a ser empregada em nossa pesquisa. Para isso, inicialmente, na seção 4.1, fazemos algumas considerações sobre pesquisa qualitativa na modalidade estudo de caso, principal abordagem que empregamos. Na seção 4.2, expomos a delimitação do universo de análise. Já na seção 4.3, descrevemos o *corpus* e os critérios que orientaram a seleção dos textos que o compõem. Na seção 4.4, enfocamos os procedimentos de análise dos dados.

4.1 PESQUISA QUALITATIVA E ESTUDO DE CASO

A presente pesquisa trata-se de um estudo de caso, analítico, descritivo, de cunho qualitativo com suporte quantitativo, cuja base teórica é a LSF, mais especificamente o Sistema de Avaliatividade e o seu subsistema de engajamento-atribuição. Optamos pela subcategoria atribuição, pois nosso foco é investigar aquelas vozes que o jornalista das notícias atribui a fontes externas, já que os textos apresentam opiniões diversificadas em relação à polêmica da EBSEH.

A pesquisa qualitativa, segundo Gibbs (2009), caracteriza-se por ter desenvolvido, ao longo dos anos, várias identidades próprias que fazem com que ela não seja apenas “não quantitativa”. Esse tipo de pesquisa tem o propósito de abordar o mundo “real”, diferente dos contextos especializados de pesquisa, como os laboratórios, além de buscar compreender, descrever e explicar fenômenos sociais de várias maneiras distintas, conforme apontado por Gibbs (2009, p. 8):

- Analisando experiências de indivíduos ou grupos. As experiências podem estar relacionadas a histórias biográficas ou a práticas (cotidianas ou profissionais), e podem ser tratadas analisando-se conhecimento, relato e histórias do dia a dia. - Examinando interações e comunicações que estejam se desenvolvendo. Isso pode ser baseado na observação e no registro de práticas de interação e comunicação, bem como na análise desse material. – Investigando documentos (textos, imagens, filmes ou música) ou traços semelhantes de experiências ou interações.

Tais abordagens procuram pormenorizar o modo como indivíduos constroem o mundo à sua volta, o que estão realizando e o que está acontecendo com eles, de modo a fazer sentido e oferecer uma visão rica. Interações e documentos podem constituir, conjunta ou conflituosamente, processos e artefatos sociais, mas todas essas abordagens representam formas de sentido, que podem ser reconstruídas e

investigadas por meio de diferentes métodos qualitativos, permitindo ao pesquisador o desenvolvimento de modelos, tipologias e teorias como um meio de descrever e explicar questões sociais e psicológicas (GIBBS, 2009, p. 8).

O estudo de caso como modalidade de pesquisa origina-se nos estudos antropológicos de Malinowski¹⁶ e na Escola de Chicago e, posteriormente, teve seu uso ampliado para o estudo de eventos, processos, organizações, grupos, comunidades etc. Sua difusão está ligada à prática psicoterapêutica caracterizada pela reconstrução da história do indivíduo, bem como ao trabalho dos assistentes sociais junto a indivíduos, grupos e comunidades. Atualmente, é adotado na investigação de fenômenos das mais diversas áreas do conhecimento, podendo ser visto como caso clínico, técnica psicoterápica, metodologia didática ou modalidade de pesquisa.

Para Yin (2005), o estudo de caso é uma dentre as várias estratégias para a realização de pesquisa, tais como experimentos, levantamentos, pesquisas históricas e análise de informações em arquivos. O autor afirma, ainda, que cada estratégia pode apresentar vantagens e desvantagens, dependendo de três condições básicas: a) tipo de questão de pesquisa; b) controle exercido pelo pesquisador em relação a eventos comportamentais efetivos; c) foco em fenômenos históricos em oposição aos contemporâneos. Os estudos de caso contribuem para o entendimento de fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos, permitindo uma investigação que preserve características holísticas e significativas de eventos da vida real (YIN, 2005).

Na seção seguinte, apresentamos o objeto de nosso estudo ao definirmos e contextualizarmos o universo de análise.

4.2 UNIVERSO DE ANÁLISE

Nosso objeto de análise vai ao encontro dos objetivos propostos pelo projeto Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa – Fase II (CABRAL, 2016). O projeto é

¹⁶ Bronislaw Kaper Malinowski (1884-1942) foi um antropólogo polonês cuja principal contribuição à antropologia foi o desenvolvimento de um novo método de investigação de campo, cuja origem remonta à sua intensa experiência de pesquisa na Austrália, inicialmente com o povo Mailu (1915) e posteriormente com os nativos das Ilhas Trobriand (1915-16, 1917-18). Malinowski influenciou fortemente os estudos dos linguistas J. R. Firth e M. A. K. Halliday, ao trabalhar as noções de contexto de cultura e contexto de situação. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bronis%C5%82aw_Malinowski, acesso em 5 nov. de 2016.

formado por alunos e professores pesquisadores que têm como principal objetivo a realização de estudos com vistas a analisar e descrever a Língua Portuguesa em diferentes contextos de uso como, por exemplo, o contexto midiático jornalístico analisado nesta pesquisa de doutorado.

O universo de análise do presente estudo é composto por textos coletados em jornais de diferentes cidades brasileiras onde houve a polêmica sobre a administração dos HUFs pela EBSEH. Esses textos deveriam preencher os seguintes pré-requisitos:

- a) Publicações em jornais brasileiros de cidades onde há um HUF;
- b) Disponibilidade *on-line* e gratuita dos textos;
- c) Apresentação da palavra chave “EBSEH” no conteúdo.

A decisão pela implantação ou não da EBSEH nos HUFs, que já ocorreu e ainda está em processo de avaliação em algumas instituições, gerou e tem gerado uma grande polêmica. A empresa se auto denomina como pública, conforme vimos no Capítulo 2. Além disso, o governo garante que não haverá privatização e que os hospitais manterão suas características de hospital-escola (HE) e atendimento 100% SUS. No entanto, alunos, servidores e demais usuários dos hospitais temem, pelas mais diversas razões, a perda dessas vantagens, além de se preocuparem com uma possível privatização das instituições, caso venham a ser administradas pela EBSEH. A partir dessa polêmica, definimos nosso universo de análise: notícias publicadas em jornais brasileiros sobre a EBSEH. Posteriormente, traçamos os critérios para a delimitação do *corpus*, que descrevemos na seção seguinte.

4.3 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DO *CORPUS*

Ao considerarmos os critérios definidos para a escolha do nosso objeto de pesquisa, adotamos o gênero notícia para nossa análise, conforme mencionado anteriormente. Esses textos são escritos em Língua Portuguesa e estão disponíveis gratuitamente no *site* “Guia de Mídia¹⁷”, no qual pudemos encontrar notícias de todos os estados brasileiros. Podemos caracterizar esse site como uma espécie de “guia” online de jornais brasileiros e internacionais, revistas brasileiras, *sites* de TVs e rádios do Brasil e do mundo. Na busca por notícias em “jornais brasileiros”, no

¹⁷ <http://www.guiademidia.com.br/jornais.htm>.

Guia de Mídia, temos a opção de selecionar os jornais de cada estado e, depois, de cada cidade, o que facilitou a busca por notícias nas cidades específicas onde há IFES. A princípio, as notícias selecionadas, por meio da ferramenta de pesquisa do *site*, tratavam de assuntos gerais relacionados à EBSEH.

A partir de uma leitura um pouco mais atenta dos textos encontrados, vimos a necessidade de estabelecer alguns critérios para que pudessemos chegar ao nosso *corpus* definitivo, permitindo que cumpríssemos nossos objetivos. Nosso objetivo geral é investigar, no estrato da semântica do discurso, em que medida as marcas linguísticas de engajamento convocadas pelos jornalistas concorrem para a atribuição de vozes nos discursos sobre privatização em notícias acerca da polêmica da nova gestão de HUFs pela EBSEH.

Já os objetivos específicos são: 1) descrever o contexto de cultura e de situação das notícias analisadas sobre a polêmica da nova gestão dos HUFs pela EBSEH (HALLIDAY; HASAN, 1989); 2) identificar a quem pertencem as vozes convocadas pelos jornalistas dessas notícias e quais os posicionamentos dessas vozes; 3) identificar as marcas linguísticas de engajamento-atribuição (nível semântico-discursivo) representadas pelas projeções e pelas circunstâncias de ângulo e também os processos empregados (CALDAS; COULTHARD, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) nessas ocorrências (nível léxico-gramatical) como recursos de heteroglossia; 4) categorizar os recursos de engajamento-atribuição, no estrato da semântica do discurso, presentes nos enunciados, conforme o Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005); e 5) determinar a posição enunciativa assumida pelas vozes textuais em termos de alinhamento e desalinhamento dessas vozes com os leitores presumidos (MARTIN; WHITE, 2005).

Os critérios para a seleção do *corpus*, além dos pré-requisitos estabelecidos na seção 4.2, foram:

- a) Textos representativos do gênero notícia;
- b) Notícias publicadas após a criação da EBSEH, ou seja, a partir de 2011 até o ano limite estipulado para a coleta dos textos, ou seja, 2016;
- c) Notícias contendo não somente a palavra-chave EBSEH, mas também tratando sobre a polêmica da implantação da empresa;
- d) Textos publicados em jornais de regiões onde houve um número significativo de notícias sobre a polêmica.

Dessa maneira, conforme os itens apresentados de “a” a “d”, chegamos a um número total de 187 notícias, publicadas entre 2011 e 2016, em diferentes jornais de cidades brasileiras das regiões Sudeste, Nordeste, Sul e Centro-Oeste do Brasil, sendo 84 notícias da região Sudeste, 45 da região Nordeste, 45 da região Sul e 13 notícias da região Centro-Oeste. Na região Norte o número de notícias encontradas não foi significativo, já que parece não ter havido problematização do assunto nas universidades da região.

O Quadro 3 apresenta a região, a cidade e o estado onde foram coletadas as notícias que formam o *corpus* deste estudo, além das UF envolvidas na polêmica da ESBERH e o número de notícias por instituição.

Quadro 3 – Número de notícias por região, cidade, estado e universidade

Região	Cidade-Estado	Universidade	Notícias
Sudeste	Minas Gerais (MG)	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	5
	Juiz de Fora (MG)	Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)	20
	Niterói (RJ)	Universidade Federal Fluminense (UFF)	15
	Rio de Janeiro (RJ)	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	2
	Rio de Janeiro (RJ)	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio)	3
	São Carlos (SP)	Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)	5
	Uberaba (MG)	Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)	23
	Uberlândia (MG)	Universidade Federal de Uberlândia (UFU)	4
Nordeste	Vitória (ES)	Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)	7
	Campina Grande (PB)	Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)	15
	Natal (RN)	Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	7
	Teresina (PI)	Universidade Federal do Piauí (UFPI)	2
	Maceió (AL)	Universidade Federal de Alagoas (UFAL)	7
	Aracaju (SE)	Universidade Federal do Sergipe (UFS)	2
	Fortaleza (CE)	Universidade Federal do Ceará (UFC)	2
	João Pessoa (PB)	Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	5
	Recife (PE)	Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	2
Sul	Salvador (BA)	Universidade Federal da Bahia (UFBA)	2
	São Luís (MA)	Universidade Federal do Maranhão (UFMA)	2
	Santa Maria (RS)	Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)	11
	Pelotas (RS)	Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)	9
	Rio Grande (RS)	Universidade Federal do Rio Grande (FURG)	15
Centro-Oeste	Florianópolis (SC)	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	6
	Curitiba (PR)	Universidade Federal do Paraná	4
	Brasília (DF)	Universidade de Brasília (UnB)	5
	Campo Grande (MS)	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)	2
Centro-Oeste	Goiânia (GO)	Universidade Federal de Goiás (UFG)	4
	Dourados (MS)	Universidade Federal de Grande Dourados (UFGD)	2
Total			187

Fonte: Elaborado pela autora.

Nos Quadros 4, 5, 6 e 7 apresentamos o modo como nomeamos e organizamos as notícias que compõem o *corpus* desta pesquisa, nas regiões

Sudeste, Nordeste, Sul e Centro-Oeste, respectivamente, assim como a referência de cada uma delas. A fim de identificá-las e para referi-las ao longo deste estudo, atribuímos um código aos textos. Esse código inicia pela sigla representativa do nome da universidade em cujo hospital houve a polêmica da instalação da EBSEH, e é seguida do símbolo sustenido (#), que, por sua vez, é seguido de um número que sequencia a notícia, por data de publicação. Por exemplo, UFSM#3¹⁸ deve ser lido como “Universidade Federal de Santa Maria, notícia de número 3”.

Na próxima seção, apresentamos as categorias e os procedimentos de análise dos dados.

4.4 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS

A fim de cumprirmos com os objetivos e realizarmos o estudo de caso a que nos propomos nesta pesquisa, adotamos procedimentos de caráter quantitativo e qualitativo para a nossa análise. Os procedimentos de caráter quantitativo dizem respeito à identificação e à contabilização das ocorrências de vozes externas convocadas, dos processos e dos modos de projeção empregados e do número de ocorrências de engajamento-atribuição (reconhecimento ou distanciamento). A característica qualitativa dos procedimentos reside na importância de realizar a interpretação e a categorização das manifestações de engajamento-atribuição que forem verificadas. Para isso, tomamos por base o referencial teórico acerca do Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005), mais especificamente o subsistema de engajamento-atribuição, discutido no Capítulo 3 deste estudo.

A análise proposta neste estudo envolve a investigação contextual e textual de 187 exemplares do gênero notícia. Ao investigarmos o contexto, levaremos em conta as variáveis do contexto de situação, conforme LSF. Ao analisarmos o texto, identificaremos e interpretaremos as marcas linguísticas nas notícias, conforme categorias de análise, descritas na seção 4.4.2.

¹⁸ Os exemplos que foram retirados do *corpus* e que são apresentados ao longo deste trabalho também contêm essa mesma identificação de acordo com a universidade em questão.

Quadro 4 – Código e referência dos textos que compõem o *corpus* da região Sudeste

Código	Fonte/disponibilidade on-line
UFMG#1	http://www.otempo.com.br/cidades/comunidade-universitaria-manifesta-contr-a-privatiza%C3%A7%C3%A3o-do-hospital-das-cl%C3%ADnicas-1.418097
UFMG#2	http://hojeemdia.com.br/horizontes/protesto-de-alunos-da-ufmg-contr-a-empresa-de-gest%C3%A3o-prejudica-tr%C3%A2nsito-na-%C3%A1rea-hospitalar-1.139017
UFMG#3	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/04/30/interna_gerais.379447/estudantes-de-medicina-protestam-contr-a-empresa-de-gestao-do-hospital-das-clinicas.shtml
UFMG#4	http://www.otempo.com.br/cidades/alunos-da-ufmg-e-funcion%C3%A1rios-do-hc-fazem-manifesta%C3%A7%C3%A3o-na-%C3%A1rea-hospitalar-de-bh-1.550207
UFMG#5	http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/05/15/interna_gerais.529020/mp-questiona-transferencia-da-administracao-do-hospital-das-clinicas-da-ufmg.shtml
UFJF#1	http://www.tribunademinas.com.br/estudantes-da-saude-protestam-no-centro/
UFJF#2	https://www.google.com/url?q=http://www.acesa.com/saude/arquivo/noticias/2012/08/20-privatizacao-do-hu-gera-opinioes-diversas-durante-audiencia-publica/&sa=U&ved=0ahUKEwifqY_lj8zSAhUD0iYKHQ0KdE4ChAWCBwwCA&client=internal-uds-cse&usq=AFQjCNFRxwodylvBlurDXe1ENqTsv9guWQ
UFJF#3	http://www.tribunademinas.com.br/luta-contr-a-terceirizacao-de-hus/
UFJF#4	http://www.tribunademinas.com.br/residentes-do-hu-cobram-adesao-imediata-a-EBSERH/
UFJF#5	http://www.tribunademinas.com.br/definicao-sobre-o-hu-so-na-proxima-semana/
UFJF#6	http://www.tribunademinas.com.br/noticias/cidade/28-02-2013/corte-de-25-por-cento-no-orcamento-do-hu.html
UFJF#7	http://www.tribunademinas.com.br/destino-do-hu-pode-ser-definido-nesta-terca/
UFJF#8	http://www.tribunademinas.com.br/residentes-do-hu-ameacam-greve/
UFJF#9	http://www.tribunademinas.com.br/tecnicos-da-ufjf-param-atividades/
UFJF#10	http://cms.hojeemdia.com.br/preview/www/2.602/2.608/2.678/1.242950
UFJF#11	http://www.tribunademinas.com.br/mpf-vai-a-justica-contr-a-EBSERH/
UFJF#12	http://www.tribunademinas.com.br/ufjf-e-impedida-de-privatizar-hu/
UFJF#13	http://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2014/09/justica-impede-ufjf-de-repassar-gestao-do-hospital-para-EBSERH.html
UFJF#14	http://www.otempo.com.br/cidades/liminar-impede-transfer%C3%Aancia-do-hospital-da-ufjf-para-a-EBSERH-1.910048
UFJF#15	http://www.acesa.com/saude/arquivo/noticias/2014/09/03-hu-nao-pode-ser-privatizado-determina-ministerio-publico/
UFJF#16	http://www.tribunademinas.com.br/ufjf-consegue-na-justica-direito-a-contrato-com-EBSERH/
UFJF#17	http://www.acesa.com/cidade/arquivo/noticias/2014/11/19-ufjf-assina-contrato-com-empresa-que-ficara-responsavel-pelo-hu/
UFJF#18	http://www.tribunademinas.com.br/greve-deve-adiar-matricula-dos-aprovados-no-sisu-e-pism-da-ufjf/
UFJF#19	http://www.tribunademinas.com.br/greve-deve-adiar-matricula-na-ufjf/
UFJF#20	http://www.acesa.com/educacao/arquivo/noticias/2016/01/13-obras-inacabadas-gerencia-norteiam-debate-reitor-ufjf/
UFF#1	http://www.ofluminense.com.br/pt-br/cidades/servidores-protestam-contr-a-suspens%C3%A3o-de-interna%C3%A7%C3%B5es-em-hospital-de-niter%C3%B3
UFF#2	http://www.ofluminense.com.br/pt-br/cidades/futuro-do-antonio-pedro-em-pauta
UFF#3	http://www.ofluminense.com.br/pt-br/cidades/huap-impasse-sobre-modelo-de-gest%C3%A3o
UFF#4	http://www.ofluminense.com.br/pt-br/cidades/protesto-e-discuss%C3%A3o-pela-sa%C3%BAde
UFF#5	http://www.ofluminense.com.br/pt-br/cidades/huap-ter%C3%A1-destino-selado-amanh%C3%A3
UFF#6	http://www.ib.com.br/rio/noticias/2016/01/27/servidores-pedem-plebiscito-para-concessao-de-hospital-universitario/
UFF#7	http://www.ofluminense.com.br/pt-br/cidades/impasse-sem-fim-sobre-gest%C3%A3o-do-huap
UFF#8	http://www.ofluminense.com.br/pt-br/cidades/debate-sobre-nova-ger%C3%Aancia-do-ant%C3%B4nio-pedro-divide-opini%C3%B5es
UFF#9	http://www.ofluminense.com.br/pt-br/cidades/conselho-da-uff-debate-hoje-o-futuro-do-huap
UFF#10	http://www.ofluminense.com.br/pt-br/cidades/tumulto-na-escolha-de-gestora-que-administrar%C3%A1-o-huap
UFF#11	http://www.ofluminense.com.br/pt-br/cidades/huap-sintuff-prepara-novo-protesto
UFF#12	http://oglobo.globo.com/rio/bairros/reuniao-na-quarta-decide-futuro-do-hospital-universitario-antonio-pedro-18858684
UFF#13	http://www.ofluminense.com.br/pt-br/cidades/dire%C3%A7%C3%A3o-do-huap-muda-de-m%C3%A3os
UFF#14	http://www.ib.com.br/rio/noticias/2016/03/16/empresa-de-servicos-hospitalares-e-aprovada-na-uff-com-forte-repressao-policial/
UFF#15	http://oglobo.globo.com/rio/bairros/empresa-vinculada-ao-mec-assume-gestao-do-antonio-pedro-19032245
UFRJ#1	http://www.ib.com.br/rio/noticias/2013/03/07/profissionais-de-saude-fazem-ato-em-defesa-dos-hospitais-universitarios/

UFRJ#2	http://www.ib.com.br/rio/noticias/2013/04/26/padilha-defende-nova-empresa-de-servicos-hospitalares/
UNIRIO#1	https://oglobo.globo.com/rio/reuniao-sobre-hospital-universitario-acaba-em-tumulto-na-unirio-18273826
UNIRIO#2	http://www.ib.com.br/rio/noticias/2015/12/17/empresa-de-servicos-hospitalares-assume-gestao-do-hospital-gafree-e-quinle-no-rio/
UNIRIO#3	https://oglobo.globo.com/rio/bairros/troca-de-gestao-no-gafree-quinle-gera-duvidas-entre-servidores-18506257
UFSCar#1	http://www.saocarlosagora.com.br/cidade/noticia/2013/02/28/39242/reitoria-da-ufscar-desmente-comunicado-sobre-privatizacao-do-hospital-escola/
UFSCar#2	http://www.saocarlosagora.com.br/cidade/noticia/2013/03/01/39287/ufscar-iniciara-negociacoes-relacionadas-a-possibilidade-de-federalizacao-do-hospital-escola-municipal-de-sao-carlos/
UFSCar#3	http://www.saocarlosdiaenoite.com.br/index.php?option=com_k2&view=item&id=37210:c%C3%A2mara-discute-federaliza%C3%A7%C3%A3o-do-hospital-escola-em-audi%C3%Aancia-p%C3%BAblica&Itemid=585
UFSCar#4	http://www.saocarlosdiaenoite.com.br/index.php?option=com_k2&view=item&id=35331:altomani-anuncia-federaliza%C3%A7%C3%A3o-do-hospital-escola&Itemid=585
UFSCar#5	http://www.saocarlosdiaenoite.com.br/index.php?option=com_k2&view=item&id=35542:conselho-universit%C3%A1rio-aprova-federaliza%C3%A7%C3%A3o-do-hospital-escola&Itemid=585
UFTM#1	http://www.jmonline.com.br/novo/?noticias,2,CIDADE,40099
UFTM#2	http://www.jmonline.com.br/novo/?noticias,2,CIDADE,40898
UFTM#3	http://www.jmonline.com.br/novo/?noticias,2,CIDADE,54124
UFTM#4	http://www.jmonline.com.br/novo/?noticias,2,CIDADE,59419
UFTM#5	http://www.jmonline.com.br/novo/?noticias,2,CIDADE,65195
UFTM#6	http://www.jmonline.com.br/novo/?noticias,2,CIDADE,73388
UFTM#7	http://www.jmonline.com.br/novo/?noticias,6,POL%CDTICA,74393
UFTM#8	http://www.jmonline.com.br/novo/?noticias,7,SA%DADE,74403
UFTM#9	http://www.jmonline.com.br/novo/?noticias,2,CIDADE,74736
UFTM#10	http://www.jmonline.com.br/novo/?noticias,2,CIDADE,74859
UFTM#11	http://www.jmonline.com.br/novo/?noticias,2,CIDADE,74959
UFTM#12	http://www.jmonline.com.br/novo/?noticias,2,CIDADE,87182
UFTM#13	http://www.jornaldeuberaba.com.br/cadernos/cidade/270/ouvidor-sana-duvidas-sobre-implantacao-da-EBSERH/
UFTM#14	http://www.jmonline.com.br/novo/?noticias,2,CIDADE,76255
UFTM#15	http://www.jmonline.com.br/novo/?noticias,2,CIDADE,76394
UFTM#16	http://www.jmonline.com.br/novo/?noticias,2,CIDADE,76498
UFTM#17	http://www.jornaldeuberaba.com.br/cadernos/politica/1818/comunidade-da-ufm-participa-de-plebiscito-sobre-a-EBSERH/
UFTM#18	http://www.jornaldeuberaba.com.br/cadernos/geral/4159/manifestantes-e-sindicalistas-optam-por-concentracao-em-vez-de-passeata/
UFTM#19	http://www.jornaldeuberaba.com.br/cadernos/justica/7408/contrato-da-EBSERH-volta-a-ser-discutido-na-justica/
UFTM#20	http://www.jmonline.com.br/novo/?noticias,2,CIDADE,90051
UFTM#21	http://www.jmonline.com.br/novo/?noticias,1,GERAL,95338
UFTM#22	http://www.jcuberaba.com.br/cidade/politica/5976/camara-ouve-trabalhadores-em-greve/
UFTM#23	http://www.jornaldeuberaba.com.br/cadernos/geral/22114/manifestacao-contra-terceirizacao-em-uberaba/
UFU#1	http://www.correiodeuberlandia.com.br/colunas/pontodevista/empresa-publica-e-ufu/
UFU#2	http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/hospital/ministerios-publico-federal-e-de-mg-recomendam-que-hc-ufu-faca-adesao-a-EBSERH/
UFU#3	http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/reitoria-da-ufu-deve-ir-a-brasilia-para-analisar-minuta-de-contrato-com-EBSERH/
UFU#4	http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/pre-adesao-do-hc-ufu-a-EBSERH-seque-indefinida-em-uberlandia-apos-reuniao/
UFES#1	https://www.capixabao.com/leitura/11247/vitoria/dossie-hucam-e-entregue-a-deputados-estaduais/
UFES#2	https://www.capixabao.com/leitura/12089/vitoria/hospital-das-clinicas-suspende-50-dos-atendimentos/
UFES#3	https://www.capixabao.com/leitura/15902/vitoria/hospital-universitario-passa-a-ser-administrado-por-ufes-e-empresa-publica/
UFES#4	http://www.folhavitoria.com.br/geral/noticia/2013/05/servidores-do-hospital-das-clinicas-em-vitoria-prometem-entrar-em-greve-na-proxima-segunda-feira.html
UFES#5	http://www.folhavitoria.com.br/geral/noticia/2013/05/servidores-entram-em-greve-e-populacao-fica-sem-atendimento-no-hospital-das-clinicas.html
UFES#6	http://seculodiario.com.br/16263/13/profissionais-da-saude-protestam-contra-a-privatizacao-de-hospitais-1
UFES#7	http://www.folhavitoria.com.br/geral/noticia/2014/03/caixoes-sao-colocados-na-entrada-do-hospital-das-clinicas-em-vitoria.html

Quadro 5 – Código e referência dos textos que compõem o *corpus* da região Nordeste

Código	Fonte/disponibilidade <i>on-line</i>
UF CG#1	http://www.maispb.com.br/66626/deputado-protesta-contr-a-proposta-de-privatizacao-dos-hus.html
UF CG#2	http://www.wscom.com.br/noticias/educacao/+reitor+da+ufcg+publica+nota+sobre+adesao+a+EBSERH-124881
UF CG#3	http://www.jornaldaparaiba.com.br/vida_urbana/noticia/87138_ufcg-funcionarios-protestam
UF CG#4	http://www.jornaldaparaiba.com.br/vida_urbana/noticia/87315_servidores-da-ufcg-protestam-contr-a-privatizacao-do-hu
UF CG#5	http://www.wscom.com.br/noticias/paraiba/%E2%80%9Cnao+adesao+a+EBSERH+pode+levar+hu+ao+colapso%E2%80%9D+preve+reitor+da+ufcg-130072
UF CG#6	http://www.jornaldaparaiba.com.br/vida_urbana/noticia/117484_reitor-defende-adesao-do-hu-a-empresa
UF CG#7	http://www.jornaldaparaiba.com.br/vida_urbana/noticia/118351_votacao-da-EBSERH-e-cancelada
UF CG#8	http://www.agorapb.com.br/2014/01/justica-manda-ufcg-garantir-atuacao-do.html
UF CG#9	http://www.jornaldaparaiba.com.br/vida_urbana/noticia/123259_tumulto-contr-adesao-a-EBSERH
UF CG#10	http://www.jornaldaparaiba.com.br/vida_urbana/noticia/123676_ufcg-adere-a-empresa-publica-para-gerir-hus
UF CG#11	http://www.pbagora.com.br/conteudo.php?id=20140327092739&cat=saude&keys=hus-pb-aderem-EBSERH
UF CG#12	http://www.jornaldaparaiba.com.br/vida_urbana/noticia/124085_paralisacao-contr-gestao-da-EBSERH
UF CG#13	http://www.jornaldaparaiba.com.br/vida_urbana/noticia/124143_protesto-contr-EBSERH-fecha-portoes-da-ufcg
UF CG#14	http://www.pbagora.com.br/conteudo.php?id=20140407133534&cat=educacao&keys=estudante-revela-manifestantes-impediram-acesso-comunidade-academica-ufcg
UF CG#15	http://www.pbagora.com.br/conteudo.php?id=20140627104027
UFAL#1	http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=214184
UFAL#2	http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=214659
UFAL#3	http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=214846
UFAL#4	http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=199764
UFAL#5	http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=224436
UFAL#6	http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=224435
UFAL#7	http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=240919
UFRN#1	http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/huol-aprova-adesao-a-empresa-brasileira-de-servicos-hospitais/234785
UFRN#2	http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/conselho-define-modelo-de-gestao/235158
UFRN#3	http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/termina-em-bate-boca-reuniao-sobre-hospitais/235684
UFRN#4	http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/reitora-explica-modelo-de-gestao/235748
UFRN#5	http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/sintest-realiza-ato-contr-EBSERH/238679
UFRN#6	http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/ufn-discute-hoje-novo-modelo/239380
UFRN#7	http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/empresa-assumira-gestao-do-huol/239482
UFPI#1	http://www.guiademedia.com.br/acesar-site-do-piaui.htm?http://www.portalodia.com/jornal
UFPI#2	http://www.portalodia.com/noticias/piaui/entidades-cobram-abertura-imediata-do-hu-da-ufpi-1-106131.html
UFS#1	http://www.jornaldodiase.com.br/noticias_ler.php?id=7442
UFS#2	http://www.jornaldodiase.com.br/noticias_ler.php?id=9501
UFC#1	http://www.opovo.com.br/app/opovo/fortaleza/2011/03/29/noticias/jornalfortaleza.2118925/medicos-temem-privatizacao.shtml
UFC#2	http://diariodoNordeste.verdesmares.com.br/cadernos/nacional/criacao-de-estatal-divide-opinioes-1.270077
UFPB#1	http://www.jornaldaparaiba.com.br/vida_urbana/noticia/93030_protesto-contr-gestao
UFPB#2	http://www.wscom.com.br/noticias/educacao/sintespbb+acusa+margareth+de+quebrar+acordo+para+entregar+hu+a+%60terceirizacao%60-148629
UFPB#3	http://www.pbagora.com.br/conteudo.php?id=20130501130629&cat=paraiba&keys=conselho-ufpb-aprova-nova-decisao-hu-capital-sera-privatizado
UFPB#4	http://www.jornaldaparaiba.com.br/vida_urbana/noticia/105578_consuni-aprova-gestao-terceirizada-para-o-hu
UFPB#5	http://www.parlamentopb.com.br/Noticias/?empresa-vai-administrar-o-hu-de-joao-pessoa-19.12.2013
UFPE#1	http://www.pinzon.com.br/index.php?i=5&c=1&n=19256
UFPE#2	http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2013/12/04/interna_vidaurbana.477479/justica-da-prazo-ate-as-19h-para-manifestantes-desocuparem-reitoria.shtml
UFBA#1	http://www.salvadornoticias.com/2011/08/servidores-tecnico-administrativos-da.html
UFBA#2	http://www.salvadornoticias.com/2012/10/servidores-da-ufba-fazem-paralisacao.html
UFMA#1	http://www.guiademedia.com.br/acesar-site-domaranhao.htm?http://www.oestadoma.com.br

Quadro 6 – Código e referência dos textos que compõem o *corpus* da região Sul

Código	Fonte/disponibilidade on-line
UFPEL#1	http://diariodamanhapelotas.com.br/site/audiencia-na-camara-de-vereadores-debate-a-EBSERH/
UFPEL#2	http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2013/12/assinatura-de-convenio-para-hospital-universitario-motivou-protesto-na-ufpel-4361954.html#showNoticia=LHtubz1LNiQ3ODMyMDQ0MTk3NDgwNzU5Mjk2TXZWOTEwOTI1Mzk0Njc3NTkzMjg3NENxfiY1NjlxMjY0MDkzNDEzMzc2MDBDe2NxRUhNaS5keHQ2JEUyX0c
UFPEL#3	http://diariodamanhapelotas.com.br/site/polemica-sobre-a-gestao-do-hospital-escola-e-debatida-em-audiencia/
UFPEL#4	http://diariodamanhapelotas.com.br/site/audiencia-publica-na-assembleia-legislativa-vai-debater-contrato-entre-ufpel-e-EBSERH/
UFPEL#5	http://www.diariopopular.com.br/index.php?n_sistema=3056&id_noticia=ODk2MDk=&id_area=Mg
UFPEL#6	http://www.diariopopular.com.br/index.php?n_sistema=3056&id_noticia=OTlwNDg=&id_area=Mg
UFPEL#7	http://www.diariopopular.com.br/index.php?n_sistema=3056&id_noticia=OTE1NzY=&id_area=OA
UFPEL#8	http://www.diariopopular.com.br/index.php?n_sistema=3056&id_noticia=OTE2MTE=&id_area=OA
UFPEL#9	http://diariodamanhapelotas.com.br/site/ufpel-e-EBSERH-assinam-contrato/
FURG#1	http://www.jornalagora.com.br/site/content/noticias/detalhe.php?e=3&n=75372
FURG#2	http://www.jornalagora.com.br/site/content/noticias/detalhe.php?e=3&n=75156
FURG#3	http://www.jornalagora.com.br/site/content/noticias/detalhe.php?e=3&n=70538
FURG#4	http://www.jornalagora.com.br/site/content/noticias/detalhe.php?e=3&n=62279
FURG#5	http://www.jornalagora.com.br/site/content/noticias/detalhe.php?e=3&n=61472
FURG#6	http://www.jornalagora.com.br/site/content/noticias/detalhe.php?e=3&n=61193
FURG#7	http://www.jornalagora.com.br/site/content/noticias/detalhe.php?e=3&n=61076
FURG#8	http://www.jornalagora.com.br/site/content/noticias/detalhe.php?e=3&n=60473
FURG#9	http://www.jornalagora.com.br/site/content/noticias/detalhe.php?e=3&n=60251
FURG#10	http://www.jornalagora.com.br/site/content/noticias/detalhe.php?e=3&n=59815
FURG#11	http://www.jornalagora.com.br/site/content/noticias/detalhe.php?e=3&n=42021
FURG#12	http://www.jornalagora.com.br/site/content/noticias/detalhe.php?e=3&n=8933
FURG#13	http://www.diariopopular.com.br/index.php?n_sistema=3056&id_noticia=OTY4ODY=&id_area=OA
FURG#14	http://diariodamanhapelotas.com.br/site/hufurg-discute-adesao-a-EBSERH/
UFSM#1	http://www.correiodopovo.com.br/impresao.Asp?Noticia=458364
UFSM#2	Fonte não mais encontrada
UFSM#3	http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/noticia/2013/10/manifestantes-barram-conselheiros-e-impedem-votacao-que-decidiria-pela-integracao-do-husm-a-empresa-hospitalar-4297736.html
UFSM#4	http://www.clicrbs.com.br/especial/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&espid=165&action=noticias&id=4311045
UFSM#5	https://www.arazao.com.br/noticia/57737/57737/
UFSM#6	https://www.arazao.com.br/noticia/57884/57884/
UFSM#7	https://www.arazao.com.br/noticia/57988/57988/
UFSM#8	http://coral.ufsm.br/midia/?p=10141
UFSM#9	https://www.arazao.com.br/noticia/58108/58108/
UFSM#10	http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/noticia/2013/11/protesto-em-defesa-do-husm-e-realizado-na-ufsm-4347013.html
UFSM#11	https://www.arazao.com.br/noticia/58202/58202/
UFPR#1	http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/adesao-a-EBSERH-esta-indefinida-94wjbffzy8ywrircdxkel3ke
UFPR#2	http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/resistencia-a-adesao-do-hc-a-EBSERH-permanece-apos-audiencia-publica-eb9wvwrnvx2hkixic6so4ez8em
UFPR#3	http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/sindicato-vai-a-justica-para-tentar-anular-contrato-do-hc-com-estatal-ecs5i57mehvhonoachsbh5wzy
UFPR#4	http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/manifestantes-contrarios-a-adesao-do-hc-a-EBSERH-realizam-protesto-na-ufpr-ecyx5znnto8u4kli6cnoo0sjta
UFSC#1	http://www.tudosobrefloripa.com.br/index.php/desc_noticias/ultimo_debate_sobre_a_EBSERH_acontece_nesta_terca_feira_25_na_ufsc
UFSC#2	http://www.tudosobrefloripa.com.br/index.php/desc_noticias/forum_contra_privatizacoes_promove_protesto_na_ufsc_nesta_terca_30
UFSC#3	http://dc.clicrbs.com.br/sc/colunistas/moacir-pereira/noticia/2015/11/conselho-decide-futuro-do-hu-4910424.html
UFSC#4	http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2015/11/reuniao-do-conselho-da-ufsc-que-votaria-adesao-aEBSERH-e-suspensa-por-razoes-de-seguranca-4914477.html
UFSC#5	http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2015/12/reitoria-da-ufsc-quer-finalizar-proposta-de-contrato-com-EBSERH-ainda-este-ano-4920528.html
UFSC#6	http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2016/03/reitora-da-ufsc-assina-contrato-de-adesao-a-EBSERH-5113701.html

Quadro 7 – Código e referência dos textos que compõem o *corpus* da região Centro-Oeste

Código	Fonte/disponibilidade on-line
UnB#1	http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2011/05/02/interna_cidadesdf,250576/direcao-do-hospital-universitario-de-brasilia-pede-demissao-coletiva.shtml?sms_ss=twitter&at_xt=4dbf60ee204afe60_0
UnB#2	http://www.camaraempauta.com.br/2013/03/mpf-df-propoe-anulacao-do-contrato-de-gestao-do-hub/
UnB#3	http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/ff_carreira/2013/04/03/ff_carreira_interna,358282/agu-apresenta-manifestacao-a-favor-de-lei-que-autorizou-criacao-da-EBSERH.shtml
UnB#4	http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/08/21/interna_cidadesdf,383666/estudantes-de-medicina-da-unb-protestam-em-frente-ao-hub-na-l2-norte.shtml
UnB#5	http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/professor/2015/06/17/professor_interna,486893/professores-da-unb-decidem-sobre-greve-nesta-quarta-feira-17.shtml
UFMS#1	http://www.correiodoestado.com.br/noticia/hospital-passa-a-ser-administrado-por-estatal/179807/
UFMS#2	http://www.correiodoestado.com.br/cidades/campo-grande/servidores-paralisam-atendimentos-na-ufms-e-hu/271458/
UFGD#1	http://www.progresso.com.br/caderno-a/ciencia-saude/empresa-brasileira-de-servicos-hospitalares-administrara-os-hospitais
UFGD#2	http://www.progresso.com.br/caderno-a/ciencia-saude/usuarios-acionam-mpf-contras-EBSERH-no-hu
UFG#1	http://www.opopular.com.br/editorias/cidade/ufg-protesta-contras-terceiriza%C3%A7%C3%A3o-1.40791
UFG#2	http://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/mudanca-de-gestao-do-hospital-das-clinicas-e-motivo-de-protesto-em-goiania-21115/
UFG#3	http://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/funcionarios-hospital-das-clinicas-paralisam-atividades-em-protesto-contras-mudanca-de-gestao-21179/
UFG#4	http://www.opopular.com.br/editorias/cidade/transfer%C3%A7%C3%A3o-de-gest%C3%A3o-%C3%A9-incerta-1.729102

4.4.1 Procedimentos para investigação contextual

Ao investigarmos o contexto das notícias analisadas, partimos das variáveis contextuais de situação: campo, relações e modo, propostas por Halliday e Hasan (1989), que conduziram à formulação dos seguintes procedimentos:

- A) Investigação sobre o período/data da publicação das notícias;
- B) Investigação sobre a polêmica e sua repercussão como um evento situado em cada uma das universidades na época da publicação das notícias;
- C) Identificação dos participantes envolvidos;
- D) Identificação do papel desempenhado pela linguagem, o canal e o meio.

Posterior a essa etapa, o estudo também se propôs a realizar uma análise textual, conforme descrito na seção seguinte.

4.4.2 Categorias e procedimentos para investigação textual

Para a investigação do texto, partimos do nível léxico-gramatical, ao identificarmos as marcas linguísticas de projeção e as circunstâncias de ângulo, realizando, no nível semântico-discursivo, as categorias da Avaliatividade, mais especificamente do subsistema de engajamento: atribuição por distanciamento ou por reconhecimento.

Para identificarmos essas marcas linguísticas no texto, realizamos a leitura detalhada de cada uma das notícias, cujas orações foram destacadas e classificadas conforme os seguintes procedimentos analíticos:

- A) Descrição do contexto de cultura e de situação (HALLIDAY; HASAN, 1989) das notícias analisadas sobre a polêmica da nova gestão dos HUFs pela EBSEH, identificando a região, a cidade e a universidade sobre os quais cada texto tratava;
- B) Identificação das vozes convocadas pelos jornalistas dessas notícias e posicionamento delas em relação à EBSEH - Contra (C), Favorável (F), Sem Posicionamento Explícito (SPE);
- C) Identificação das marcas linguísticas de engajamento (nível semântico discursivo) representadas pelas projeções e pelas circunstâncias de ângulo (nível léxico-gramatical) e dos tipos de processos empregados nessas ocorrências (CALDAS-COULTHARD, 1994; HALLIDAY;

MATTHIESSEN, 2014), destacando os seis mais recorrentes em cada região, devido à limitação de tempo e espaço para a realização da análise dos demais processos;

- D) Categorização dos recursos de engajamento-atribuição presentes nos enunciados, conforme o Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005);
- E) Identificação da posição enunciativa assumida pelas vozes textuais (C, F e SPE em relação à EBSERH) em termos de alinhamento e desalinhamento dessas vozes com os leitores presumidos (MARTIN; WHITE, 2005).

Após cumprirmos os procedimentos descritos nos cinco itens, iniciamos a análise semântico-interpretativa, que permitiu que chegássemos aos resultados finais desta pesquisa. Ao realizarmos a interpretação dos dados, procuramos identificar as marcas avaliativas do subsistema de engajamento-atribuição que nos conduzem à compreensão do papel das diferentes vozes convocadas pelos produtores das notícias de modo a construir o discurso sobre privatização nas notícias de diferentes regiões.

CAPÍTULO 5 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, apresentamos a discussão dos resultados qualiquantitativos obtidos a partir da análise das notícias coletadas em cidades de quatro regiões brasileiras, Sudeste, Nordeste, Sul e Centro-Oeste, onde houve o debate público sobre a implantação da EBSEH. Cabe ressaltar que os textos analisados são a recontextualização (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999) dos fatos ocorridos durante a polêmica. Este estudo se propôs a analisar as marcas linguísticas de engajamento-atribuição no *corpus* coletado, a fim de averiguar em que medida essas evidências da língua ajudam a construir diferentes discursos sobre privatização nessas regiões.

A única região não contemplada na análise, a região Norte, não apresentou número significativo de notícias sobre a polêmica em relação à administração dos HUs de suas três IFES (UFAM, UFT, UFPA). Ainda assim, podemos considerar esse fato com parte dos resultados, já que identificamos que esse “silenciamento” por parte dos nortistas pode significar que o evento sobre a implantação da EBSEH nessa região não foi problemático para a comunidade.

A fim de cumprirmos nosso objetivo, dividimos nossa análise por região e de acordo com as seguintes categorias léxico-gramaticais para análise textual: 1) análise de vozes e seus posicionamentos e 2) análise dos processos empregados, dos modos de projeção de vozes (relato, citação, circunstância de ângulo e citação evocada) e das ocorrências de engajamento-atribuição (distanciamento e reconhecimento).

Para tanto, dividimos este capítulo em cinco seções: na seção 5.1, apresentamos um panorama sobre os resultados gerais, considerando as quatro regiões, no que diz respeito à análise contextual e às categorias, anteriormente apresentadas para análise textual. Depois, iniciamos a discussão e a apresentação de resultados por região, na seção 5.2, começando pelo *corpus* da região Sudeste. Em seguida, na seção 5.3, analisamos a região Nordeste e depois a região Sul, na seção 5.4. Na seção 5.5, trazemos a análise e a discussão do *corpus* da região Centro-Oeste, seguida de um apanhado geral sobre os resultados obtidos nas quatro regiões.

5.1 RESULTADOS GERAIS: UM PANORAMA

Como mencionamos no início deste capítulo, nosso objetivo com esta primeira seção é apresentar um panorama dos resultados gerais, trazendo os números obtidos após a tabulação e a análise de notícias das quatro regiões investigadas.

Nossa pesquisa por notícias sobre a polêmica da implantação da EBSERH em HUs de IFES brasileiras aconteceu, primeiramente, na região Sul, mais especificamente no município de Santa Maria, onde está localizada a UFSM, e onde a autora desta tese presenciou de perto o debate, no HU. Posteriormente, buscamos investigar se o mesmo acontecia em cidades de outras regiões e percebemos que a polêmica foi bastante discutida em nível nacional. A partir dessa busca, selecionamos notícias de jornais localizados em cidades das regiões Sudeste, Nordeste, Sul e Centro-Oeste, já que na região Norte o número de notícias foi insuficiente para agregar ao restante do *corpus*. Por fim, chegamos a um total de 187 notícias e 1.269 ocorrências de engajamento, como mostra o Quadro 8:

Quadro 8 – Número de notícias e ocorrências de engajamento-atribuição no *corpus*

Região brasileira	Notícias	Ocorrências de engajamento	Número de ocorrências e notícias por universidade
Sudeste (SE)	84 (45%)	549 (43,3%)	UFMG - 19 ocorrências - 5 notícias; UFJF - 142 ocorrências - 20 notícias; UFF - 139 ocorrências - 15 notícias; UFRJ - 13 ocorrências - 2 notícias; UNIRIO - 28 ocorrências - 3 notícias; UFSCar - 29 ocorrências - 5 notícias; UNIFESP - nenhuma notícia; UFTM - 131 ocorrências - 23 notícias; UFU - 24 ocorrências - 4 notícias; UFES - 24 ocorrências - 7 notícias.
Nordeste (NE)	45 (24%)	330 (26%)	UFS - 11 ocorrências - 2 notícias; UFCG - 116 ocorrências - 15 notícias; UFC - 7 ocorrências - 2 notícias; UFPB - 39 ocorrências - 5 notícias; UFAL - 49 ocorrências - 7 notícias; UFPI - 19 ocorrências - 2 notícias; UFRN - 67 ocorrências - 7 notícias; UFPE - 14 ocorrências - 2 notícias; UFBA - 6 ocorrências - 2 notícias; UFMA - 2 ocorrências - 2 notícias; UNIVASF - nenhuma notícia;
Sul (S)	45 (24%)	322 (25,4%)	UFP - 33 ocorrências - 4 notícias; UFRGS - nenhuma notícia; UFSM - 72 ocorrências - 11 notícias; UFPEL - 49 ocorrências - 9 notícias; FURG - 152 ocorrências - 15 notícias; UFSC - 16 ocorrências - 6 notícias.
Centro-Oeste (CO)	13 (7%)	68 (5,3%)	UnB - 27 ocorrências - 5 notícias; UFMT - nenhuma notícia; UFG - 21 ocorrências - 4 notícias; UFMS - 4 ocorrências - 2 notícias; UFGD - 16 ocorrências - 2 notícias;
Total	187	1.269	

Fonte: Elaborado pela autora.

Nos jornais de cada cidade dessas regiões, onde estão localizados os HUs, presenciamos um amplo debate em relação à implantação ou não da EBSERH e sobre quais benefícios e malefícios essa adesão poderia acarretar. Na segunda linha, com destaque em azul, apresentamos a região Sudeste onde coletamos 84

notícias e identificamos 549 ocorrências de engajamento, em novas das dez IFES. Na região Nordeste, destacada em laranja, selecionamos 45 notícias e 330 ocorrências de engajamento em dez das onze IFES. A região Sul, em verde claro, apresentou 45 notícias e 322 ocorrências de engajamento em cinco das seis IFES. Finalmente, na região Centro-Oeste, destacada em lilás, encontramos 13 notícias e 68 ocorrências de engajamento em quatro das cinco IFES, totalizando 187 notícias e 1.269 ocorrências de engajamento nas quatro regiões.

Ao analisarmos brevemente o contexto de cultura da região Sudeste, detectamos que os textos selecionados pertencem ao grupo de notícias sobre a polêmica da adesão à EBSEH nessa região, publicados entre 2011 e 2016. As 84 notícias encontradas são das cidades onde estão localizadas as nove IFES e seus respectivos HUs: na cidade de Belo Horizonte (MG) está localizada a UFMG que possui seu Hospital das Clínicas (HC); em Juiz de Fora (MG), onde se localiza a UFJF, temos o HU da UFJF; na cidade de Niterói (RJ) está a UFF, com seu HU Antônio Pedro (HUAP); na capital Rio de Janeiro (RJ) está a UFRJ com oito instituições de saúde ligadas ao ensino na universidade: HU Clementino Fraga Filho (HUCFF), HE São Francisco de Assis (HESFA), Instituto de Doenças do Tórax (IDT), Instituto Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG), Instituto de Ginecologia (IG); Instituto de Neurologia Deolindo Couto (INDC) Instituto de Psiquiatria (IPUB) e Maternidade Escola (ME); também na capital, Rio de Janeiro, temos a Unirio com o HU Gaffrée Guinle (HUGG); na cidade de São Carlos (SP) temos a UFSCar com seu HU Profº. Dr. Horácio Carlos Panepucci; em Uberaba (MG) encontramos a UFTM com seu HC; em Uberlândia (MG) está localizada a UFU, com seu HC e, finalmente, em Vitória (ES) temos a UFES, com seu HU Cassiano Antônio Moraes (HUCAM).

Em relação à região Nordeste, temos também nove IFES em cidades onde houve a polêmica, com 45 notícias sobre a implantação da EBSEH, publicadas entre 2011 e 2014, em seus respectivos HUs: em Aracaju (SE) está a UFS com o HU de Sergipe e, no campus de Lagarto (SE), o Hospital Regional de Lagarto (HRL); Campina Grande (PB) tem sua UFCG que possui um HU chamado Alcides Carneiro (HUAC) e, em Cajazeiras (PB), o HU Júlio Maria Bandeira de Mello (HUJB); em Fortaleza (CE), está localizada a UFC com seu HU Walter Cantídio (HUWC) e sua Maternidade Escola Assis Chateaubriand (MEAC); em João Pessoa (PB) temos a UFPB com seu HU Lauro Wanderley (HULW); em Maceió (AL), está a UFAL com seu HU Professor Alberto Antunes (HUPAA); em Natal (RN) temos a UFRN com seu

HU Onofre Lopes (HUOL) e sua Maternidade Escola Januário Cicco (MEJC) e, em Santa Cruz (RN), o HU Ana Bezerra (HUAB); em Recife (PE) temos a UFPE com seu HC da UFPE; em Salvador (BA) está a UFBA com seu HU Professor Edgard Santos (HUPES) e sua Maternidade Climério de Oliveira (MCO); em São Luiz (MA) temos a UFMA com seu HU da UFMA e, em Teresina (PI), temos a UFPI com seu HU da UFPI.

Na região Sul, onde encontramos 45 notícias sobre a polêmica no intervalo de tempo entre 2012 e 2016, temos cinco cidades nas quais se localizam as IFES com seus respectivos HUs: em Curitiba (PR), está a UFPR com seu Complexo de HC (CHC) da UFPR e Maternidade Victor Ferreira do Amaral (MVFA); em Pelotas (RS), está a UFPEL com seu HE; em Rio Grande (RS) encontramos a FURG com seu HU Dr. Miguel Riet Correa Junior; em Santa Maria (RS) temos a UFSM com seu HU de Santa Maria (HUSM) e, em Florianópolis (SC), temos a UFSC com seu HU Polydoro Ernani de São Thiago.

Com um número menor de notícias, a região Centro-Oeste, apresentou 13 diferentes textos sobre a polêmica EBSERH, também entre os anos de 2011 e 2016, com quatro IFES e HUs em quatro diferentes cidades: em Brasília (DF), onde está a UnB com seu HU de Brasília (HUB); em Campo Grande (MS) onde está localizada a UFMS com seu HU Maria Aparecida Pedrossian (HUMAP); em Dourados (MS), localiza-se a UFGD com seu HU da UFGD e, em Goiânia (GO), onde está a UFG com seu HC de Goiás.

No que diz respeito ao contexto de situação das notícias dessas regiões, podemos definir o campo, a relação e o modo, resumidamente, conforme os itens “a”, “b” e “c”, a seguir: a) o campo dessas notícias, de um modo geral, diz respeito ao debate sobre a polêmica da implantação da EBSERH nas IFES das cidades mencionadas no contexto de cultura, nas quais há um HU que dá suporte a essa instituição, servindo como um HE para práticas de alunos das mais diversas áreas. A comunidade acadêmica teme que os HUs percam sua função de HE, assim como a gratuidade no atendimento pelo SUS. A partir dessa polêmica, as notícias apresentam um debate entre vozes das mais diversas esferas que possuem ligação direta ou indireta com o HU; b) a relação se estabelece entre as vozes convocadas pelo jornalista, que também é considerado um participante da interação, pois tem o papel de transmissor das informações de modo imparcial. Essas vozes são, por exemplo, de representantes da reitoria da UF, da direção do HU, de sindicatos, de alunos, de políticos, da própria EBSERH, de pacientes, de órgãos legais, do

governo, dentre outros participantes chamados para o debate; c) no que se refere ao modo, a linguagem é constitutiva, o meio é o escrito e o canal é o gráfico com o suporte eletrônico já que as notícias estão publicadas *online*.

Ao identificarmos as vozes de diferentes setores da sociedade convocadas pelos jornalistas das notícias nas quatro regiões e seus posicionamentos em relação à implantação da EBSEH, F, C e SPE, chegamos ao total de 1.269 vozes, conforme mostra o Quadro 9.

Quadro 9 – Ocorrências de vozes e seus posicionamentos no *corpus*

VOZES	REGIÃO BRASILEIRA																TOTAL
	SE				NE				S				CO				
	F	C	SPE	Subt.	F	C	SPE	Subt.	F	C	SPE	Subt.	F	C	SPE	Subt.	
Reitoria	99	7	11	117	119	-	6	125	123	-	4	127	-	-	1	1	370
Sindicatos	-	151	3	154	-	100	-	100	3	63	7	73	-	37	1	38	365
Direção do HU	37	12	3	52	20	16	-	36	21	-	5	26	7	-	-	7	121
Servidores	5	6	30	41	-	15	4	19	1	10	1	12	-	1	-	1	73
Alunos	3	27	6	36	8	9	-	17	-	14	2	16	-	-	3	3	72
Órgão Legal	4	29	12	45	-	3	2	5	-	5	-	5	4	4	-	8	63
EBSEH	35	-	-	35	1	1	-	2	18	-	-	18	1	-	-	1	56
Políticos	16	1	5	22	1	6	-	7	2	-	-	2	3	-	-	3	34
Manifestantes ¹⁹	-	5	-	5	-	9	-	9	-	10	-	10	-	-	1	1	25
Governo	13	-	5	18	1	-	-	1	2	-	-	2	1	-	-	1	22
Documento Legal	1	5	1	7	-	1	-	1	1	1	1	3	3	-	-	3	14
Pacientes	-	-	1	1	-	2	6	8	-	-	-	-	-	-	-	-	9
Outros	5	7	4	16	-	-	-	-	18	5	5	28	1	-	-	1	45
Subtotal (Subt.)	218	250	81	549	150	162	18	330	189	108	25	322	20	42	6	68	1.269

Fonte: Elaborado pela autora.

O Quadro 9 apresenta, na primeira coluna na cor cinza, as diferentes vozes identificadas no *corpus* das quatro regiões analisadas. Nas demais colunas, temos a identificação do número de vozes em que essas vozes ocorrem por região, sendo a região Sudeste (SE) identificada, no topo, pela cor azul, a região Nordeste (NE) pela cor laranja, a região Sul (S) pela cor verde claro e a região Centro-Oeste (CO) pela cor lilás. Os posicionamentos F, C e SPE estão representados pelas cores, verde escuro, vermelho e amarelo, respectivamente. O número total de posicionamentos, por região, é apresentado na última linha de cada coluna. O subtotal de cada voz está na quarta coluna de cada região.

¹⁹ As vozes identificadas como “manifestantes” são aquelas que não foram especificadas como vozes, por exemplo, de servidores, de alunos, de professores, mas como a junção de uma ou mais vozes desses ou de outros participantes nas notícias analisadas.

Nas regiões Sudeste e Centro-Oeste, as vozes que ganham maior destaque são aquelas que representam os sindicatos, já nas regiões Nordeste e Sul as vozes mais recorrentes são as de representantes de reitorias. Outras vozes que também se destacam ao longo do *corpus* são as vozes de direções de HU, de servidores, de alunos, de órgãos legais, da EBSEH, de políticos e de outras com menor destaque. Notamos que as vozes que aparecem em menor número são aquelas de setores da sociedade que parecem não ser diretamente afetados pela nova administração, como o governo, políticos, órgãos e documentos legais. No entanto, a voz dos pacientes é praticamente nula, mesmo que estes sejam o público diretamente afetado pelas consequências que virão com a gestão pela EBSEH. Esse resultado pode ser explicado com base nas escolhas das fontes pelos jornalistas que, muitas vezes, dão preferência às vozes de autoridades e “esquecem” de chamar para o debate pessoas comuns, mas que também poderiam opinar (FAIRCLOUGH, 1995).

No geral as vozes de sindicatos e reitoria são as duas que mais se destacam no *corpus* de todas as regiões, com exceção da região Centro-Oeste, onde a voz da reitoria é silenciada. Ao convocar essas vozes, o jornalista parece estar selecionando os discursos daqueles que detêm maior poder na sociedade, como é o caso de representantes da reitoria e de sindicatos, em sua maioria professores e servidores de nível superior. Esse resultado nos leva a crer que os jornalistas conferem uma grande confiança nessas fontes oficiais (FAIRCLOUGH, 1995; TUCHMAN, 1978). Possivelmente, essas fontes possuem um maior poder de persuasão em relação ao público alvo das notícias, já que acompanham o processo mais de perto e/ou têm mais acesso a documentos oficiais sobre o processo de implantação da EBSEH. Além disso, há interesses políticos e financeiros dos jornais que podem estar em jogo na seleção dessas vozes (ABREU, 2002; KURTZ, 2010).

As direções de HU, embora estejam em terceiro lugar como as vozes de mais destaque no *corpus*, possuem uma grande diferença em relação às reitorias e sindicatos. Uma hipótese para que isso ocorra é que, o conflito de opiniões dentro dos HUs, setor que está mais diretamente envolvido com o caso EBSEH, faça com que os jornalistas se afastem, mesmo porque é um ambiente mais restrito, onde há pessoas tratando de enfermidades e, por isso, torna-se mais acessível entrevistar membros sindicais e da reitoria, que estão em ambientes mais disponíveis para o acesso da mídia.

Nas regiões Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste os posicionamentos que mais ganham destaque são aqueles contrários à EBSEH, demonstrando que os

jornalistas das notícias estão, provavelmente, mais alinhados a essas vozes, em sua maioria, mais populares e que estão preocupadas com a manutenção do caráter público e de HE dessas instituições. Por outro lado, na região Sul a maioria das vozes convocadas são as favoráveis à empresa, o que nos leva a crer que o alinhamento dos produtores das notícias é em relação às vozes mais de elite, que defendem a gestão dos HUs pela EBSERH e entendem que isso será melhor para todos, mesmo que isso possa acarretar na privatização que é, frequentemente, negada por essas vozes.

Ao identificarmos os processos empregados nas ocorrências de engajamento, apresentamos, no Quadro 10, os 19 processos mais recorrentes no *corpus*. O quadro também traz os demais processos que classificamos como “outros 66 processos”, como “considerar”, “continuar”, “prometer”, “concluir”, “opinar”, dentre outros que não serão discutidos nesta análise por falta de espaço e tempo para a realização desta pesquisa, conforme já justificado no Capítulo 4.

Quadro 10 – Processos mais recorrentes no *corpus*

Processos empregados	Em relato				Em citação				Em citação evocada				Total
	SE	NE	S	CO	SE	NE	S	CO	SE	NE	S	CO	
Afirmar	<u>35</u>	12	<u>25</u>	2	<u>33</u>	17	<u>13</u>	1	<u>4</u>	2	<u>2</u>	-	146
Dizer	<u>17</u>	<u>16</u>	21	3	<u>33</u>	<u>22</u>	8	2	<u>3</u>	<u>1</u>	-	-	126
Informar	<u>23</u>	<u>16</u>	10	3	<u>10</u>	<u>2</u>	-	1	<u>5</u>	<u>2</u>	-	1	73
Explicar	<u>9</u>	<u>8</u>	6	5	<u>20</u>	<u>12</u>	7	2	<u>2</u>	<u>1</u>	-	-	72
Ressaltar	6	<u>8</u>	<u>8</u>	1	1	<u>4</u>	<u>7</u>	-	-	<u>1</u>	-	-	36
Destacar	8	1	2	-	5	4	9	1	1	-	-	-	31
Lembrar	12	5	2	1	-	1	-	-	3	-	-	-	24
Garantir	4	5	5	1	1	5	2	-	-	-	1	-	24
Acrescentar	5	3	4	-	2	6	2	1	-	-	-	-	23
Alegar	5	2	10	2	-	2	1	-	1	-	-	-	23
Argumentar	1	1	2	1	4	2	3	-	1	-	-	-	15
Salientar	2	1	7	-	-	-	3	-	-	-	-	-	13
Esclarecer	4	-	4	-	4	1	-	-	-	-	-	-	13
Completar	-	-	-	8	5	-	-	-	-	-	-	-	13
Comentar	2	1	5	-	-	1	3	-	-	-	-	-	12
Considerar	6	-	4	-	-	-	-	-	-	2	-	-	12
Declarar	-	2	2	-	2	4	-	-	1	-	-	-	11
Defender	2	-	2	1	1	3	1	-	-	1	-	-	11
Concluir	-	-	-	-	6	3	2	-	-	-	-	-	11
Outros 66 processos	28	12	23	2	35	40	25	6	5	6	-	2	184
Total = 85	16 9	93	14 2	22	16 5	13 4	86	14	26	16	3	3	873
Sem processo	-	-	-	-	40	9	10	4	1	-	-	-	64

Fonte: Elaborado pela autora.

Podemos dizer que o *corpus* apresentou uma variada gama de processos nas ocorrências de projeção. Foram 873 casos de relato, citação e citação evocada nos quais os jornalistas empregaram 85 diferentes processos e outros 64 casos de citação e citação evocada em que não houve uso de processo algum. Dentre os processos mais utilizados estão os mais assertivos, como “afirmar”, “garantir” e “alegar”, os mais neutros “dizer”, “informar”, os de modalização de voz “ressaltar” e “destacar”, o mental com valor de verbal “lembrar”.

Dois processos assertivos são os mais recorrentes no *corpus*: “afirmar” e “explicar”. As regiões que mais empregam o processo “afirmar” são a região Sudeste e a região Sul. Esse resultado nos leva a crer que os jornalistas dessas regiões procuram se distanciar em relação ao que foi reportado pelo locutor de origem ao empregar esse tipo de processo que, ao mesmo tempo, confere maior credibilidade ao que foi informado na notícia (CALDAS-COULTHARD, 1994; CHARAUDEAU, 2007). Os processos “dizer” e “informar”, também são bastante recorrentes nas ocorrências da região Sudeste e, em seguida, na região Nordeste. Nesse caso, os jornalistas utilizam processo mais neutro (CALDAS-COULTHARD, 1994) e assumem maior responsabilidade em relação à informação apresentada (MARTIN; WHITE, 2005). Nas seções destinadas à análise de processos em cada região, serão melhor detalhados e exemplificados os processos mais recorrentes nas notícias de cada *corpus*.

No que diz respeito aos diferentes modos de projeção, a partir da identificação dos processos empregados classificamos cada uma das ocorrências de vozes como relato, citação, citação evocada, além da categoria léxico-gramatical circunstância de ângulo²⁰. O Quadro 11 resume o número de vezes em que essas categorias léxico-gramaticais apareceram no *corpus*, de acordo com a região:

²⁰ Apesar de não ser uma relação lógico-semântica, inserimos aqui a categoria circunstância de ângulo, juntamente com a projeção, porque, além de ser um componente da função experiencial (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), é um modo de apresentar as vozes de outrem.

Quadro 11 – Modos de projeção presentes no *corpus*

Região brasileira	Modos de projeção				
	Citação	Relato	Circunstância de ângulo	Citação evocada	Total
SE	204 (37,1%)	169 (30,8%)	140 (25,5%)	36 (6,6%)	549
NE	143 (43,3%)	93 (28,1%)	75 (22,7%)	19 (5,7%)	330
S	96 (29,8%)	142 (45%)	79 (23,9%)	5 (1,2)	322
CO	18 (26,5%)	22 (32,3%)	24 (35,2%)	4 (6%)	68
Total	457 (36%)	428 (33,7%)	321 (25,2%)	63 (4,9%)	1.269

Fonte: Elaborado pela autora.

O Quadro 11 apresenta cada um dos modos de projeção (citação, relato, circunstância de ângulo e citação evocada), conforme ordem decrescente de ocorrências dessas categorias. Como podemos ver, a citação se sobressai em relação às outras categorias, aparecendo em 36% do *corpus*, seguida do relato, que ocorre em 33,7% das ocorrências de engajamento, da circunstância de ângulo, que é utilizada em 25,2% e da citação evocada, em 4,9% do total de ocorrências de engajamento. As regiões Sudeste e Nordeste fazem mais uso da citação se comparadas à região Sul que emprega mais o relato e a região Centro-Oeste que emprega mais relato e circunstância de ângulo.

A partir da identificação dos tipos de processos e circunstâncias de ângulo empregados nas ocorrências, fomos capazes de categorizar os recursos de engajamento-atribuição presentes nos enunciados, conforme categorias do Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005). Para tanto, classificamos cada ocorrência dentro de uma subcategoria, distanciamento ou reconhecimento, a fim de identificarmos o alinhamento dos jornalistas das notícias em relação aos discursos sobre privatização. O Quadro 12 resume o número de vezes em que essas duas subcategorias aparecem no *corpus*:

Quadro 12 – Ocorrências de engajamento-atribuição: distanciamento e reconhecimento no *corpus*

Região brasileira	Tipo de engajamento-atribuição		
	Distanciamento	Reconhecimento	Total
SE	129 (23,5%)	420 (76,5%)	549
NE	76 (23%)	254 (77%)	330
S	84 (26%)	238 (74%)	322
CO	16 (23,5%)	52 (76,5%)	68
Total	305 (24%)	964 (76%)	1.269

Fonte: Elaborado pela autora.

Como podemos ver, a subcategoria reconhecimento se sobressai em relação à subcategoria distanciamento. Isso ocorre porque a maioria das vozes convocadas pelos jornalistas são reproduzidas por circunstâncias de ângulo e por meio de citações e relatos com processos menos assertivos, como o “dizer”, o que não distancia totalmente o autor daquilo que é reportado. Pelo contrário, ao empregar mais o reconhecimento, o jornalista atribui a si próprio maior comprometimento em relação à informação apresentada (MARTIN; WHITE, 2005).

O mesmo ocorre individualmente em cada uma das regiões, pois na maioria das notícias os jornalistas empregam mais o reconhecimento. No geral, as vozes que mais falam sobre privatização dos HUs são aquelas representativas de sindicatos, como podemos ver pelo Quadro 9, que apresenta as ocorrências de vozes e seus posicionamentos. No geral, os jornalistas parecem também se alinhar com essas mesmas vozes.

Vejamos, na sequência, o detalhamento da descrição dos resultados gerais, começando pela região onde foi encontrado o maior número de notícias e de ocorrências de engajamento: a região Sudeste.

5.2 REGIÃO SUDESTE

O número mais significativo de notícias sobre a polêmica da administração dos HUs pela EBSEH foi encontrado na região Sudeste, que representou, praticamente, a metade do número total de notícias, mais especificamente 84 (45%), conforme Quadro 8. Da mesma forma, as ocorrências de engajamento também foram significativas, totalizando 549 (43,3%) do total das quatro regiões. Isso ocorre, porque além do fato dessa ser a maior região do país, em termos de população, também possui um grande número de universidades federais, que somam dez no total: UFMG, UFJF, UFF, UFRJ, UNIRIO, UFSCar, UNIFESP, UFTM, UFU e UFES. Não encontramos textos somente na UNIFESP, pois na cidade de São Paulo não encontramos notícias sobre a polêmica.

Passamos, a seguir, para a análise textual e discussão dos exemplos de acordo com as duas categorias mencionadas no início deste capítulo.

5.2.1 Ocorrências de vozes e seus posicionamentos

Na região Sudeste, as vozes de representantes sindicais são aquelas que mais se destacam, representando 28% do total de 549 ocorrências de vozes (Quadro 14). Em seguida, temos as vozes da reitoria, com 21,3%. Os Exemplos 41 e 42 mostram as vozes de representantes de sindicato e de reitoria, respectivamente:

Exemplo 41

Entendemos que a filiação a esta empresa, de direito privado, prejudica o funcionário público que atua no hospital, afirma **Paulo Dimas, coordenador geral do Sindicato dos Trabalhadores Técnico-Administrativos em Educação das Instituições Federais de Ensino de Juiz de Fora (Sintufejuf)**. (UFJF#9)

Exemplo 42

Procurado pelo GLOBOTijuca, **o reitor Luiz Pedro Jutuca** informou, via assessoria de imprensa da Unirio, que não se manifestaria sobre o assunto. (Unirio#3)

No Exemplo 41, da UFJF#9, a voz do sindicato é representada pelo Coordenador Geral do Sintufejuf, Paulo Dimas. Já no Exemplo 42, da Unirio#3, a voz da reitoria é representada pelo próprio Reitor da Unirio, Luiz Pedro Jutuca.

Outras vozes se destacam um pouco menos, mas ainda assim são significativas, como as da direção do HU (9,4%), de órgãos legais (8,2%), de servidores (7,5%), de alunos (6,6%), da EBSEH (6,4%) e de políticos (4%), como mostra o Quadro 13, no qual há também outros números referentes às vozes que apareceram com menor frequência no corpus:

Quadro 13 – Vozes e seus posicionamentos no *corpus* da região Sudeste

Vozes	Posicionamento			Subtotal
	F	C	SPE	
Sindicatos	-	151 (98%)	3 (2%)	154 (28%)
Reitoria	99 (84,6%)	7 (6%)	11 (9,4%)	117 (21,3%)
Direção do HU	37 (71,2%)	12 (23%)	3 (5,8%)	52 (9,4%)
Órgão legal	4 (9%)	29 (64,4%)	12 (26,6%)	45 (8,2%)
Servidores	5 (12,2%)	6 (14,6%)	30 (73,2%)	41 (7,5%)
Alunos	3 (8,3%)	27 (75%)	6 (16,7%)	36 (6,6%)
EBSERH	35 (100%)	-	-	35 (6,4%)
Políticos	16 (72,7%)	1 (4,5%)	5 (22,8%)	22 (4%)
Outros	5 (31,2%)	7 (43,8%)	4 (25%)	16 (2,9%)
Governo	13 (72,2%)	-	5 (27,8%)	18 (3,3%)
Documento legal	1 (14,3%)	5 (71,4%)	1 (14,3%)	7 (1,3%)
Manifestantes	-	5 (100%)	-	5 (0,9%)
Pacientes	-	-	1 (100%)	1 (0,2%)
Subtotal	218 (39,7%)	250 (45,5%)	81 (14,8%)	549
Total	549			

Fonte: Elaborado pela autora.

A maioria das vozes classificadas como sindicato, 98%, são contrárias à implantação da EBSEH para administrar os HUs, como mostra o Exemplo 43, da UFMG#1:

Exemplo 43

Para o sindicato, se o hospital for gerenciado pela EBSEH, a UFMG vai perder sua autonomia universitária sobre o HC. (UFMG#1)

No Exemplo 43 a voz convocada é a do Sindicato dos Trabalhadores das Instituições Federais de Ensino Superior (SINDIFES), mencionado anteriormente dentro da mesma notícia, o qual afirma que a gerência pela EBSEH fará com que a UFMG perca a autonomia universitária sobre o HC. Em outras palavras, os sindicatos e outros setores que são contra a EBSEH, temem que os HUs percam seu caráter de HE e deixem de cumprir essa função juntos às IFES, prestando apoio, principalmente às aulas práticas de alunos das áreas da saúde.

A segunda voz que mais se destaca nas notícias do corpus da região Sudeste, a da reitoria, representa 21,3% do total de 549 vozes identificadas. Mas, diferentemente das vozes sindicais, apenas 6% dessas vozes é contra a EBSEH, enquanto 84,6% é favorável à empresa, conforme Exemplo 44, e 9,4% aparecem sem posicionamento explícito, como mostra o Exemplo 45.

Exemplo 44

A reitoria da UFF informou, através de nota, que está convicta de que o Huap avançará em qualidade com a gestão feita pela EBSEH, [...]. (UFF#5)

Exemplo 45

Para os Ministérios Públicos, pelo fato de haver um pacto, já há uma responsabilidade legal de repasse conforme o acordo. (UFU#3)

No Exemplo 44, da UFF#5, a reitoria está representada por uma nota enviada ao jornal, afirmando que o HUAP evoluirá qualitativamente com a nova gestão pela empresa. Já no Exemplo 45, os MPs, que representam órgãos legais, estão apenas informando sobre a responsabilidade legal de repasse (provavelmente financeiro da parte do governo) pelo fato de já haver um pacto (com a EBSEH), por isso classificamos essa voz como sem posicionamento explícito.

Em relação à terceira voz que mais se destaca nas notícias do *corpus* da região Sudeste, da direção do HU (9,4%), também podemos identificá-la, em sua maioria, 71,2%, como favorável à EBSEH, como mostra o Exemplo 46, cuja voz convocada pelo jornalista, em Unirio#3, é a do Diretor do HU, Fernando Ferry:

Exemplo 46

Diretor da unidade, o médico Fernando Ferry era inicialmente um dos críticos da adesão à Ebserh, mas defende que este era o único modo de manter aberto o HUGG. (Unirio#3)

Em outras vozes, também recorrentes no *corpus* da região Sudeste, como aquelas de órgãos e de documentos legais, de alunos e de manifestantes, presenciamos uma maior número de ocorrências classificadas como contrárias à EBSEH, como mostra o Exemplo 47, cuja voz convocada é a de um aluno:

Exemplo 47

“O governo pressiona e nos impões (sic) essa única opção, já que não há outra alternativa. Acontece que a EBSEH não tem unanimidade por questões sindicais, essa aprovação vai ser lenta, mas o Hucam não pode parar”, afirma **Wagner**. (UFES#1)

O estudante Wagner Knoblach mostra-se contrário à EBSEH, afirmando que o governo impõe à UFES somente essa opção, mas que a empresa não tem unanimidade por questões sindicais e que a aprovação do contrato será lenta.

Por outro lado, as vozes de representantes da EBSEERH, do governo e de políticos tendem a ser favoráveis à empresa, como mostra o Exemplo 48, em que a voz convocada é a da EBSEERH:

Exemplo 48

Sobre o ensino e a pesquisa, a Ebserh afirma que atua na organização e incentivo da pesquisa e que a autonomia universitária é respeitada. (UFF#6)

Nas demais vozes que aparecem no *corpus*, como as de servidores, de pacientes e de outros não identificamos uma maior tendência a serem contra ou favoráveis à EBSEERH. Grande parte das vozes de servidores, por exemplo, não possui posicionamento explícito, conforme podemos constatar no Exemplo 49:

Exemplo 49

Alguns conselheiros presentes alegaram que não foram avisados previamente sobre a antecipação da reunião. (UFF#13)

O não posicionamento explícito dessas vozes indica que esses setores da sociedade estão sem uma posição marcada e poderão ser influenciados por aquilo que a mídia apresenta em suas notícias, como os posicionamentos contra e favoráveis à EBSEERH convocados pelos jornalistas por meio das vozes sindicais, da reitoria e da direção do HU que são as mais recorrentes, por exemplo.

Passamos, a seguir, para a análise dos processos e dos modos de projeção, no *corpus* da região Sudeste, e como ela auxilia na categorização do tipo de engajamento-atribuição das ocorrências.

5.2.2 Análise de processos, de modos de projeção e de ocorrências de engajamento-atribuição

Contabilizamos um total de 60 processos diferentes em 360 ocorrências de engajamento, já que em nas outras 189 ocorrências não houve emprego de processos. O Quadro 14 destaca os seis processos mais recorrentes no *corpus* da região Sudeste, outros processos empregados, além do número de ocorrências de citação e citação evocada sem processo.

Quadro 14 – Processos mais recorrentes no *corpus* da região Sudeste

Processo	Em relato	Em citação	Em citação evocada	Total
Afirmar	35	33	4	72
Dizer	17	33	3	53
Informar	23	10	5	38
Explicar	9	20	2	31
Lembrar	12	-	3	15
Destacar	8	5	1	14
Outros 54 processos	65	64	8	137
Total	169	165	26	360
Sem processo	-	40	1	41

Fonte: Elaborado pela autora.

O processo mais recorrente no corpus é o assertivo “afirmar” (CALDAS-COULTHARD, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), empregado em 72 ocorrências de engajamento, como mostra o Exemplo 50.

Exemplo 50

“Somos contra a implementação da maneira como ela foi proposta e está sendo conduzida: sem uma discussão acadêmica, de forma impositiva”, **afirma**. (UFMG#3)

Em seguida temos os processos “dizer”, empregado em 53 ocorrências, “informar”, em 38, que são considerados mais neutros, e o mais assertivo “explicar” aparece em 31 ocorrências, conforme mostram os Exemplos 51, 52 e 53, respectivamente.

Exemplo 51

“Temo que percamos autonomia com determinação externa do que vai ser ensinado ou pesquisado”, **disse** o representante do Diretório Central dos Estudantes, Max Ziller. (UFU#4)

Exemplo 52

Por meio de nota, a Administração Central da Ufes **informa** que só se manifestará sobre a paralisação dos servidores após o posicionamento nacional do movimento. (UFES#7)

Exemplo 53

“Como a reunião não foi aberta a todos, alguns dos conselheiros optaram por não subir em apoio aos manifestantes. Eles não foram barrados”, **explicou**. (UFF#10)

Em seguida, temos o processo “lembrar”, presente em 15 ocorrências, que é um processo mental com valor de verbal e o “destacar” que aparece 14 vezes e pode ser considerado um modalizador de voz, como ilustram os Exemplos 54 e 55, respectivamente:

Exemplo 54

Adriano Espíndola **lembra** que há uma Ação Direta de Inconstitucionalidade, questionando a Lei 12.550 de 2013 que cria o [sic] EBSEH para contratação de pessoal. (UFTM#12)

Exemplo 55

O magistrado **destacou** que é habitual, nas instituições federais de ensino, o estabelecimento de órgãos que visem complementar o ensino teórico, “notadamente naquelas profissões que exigem um componente prático, tal como ocorre com os cursos de direito, medicina, odontologia, entre outros”. (UFJF#12)

Além desses processos, destacamos também os 41 casos de citação sem processo, somente com aspas, como mostra o Exemplo 56:

Exemplo 56

"Isso não foi colocado em pauta, não foi analisado precisamente pelas pessoas interessadas. A criação desta empresa já foi recusada por mais de cem instituições de saúde brasileiras e o problema segue de forma desconhecida." (UFJF#2)

Casos, como o Exemplo 56, são comuns no *corpus*, e demonstram uma certa omissão ou “economia” de palavras por parte do jornalista. Nesse exemplo, sabemos que a citação pertence à voz que já havia sido mencionada na circunstância de ângulo imediatamente anterior à citação, que é a voz do Membro do Comitê em defesa do HU, Edson Furtado.

A partir da identificação dos processos empregados nas ocorrências de engajamento nas notícias do *corpus* da região Sudeste, passamos para a classificação dos modos de projeção: citação, relato e citação evocada, além de circunstâncias de ângulo. Os processos empregados nessas relações nos permitem enumerar a quantidade de ocorrências de engajamento-atribuição, segundo Martin e White (2005). O Quadro 15 mostra essas relações com destaque para a projeção por citação, recorrente em 37,1% do total de 549 ocorrências de engajamento-atribuição, no *corpus* da região. Esse resultado nos remete a um dos objetivos do discurso da mídia, que é a credibilidade da informação apresentada, na medida em que o autor da notícia utiliza as mesmas palavras do locutor de origem (FAIRCLOUGH, 1995; CHARAUDEAU, 2007).

Quadro 15 – Modos de projeção no *corpus* da região Sudeste

Região Sudeste (SE)	Modos de projeção				Total
	Citação	Relato	Circunstância de ângulo	Citação evocada	
Total	204 (37,1%)	169 (30,8%)	140 (25,5%)	36 (6,6%)	549

Fonte: Elaborado pela autora.

O Exemplo 57 demonstra como se dá a citação em uma das notícias da região Sudeste, mais especificamente na UFJF#1:

Exemplo 57

“Consideramos válidas [*sic*] a greve dos docentes, que não lutam apenas por salários, mas também por melhores condições de ensino e trabalho”, **explica o estudante de medicina, Robson Cruz Oliveira, porta-voz do ato.** (UFJF#1)

Nesse exemplo o autor da notícia reproduz a voz de um estudante com as mesmas palavras utilizadas por ele, Robson Cruz Oliveira, empregando o processo assertivo “explicar”, ocorrência essa classificada como citação (CALDAS-COULTHARD, 1994; CHARAUDEAU; 2007).

O segundo modo de projeção mais empregado é o relato, em 30,8% do *corpus*, seguido da circunstância de ângulo, em 25,5% e da citação evocada com 6,6%, como ilustram os Exemplos 58, 59 e 60, respectivamente:

Exemplo 58

Além disso, **os manifestantes exigem que** o governo garanta os recursos necessários para que o hospital possa manter sua excelência de ensino e atendimento ao público. (UFMG#1)

Exemplo 59

De acordo com o prefeito Paulo Altomani, a proposta precisa ser discutida com a Diretoria Regional de Saúde de Araraquara, com a Câmara Municipal e com todas as partes envolvidas no processo. (UFSCar#3)

Exemplo 60

Na ação, o Sindicato **declara ainda que** “a partir do momento em que a Ebserh iniciar suas atividades, o Hospital de Clínicas da UFTM deixará de prestar atendimento exclusivamente via Sistema Único de Saúde”. (UFTM#19)

No exemplo 58, da UFMG#1, a voz dos manifestantes é projetada por meio do relato formado pelo processo assertivo “exigir” seguido da conjunção integrante “que”. Já no Exemplo 59, a voz externa, secretaria do órgão (ou da câmara) é apresentada por meio de uma circunstância de ângulo “segundo”. Já a citação evocada, no Exemplo 60, se dá a partir da mescla entre um relato, processo “declarar” seguido da conjunção integrante “que”, e de uma citação simples sem processo, conforme informação que está entre aspas, “a partir do momento [...]”.

As ocorrências de engajamento na forma de citações, relatos e citações evocadas com o emprego de processos mais assertivos pelos jornalistas da região Sudeste faz com que eles se distanciem da responsabilidade em relação à veracidade das informações apresentadas nas notícias, como o Exemplo 61, que apresenta uma citação com o processo “afirmar”:

Exemplo 61

“Eles são precarizados, a maior parte dos concursos da Ebserh são temporários, eles sequer ganham o piso salarial das categorias” **afirmou o representante da Associação dos Trabalhadores em Educação da Unirio (Asunirio), Bruno Cruz.** (Unirio#1)

Ocorrências de citação, relato e citação evocada com a presença de processos assertivos, como o “afirmar” no Exemplo 61, foram classificadas como distanciamento e representam 23,5% do *corpus* da região Sudeste, mas o que predomina nas notícias dessa região é a atribuição por reconhecimento, que ocorre em 76,5% do *corpus*, como podemos ver no Quadro 16:

Quadro 16 – Ocorrências de engajamento-atribuição no *corpus* da região Sudeste

Região Sudeste (SE)	Subcategoria do engajamento-atribuição		
	Distanciamento	Reconhecimento	Total
	129 (23,5%)	420 (76,5%)	549

Fonte: Elaborado pela autora.

Esse predomínio de reconhecimento acontece porque as ocorrências de circunstância de ângulo, Exemplo 62, somadas às projeções por meio de relato, citação e citação evocada com processos neutros, como o Exemplo 63, caracterizam essa subcategoria:

Exemplo 62

Conforme o reitor Henrique Duque, a partir deste ano, o custeio dos 46 hospitais universitários do país passou a ser feito pela EBSEH, empresa estatal de direito privado, de forma que o MEC não repassará mais verba aos HUs. (UFJF#6)

Exemplo 63

A direção do Huap informou, por meio de nota, **que** o pedido de doação foi feito pelo gestor Tarcísio Rivello e que “o material será utilizado conforme as necessidades, não havendo uma previsão do tempo de duração”. (UFF#1)

Ao pesquisarmos pelo vocábulo “privatização” e seus derivados, percebemos que a maior parte das vozes que o mencionam são as vozes sindicais, seguidas das vozes de órgãos e documentos legais, como no Exemplo 64. Já as vozes da reitoria, da direção do HU e da EBSEH também mencionam a privatização, mas sempre a negando, como mostra o Exemplo 65:

Exemplo 64

De acordo com a presidenta do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (Andes-SN), Marinalva Monteiro, não só os pacientes seriam prejudicados com uma **privatização**, como também os alunos e professores universitários. (UFRJ#1)

Exemplo 65

A Ebserh é uma empresa pública ligada ao Ministério da Educação, e, segundo a Ufes, a parceria **não representa** uma **privatização**. (UFES#3)

Podemos dizer que os jornalistas da região Sudeste estão mais alinhados com vozes contrárias à EBSEH, sindicatos e alunos, por exemplo, já que essas totalizam 45,5% das vozes convocadas pelos autores das notícias nessa região.

Na próxima seção, 5.3, discutimos e exemplificamos os resultados relativos às notícias do *corpus* da região Nordeste, conforme as mesmas categorias já discutidas na seção anterior.

5.3 REGIÃO NORDESTE

A região Nordeste apresenta 24% (45) do total de 187 notícias analisadas no *corpus*, e as ocorrências de engajamento nessa mesma região representam 26% (330) do total de 1.269 ocorrências. A região possui dez IFES (UFS, UFCG, UFC, UFAL, UFRN, UFPE, UFBA, UFMA, UFPI e UNIVASF), mas encontramos notícias

sobre a polêmica da administração pela EBSEH em nove delas, pois em Vale do São Francisco, onde está localizada a UNIVASF, localizamos somente a notícia de que a instituição já haveria aderido à empresa e, portanto, parece não ter havido polêmica em relação à adesão à EBSEH.

A seguir, apresentamos os resultados e a discussão de alguns exemplos relativos às categorias analisadas nas notícias dessa região.

5.3.1 Ocorrências de vozes e seus posicionamentos

Como podemos ver no Quadro 17, relativo às ocorrências de vozes nas notícias da região Nordeste, os atores que mais se destacam são aqueles que representam a reitoria, em 37,8% do total de 330 ocorrências, conforme Quadro 17.

Quadro 17 – Vozes e seus posicionamentos no *corpus* da região Nordeste

Vozes	Posicionamento			Subtotal
	F	C	SPE	
Reitoria	119 (95,2%)	-	6 (4,8%)	125 (37,8%)
Sindicatos	-	100 (100%)	-	100 (30,3%)
Direção do HU	20 (55,5%)	16 (44,5%)	-	36 (10,9%)
Servidores	-	15 (79%)	4 (21%)	19 (5,7%)
Alunos	8 (47%)	9 (53%)	-	17 (5,2%)
Manifestantes	-	9 (100%)	-	9 (2,7%)
Pacientes	-	2 (25%)	6 (75%)	8 (2,4%)
Políticos	1 (14,3%)	6 (85,7%)	-	7 (2,2%)
Órgão Legal	-	3 (60%)	2 (40%)	5 (1,6%)
EBSEH	2 (100%)	-	-	2 (0,6%)
Governo	1 (100%)	-	-	1 (0,3%)
Documento Legal	-	1 (100%)	-	1 (0,3%)
Total	151 (45,7%)	161 (48,8%)	18 (5,5%)	330

Fonte: Elaborado pela autora.

O Exemplo 66, cuja voz convocada é a do reitor da UFCG, Edílson Amorim, comprova o resultado obtido.

Exemplo 66

De acordo com o reitor Edílson Amorim, a previsão é de que o novo encontro entre o Colegiado possa acontecer logo no mês de fevereiro. (UFCG#7)

Em seguida, dentre as vozes que mais se destacam nas notícias do corpus da região Nordeste, estão as de sindicatos, que aparecem em 30,3% dos textos. No Exemplo 67 essa voz é representada pela presidente da Associação dos Docentes da UFS (ADUFS), Brancilene Araújo.

Exemplo 67

Para Brancilene Araújo, presidente da Adufs, com a possibilidade do [sic] EBSEH passar a administrar o HU, existe a dúvida se os acadêmicos poderão continuar participando de atividades práticas na unidade. (UFS#1)

A terceira voz com maior destaque é a da direção do HU, com 10,9%, conforme representada pelo superintendente do HU da UFPB, João Batista Silva, no Exemplo 68.

Exemplo 68

O superintendente do Hospital Universitário, João Batista Silva, explicou as mudanças que acontecerão na administração. “A Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares vai auxiliar a administração do hospital e gerenciar o patrimônio acadêmico, os servidores serão cedidos à empresa de forma que a assistência à população não ficará comprometida”. (UFPB#4)

Das vozes de representantes da reitoria, a maioria, 95,2%, é favorável à implantação da EBSEH, como mostra o Exemplo 69, a seguir:

Exemplo 69

Sem a adesão à EBSEH, **afirmou o reitor**, “a UFCG terá que devolver o Instituto Júlio Bandeira (IJB) à prefeitura de Cajazeiras, recebido por doação para ser transformado no hospital universitário para as práticas dos alunos do Centro de Formação de Professores (CFP)”. (UFCG#5)

Por outro lado, o total das vozes de representantes sindicais, 100%, apresentam posicionamentos contrários à empresa, conforme ilustra o Exemplo 70.

Exemplo 70

“As atividades de ensino que são próprias dos hospitais-escola ficarão comprometidas porque ficarão submetidas à lógica de mercado, que envolve uma empresa de direito privado, que vai funcionar estabelecendo metas”, **afirmou o presidente da ADUFCG, professor José Irelanio de Ataíde**. (UFCG#9)

O Exemplo 70, da UFCG#9, apresenta a opinião do presidente da Associação de Docentes da UFCG, professor José Irelanio de Ataíde, que é contra a administração do HU pela EBSEERH, pois acredita que as atividades próprias de HE serão comprometidas pela lógica de mercado da empresa de direito privado.

Assim como ocorre com as vozes de representantes da reitoria, as vozes de pessoas que representam a direção do HU também são, em sua maioria (55,5%), favoráveis à EBSEERH, como é o caso do Superintendente do HULW, como mostra o Exemplo 71:

Exemplo 71

“A previsão é que o governo federal faça concurso público para o HU para preencher 900 vagas permanentes por meio da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares”, **afirmou João Batista.** (UFPB#5)

Nesse caso, o argumento utilizado pelo Superintendente em favor da EBSEERH é a previsão de abertura de concurso para o preenchimento de 900 vagas permanentes no HULW pela empresa.

Outras vozes que também se destacam são as de servidores, em 5,7% do *corpus*, de alunos, em 5,2%, de manifestantes, em 2,7%, e de políticos, em 2,2%, e de órgãos e documentos legais, com menos expressividade no *corpus*, em sua maioria contrárias à EBSEERH, como mostra o Exemplo 72:

Exemplo 72

Para os servidores contrários à questão, a adesão à empresa é uma forma de tirar os hospitais universitários da gestão pública, de privatizá-los e permitir convênios com planos de saúde. (UFRN#6)

No Exemplo 72 a voz é generalizada como “servidores”, pois o jornalista não deixa claro quem, especificamente, falou em nome da classe de servidores que temem a privatização dos HUs e a entrada de planos de saúde particulares na instituição.

Vozes de representantes da EBSEERH e do Governo foram apresentadas com posicionamentos favoráveis à implantação da empresa, mas em números poucos expressivos. As vozes de pacientes também aparecem em menor número, mas sem posicionamento explícito.

No geral, contabilizamos um maior número de vozes que são contrárias à EBSERH, representadas, principalmente, pelas vozes sindicais, e constituindo 48,8% das ocorrências de engajamento nas notícias do *corpus* na região Nordeste.

Na próxima seção, 5.3.2, veremos os processos mais empregados e em que medida ocorrem modos de projeção, no *corpus* da região Nordeste, e como elas sinalizam para a categorização das ocorrências de engajamento-atribuição.

5.3.2 Análise de processos, de modos de projeção e de ocorrências de engajamento-atribuição

No *corpus* da região Nordeste, identificamos 51 diferentes processos em 243 relações lógico-semânticas classificadas como relato, citação ou citação evocada, conforme mostra o Quadro 18. Houve também nove casos de citação sem processo, nos quais o autor da notícia utilizou somente aspas, assim como ocorreu em parte do *corpus* da região Sudeste.

Quadro 18 – Processos mais recorrentes no *corpus* da região Nordeste

Processo	Em relato	Em citação	Em citação evocada	Total
Dizer	16	22	1	39
Afirmar	12	17	2	31
Explicar	8	12	1	21
Informar	16	2	2	20
Ressaltar	8	4	1	13
Garantir	5	5	-	10
Outros 45 processos	28	72	9	109
Total	93	134	16	243
Sem processo	-	9	-	9

Fonte: Elaborado pela autora.

Como podemos ver na primeira coluna do Quadro 18, os processos que mais se destacam nas ocorrências de relato são “dizer”, “informar” e “afirmar”, conforme mostram os Exemplos 73, 74 e 75 respectivamente:

Exemplo 73

O engenheiro deputado disse que, na prática, a criação da EBSEH abre caminho para privatização dos Hospitais Universitários, pois irá desvincular a gestão dos mesmos das Universidades, o que contradiz a concepção dos trabalhadores dessas instituições, que defendem o modelo de Estado e Universidade comprometidos com a transformação social. (UFCG#1)

Exemplo 74

Pontes informou que participará hoje à tarde de audiência pública, convocada pelo deputado João Ananias (PCdoB), na Comissão de Seguridade Social e Família da Câmara dos Deputados, para discutir o assunto. (UFC#1)

Exemplo 75

Solidário ao pleito dos manifestantes, **o aposentado Paulino Marques de Araújo afirmou que** os pacientes que buscam atendimento no HU não possuem condições financeiras de efetuar o pagamento de consultas. (UFS#1)

Semelhantemente, nas ocorrências de citação também encontramos em maior número os processos “dizer”, “afirmar”, além do “explicar” e um grande número de citações sem processo, ou seja, somente com o uso de aspas. Exemplos de ocorrências de citação com esses três processos estão nos Exemplos 76, 77 e 78, respectivamente.

Exemplo 76:

“A empresa vem para concretizar mais uma estratégia de política privatista, a comunidade acadêmica já expressou a opinião contrária à adesão da EBSEH”, **disse** a conselheira estudantil Bárbara Chaves. (UFAL#1)

Exemplo 77:

O reitor **afirmou** também que haverá, após a realização do diagnóstico pela empresa - que é uma pública e possui direito privado - outra reunião do conselho para se discutir a aprovação ou não da contratação da Ebserh. (UFPE#1)

Exemplo 78:

“Nos próximos seis meses, será feito um diagnóstico e apontadas soluções de gestão para ampliar os serviços”, **explicou** Lôbo. (UFAL#3)

O processo assertivo “garantir” e o de modalização de voz, “ressaltar” (CALDAS-COULTHARD, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) também estão

dentre os mais recorrentes, conforme mostram os Exemplos 79 e 80, respectivamente:

Exemplo 79

O presidente da entidade ressaltou que existe uma parceria entre os hospitais universitários e o Ministério da Saúde, e a população que utiliza o Sistema Único de Saúde (SUS) pode ser atendida nessas unidades. (UFPB#2)

Exemplo 80

Após tentar o tratamento particular no Hospital Real Português, em Recife, eles garantem que o atendimento na Oncologia do HU é melhor. (UFAL#6)

No Exemplo 81 apresentamos uma ocorrência de citação sem processo, identificada somente pelo emprego de aspas duplas, em UFRN#3:

Exemplo 81

A defesa é pela necessidade de um plebiscito amplo para definir a questão, pois “houve apenas uma breve apresentação do assunto”. (UFRN#3)

Nas ocorrências de citação evocada, que não totalizam um número expressivo no *corpus* dessa região, observamos um certo equilíbrio no emprego de processos variados, não restando destaque para nenhum caso. Apesar de presenciarmos uma grande quantidade de processos neutros como “informar” (CALDAS-COULTHARD, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), nas notícias do *corpus* da região Nordeste, os mais assertivos como “afirmar” e “garantir” se destacam. Consequentemente esses processos nos dão pistas sobre o posicionamento dos autores desses textos em relação às informações apresentadas e sobre o tipo de engajamento-atribuição que se destaca na região, se distanciamento ou reconhecimento.

No que diz respeito aos modos de projeção, a citação, que aparece em 43,3% do total de 330 ocorrências, é a que mais se destaca, seguida do relato em 28,1%, da circunstância de ângulo em 22,7% e da citação evocada em 5,7%, conforme ilustrado por números e porcentagens, no Quadro 19.

Quadro 19 – Modos de projeção no *corpus* da região Nordeste

Região Nordeste (NE)	Modos de projeção				Total
	Citação	Relato	Circunstância de ângulo	Citação evocada	
Total	143 (43,3%)	93 (28,1%)	75 (22,7%)	19 (5,7%)	330

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao optarem por processos mais assertivos, como o “garantir” empregado na projeção por citação, no Exemplo 82, os jornalistas da região Nordeste se distanciam e se isentam da responsabilidade em relação ao conteúdo da informação (MARTIN; WHITE, 2005), pois estão conferindo maior teor de veracidade àquela proposição:

Exemplo 82

“Aqui tem o conforto de poltronas reclináveis, a qualidade do atendimento, a excelência do serviço, a atenção do pessoal”, **garante o filho.** (UFAL#6)

Nas ocorrências de relato, em 28,1% das notícias da região, também ocorre o fenômeno do distanciamento, quando o jornalista utiliza processos mais assertivos, como “argumentar”, conforme mostra o Exemplo 83:

Exemplo 83

O vice-presidente do Sintesp, Rômulo Xavier, argumenta que a adesão pode descaracterizar a função primordial do hospital universitário, que é a de formar recursos humanos na área da saúde. (UFPB#1)

Nessa ocorrência, o jornalista deixa de ser o responsável pela informação trazida para a notícia, pois a voz do vice-presidente do Sintesp, Rômulo Xavier, é reproduzida utilizando um processo assertivo. Ao empregar o processo “argumentar”, o autor da notícia confere à voz externa a responsabilidade pelo teor da afirmação de que a adesão, no caso à EBSE RH, pode descaracterizar a função primordial do HU, que é formar recursos humanos na área da saúde.

As circunstâncias de ângulo também aparecem significativamente, embora totalizem praticamente a metade, 22,7%, em relação às citações. Da mesma forma como acontece com as projeções, em que o autor da notícia opta por processos menos assertivos, como “informar”, a circunstância de ângulo também não o

distancia totalmente da informação apresentada, pois não é a forma direta do discurso da voz externa (MARTIN; WHITE, 2005), como podemos constatar no Exemplo 84:

Exemplo 84

Conforme informações apresentadas pela Associação dos Docentes da UFS (ADUFS), mais de 60 mil pessoas, entre membros da universidade federal e usuários do sistema se mostraram contra a criação da EBSEH. (UFS#1)

Embora o jornalista tenha se embasado em informações da ADUFS, não temos a certeza de que esse número, “mais de 60 mil”, por exemplo, seja confiável, se são essas as pessoas que se mostraram contra a criação da EBSEH ou se houve outros setores da sociedade. É por isso que, ao apresentar a informação apoiado no que alguém falou, o jornalista se compromete e não se distancia tanto daquilo que é dito por ele mesmo, ao contrário do que se esse mesmo autor tivesse empregado um processo assertivo na forma de citação, relato ou citação evocada.

As citações evocadas aparecem em 5,7% do *corpus*. No Exemplo 85, o jornalista faz a mescla de um relato, empregando o processo assertivo “afirmar”, com uma citação:

Exemplo 85

A UFCG ainda afirma que "a forma como se dá esta decisão é determinada pela Ação Judicial e pela responsabilidade de manter o funcionamento do HUJB, com a compreensão de que nosso Colegiado Pleno não nos obrigaria a descumprir a determinação legal em apreço". (UFCG#11)

Os exemplos de modos de projeção apresentados, se somados, nos dão o número total de 330 ocorrências de engajamento-atribuição, no *corpus* da região Nordeste. Ao classificarmos os tipos de atribuição como distanciamento ou reconhecimento, chegamos a um número mais significativo de atribuição por reconhecimento, como mostram os números em destaque, no Quadro 20.

Quadro 20 – Ocorrências de engajamento-atribuição no *corpus* da região Nordeste

Região Nordeste (NE)	Subcategoria do engajamento-atribuição		
	Distanciamento	Reconhecimento	Total
	76 (23%)	254 (77%)	330

Fonte: Elaborado pela autora.

Os casos de atribuição do tipo distanciamento totalizam 23% das ocorrências do *corpus*, com casos de citações, como o Exemplo 86, e de relatos, Exemplo 87, em que os escritores empregam os processos assertivos “alegar” e “afirmar”, respectivamente:

Exemplo 86

“Queremos continuar o debate porque entendemos que a solução para o problema do Hospital das Clínicas (HUPES) e da Maternidade Climério de Oliveira (MCO) é a realização imediata de concurso público”, **alega a coordenadora geral da ASSUFBA, Nadja Rabello**. (UFBA#2).

Exemplo 87

O presidente da Central Sindical e Popular Comlutas, Marcelino Rodrigues, afirmou que a implantação da Ebseh [*sic*] contraria os interesses de movimentos sociais e de sindicatos que reúnem servidores das universidades federais. (UFPB#5)

Já os outros 77% das ocorrências foram classificadas como reconhecimento, caracterizado pelo uso de circunstâncias de ângulo (Exemplo 88) e emprego de processos menos assertivos, como “dizer” e “observar”, como na projeção na forma de relato (Exemplo 89) e de citação evocada (Exemplo 90), respectivamente.

Exemplo 88

Segundo o funcionário público Golbery Lessa, que integra o Fórum em Defesa do Sistema Único de Saúde/AL, a posição adotada na reunião do Conselho Universitário inverte a lógica e os princípios do serviço público. (UFAL#3)

Exemplo 89

O diretor-administrativo de segurança da universidade, André Ribeiro, disse que, após o laudo pericial da PF, a UFPE vai poder tomar as providências necessárias. (UFPE#2)

Exemplo 90

Mariz observa que, apesar das garantias e seguranças contra a “temida mercantilização da saúde pública e ou [*sic*] precarização dos serviços atualmente oferecidos pelos Hospitais Universitários”, é necessário uma discussão ampla “até que a comunidade acadêmica se considere bastante esclarecida para a tomada de decisão”. (UFCEG#2)

Esses números nos levam a crer que os jornalistas das notícias da região Nordeste não tentam distanciar-se daquilo que é reportado e se comprometem com

o teor da informação apresentada no texto da notícia ao empregarem processos mais neutros nas ocorrências de engajamento-atribuição.

Ao pesquisarmos pelo vocábulo “privatização” e seus derivados percebemos que, novamente, as vozes que mais entendem que a EBSE RH pode vir a privatizar os HUs são as de representantes sindicais, Exemplo 91, seguida das vozes da reitoria que, por outro lado, negam que esse “processo” ocorrerá, Exemplo 92:

Exemplo 91

Sindicatos e membros de movimentos sociais de todo o país são contrários ao rumo tomado pelos hospitais universitários, por avaliarem que se trata de um processo de **privatização**. (UFRN#4)

Exemplo 92

O pró-reitor de Planejamento explicou que as divergências fazem parte do processo democrático e reafirmou que a EBSE RH não pode ser entendida como **privatização** dos hospitais universitários. (UFRN#1)

Percebemos, também, um maior alinhamento das vozes dos jornalistas às vozes sindicais e de outros setores da sociedade que se mostram contrários à empresa, já que a maior parte das vozes convocadas pelos autores das notícias do *corpus* da região Nordeste é contra a EBSE RH, conforme vimos na seção 5.3.1.

A próxima região, cujo *corpus* será discutido e exemplificado, é a região Sul, conforme veremos na seção 5.4.

5.4 REGIÃO SUL

Com percentuais semelhantes aos da região Nordeste, a região Sul apresenta, do universo total de 187 notícias e 1.269 ocorrências de engajamento, 24% das notícias e 25,4% das ocorrências nos jornais de cinco das seis cidades nas quais estão localizadas as IFES da região Sul: UFRGS, UFSM, UFSC, FURG, UFPEL, UFPR. Somente em jornais da cidade de Porto Alegre (POA), onde fica localizada a UFRGS, não encontramos notícias sobre a polêmica, pois apesar de o HC de POA²¹ integrar a rede de hospitais universitários do MEC e ser vinculado academicamente a essa UF, ele é uma empresa pública de direito privado que,

²¹ <https://www.hcpa.edu.br/institucional/institucional-apresentacao/institucional-apresentacao-caracteristicas>

inclusive foi modelo para a criação da EBSERH e, conseqüentemente, não pode aderir à empresa.

A seguir, apresentamos os resultados e a discussão de alguns exemplos relativos às ocorrências de vozes externas convocadas pelos jornalistas e seus posicionamentos em relação à adesão à EBSERH, em notícias do *corpus* da região Sul.

5.4.1 Ocorrências de vozes e seus posicionamentos

As vozes que mais se destacam na região Sul são as da reitoria das IFES, representando 39,5% do total de 322 ocorrências de vozes nessa região, como mostra o Quadro 21.

Quadro 21 – Vozes e seus posicionamentos no *corpus* da região Sul

Vozes	Posicionamento			Subtotal
	F	C	SPE	
Reitoria	123 (96,9%)	-	4 (3,1%)	127 (39,5%)
Sindicatos	3 (4,1%)	63 (86,3%)	7 (9,6%)	73 (22,7%)
Outros	18 (64,2%)	5 (17,9%)	5 (17,9%)	28 (8,7%)
Direção do HU	21 (80,8%)	-	5 (19,2%)	26 (8%)
EBSERH	18 (100%)	-	-	18 (5,6%)
Alunos	-	14 (87,5%)	2 (12,5%)	16 (5%)
Servidores	1 (8,3%)	10 (83,4%)	1 (8,3%)	12 (3,8%)
Manifestantes	-	10 (100%)	-	10 (3%)
Órgão Legal	-	5 (100%)	-	5 (1,6%)
Documento Legal	1 (33,3%)	1 (33,3%)	1 (33,3%)	3 (0,93%)
Políticos	2 (100%)	-	-	2 (0,6%)
Governo	2 (100%)	-	-	2 (0,6%)
Total	189 (58,7%)	108 (33,5%)	25 (7,8%)	322

Fonte: Elaborado pela autora

Essas mesmas vozes de representantes da reitoria são, em sua maioria, 96,9%, favoráveis à EBSERH, como mostra o Exemplo 93, onde a voz convocada é a do próprio reitor da UFPR:

Exemplo 93

O reitor diz que, diferentemente do antigo modelo de contrato, rejeitado pelo Conselho Universitário em 2012, o novo documento negociado prevê uma gestão compartilhada entre

EBSERH e UFPR, com a indicação do diretor-geral do hospital e também de seus gerentes de assistência, ensino e pesquisa e administração pela Reitoria da universidade. (UFPR#1)

No Exemplo 93, o jornalista convoca a voz do reitor, que faz uma comparação entre o primeiro documento de adesão à EBSERH, datado de 2012, com o novo documento a ser analisado e assinado, tentando argumentar que a direção do HU será compartilhada entre a empresa e a universidade, o que indica que a reitoria posiciona-se a favor da adesão.

Para rebater esses argumentos favoráveis à empresa, os jornalistas das notícias da região Sul também convocam diversas vozes que representam sindicatos, totalizando 22,7% do total de ocorrências da região Sul, ocupando a segunda posição de vozes que mais aparecem nas notícias dessa região. Essas vozes são, em sua maioria, 86,3%, contrárias à adesão, provocando um debate, quando intercaladas com as vozes representativas da reitoria, como podemos ver no Exemplo 94.

Exemplo 94

“Nosso hospital será uma subsidia [sic] para essa empresa. Não haverá mais autonomia na administração. Haverá metas a serem cumpridas por quem está trabalhando, isso pode e deve ser prejudicial ao ensino e a todos. O hospital deixará de ser escola para [sic] totalmente assistencialista. E no futuro, será um genocídio dos técnicos [sic] administrativos dentro da UFISM”, relatou Vanderlei Vasconcelos, da Assufsm. (UFISM#5)

Nessa ocorrência, o jornalista chama para o debate a voz de um representante sindical, Vanderlei Vasconcelos, da Associação de Servidores da Universidade Federal de Santa Maria (Assufsm). Ele menciona argumentos contrários à adesão, ao enumerar alguns dos males que a administração pela empresa poderá causar ao HU.

Aquelas vozes classificadas como “outros”, por não pertencerem a nenhuma das vozes nomeadas no Quadro 21, também foram bastante expressivas nas notícias do *corpus* da região Sul, representando 8,7% do total de vozes, como o Exemplo 95 mostra:

Exemplo 95

O Universitário é o maior hospital público da região, referência para 44 municípios e segundo os defensores da proposta, a adesão solucionaria a carência de melhor estrutura e recursos humanos. (UFISM#10)

Nessa ocorrência não fica claro a quem pertence a voz, mas fica explícito que ela é favorável à EBSEERH, assim como a maioria das vozes, 64,2%, chamadas de “outros”, nas notícias do *corpus* da região Sul.

Em relação às vozes da direção do HU, também bastante significativas nas notícias do *corpus* da região Sul, representando 8% do total de 322 vozes, podemos ver que a maior parte delas, 80,8% foram classificadas como favoráveis à EBSEERH, como mostra o Exemplo 96:

Exemplo 96

Para a diretora geral do HUSM, Elaine Resener, não resta dúvida de que transferir a administração à EBSEERH é o único remédio, no momento, capaz de impedir a redução dos atendimentos no hospital de ensino da UFSM. (UFSM#7)

A voz da EBSEERH também foi recorrente nas notícias do *corpus* da região Sul, formando 5,6% das ocorrências de vozes, com posicionamentos 100% favoráveis à própria implantação, como mostra o Exemplo 97:

Exemplo 97

Iglesias Gomes, representante da Ebserh, afirmou que como a ação não foi julgada, a Ebserh é constitucional e que a estatal está segura de que não há ilegalidade alguma em sua atuação. (UFPR#2)

Outras vozes, como as de alunos, servidores, manifestantes e órgãos legais, foram menos recorrentes, mas representam uma porcentagem significativa de posicionamentos contrários à EBSEERH, como mostra o Exemplo 98, onde a voz convocada é a de um aluno:

Exemplo 98

A estudante do 6º ano de medicina, Adriana Lemos, representando o DCE, afirmou que desde a criação [*sic*] da EBSEERH, em 31 de dezembro de 2010, o Governo vem cortando a verba dos hospitais, para viabilizar a aceitação da EBSEERH, uma entidade pública, mas de direito privado. (FURG#10)

Outras vozes que aparecem favoráveis à EBSEERH tais como, governo e políticos e aquelas divididas entre as três opiniões, como as de documentos legais foram as menos expressivas e as vozes de pacientes não aparecem nas notícias do *corpus* da região Sul. No geral, as vozes favoráveis se destacam, representando

58,7% do total de ocorrências, apesar de haver muitas vozes contrárias à EBSEH - 33,5%, em sua maioria de sindicatos. Essas ficaram em segundo lugar com 33,5%, além das vozes sem posicionamento explícito, que ocorrem em 7,8% das notícias do *corpus* da região Sul.

A partir dos resultados referentes às vozes e seus posicionamentos descritos na região Sul, podemos perceber que grande parte dos jornais traz opiniões a favor à implantação da EBSEH nos HUs, com vozes de segmentos da sociedade que representam, principalmente, a reitoria das IFES. Ao convocar justamente essas vozes o autor da notícia está dando voz e, conseqüentemente, alinhando-se mais aos que são favoráveis à EBSEH.

Passamos, a seguir, para análise dos processos e dos modos de projeção nas notícias do *corpus* da região Sul e para a categorização das ocorrências de engajamento-atribuição.

5.4.2 Análise de processos, de modos de projeção e de ocorrências de engajamento-atribuição

No *corpus* da região Sul, identificamos um total de 46 diferentes processos em 231 relações lógico-semânticas classificadas como citação, relato ou citação evocada. O Quadro 22 resume os principais processos empregados nas notícias do *corpus* dessa região:

Quadro 22 – Processos mais recorrentes no *corpus* da região Sul

Processo	Em relato	Em citação	Em citação evocada	Total
Afirmar	25	13	2	40
Dizer	21	8	-	29
Ressaltar	8	7	-	15
Explicar	6	7	-	13
Destacar	2	9	-	11
Alegar	10	1	-	11
Outros 40 processos	70	41	1	112
Total	142	86	3	231
Sem processo	-	10	-	10

Fonte: Elaborado pela autora.

O processo mais empregado pelos jornalistas da região Sul é o assertivo “afirmar” (CALDAS-COULTHARD, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) que aparece em 40 ocorrências, seguido do “dizer” em 29 ocorrências, conforme mostram os Exemplos 99 e 100, a seguir:

Exemplo 99

Mauro Del Pino afirmou que a participação da Ebserh será fundamental para a melhoria da saúde de Pelotas e região sul. (UFPEL#8)

Exemplo 100

Por fim, **a integrante da coordenação da Aptafurg disse que**, de alguma maneira, existe um olhar cuidadoso quanto aos trabalhadores da Faherg. (FURG#2)

Diferentemente das outras regiões, os processos “ressaltar”, “explicar”, “destacar” e “alegar” foram identificados em números significativos, embora com menor frequência em relação aos dois primeiros, como podemos ver nos Exemplos 101, 102, 103 e 104:

Exemplo 101

A reitora **ressaltou** que, de qualquer forma, não haverá demissão em massa. (FURG#8)

Exemplo 102

“Por que uma empresa? Porque na saúde é preciso ter eficiência e respostas rápidas, que muitas vezes acabam barradas na legislação. O objetivo desta empresa pública é qualificação da gestão e expansão dos hospitais para atendimento público”, **explica** a deputada. (UFPEL#4)

Exemplo 103

Na primeira quinzena de junho, o Diário Popular **destacou** que a reitoria da Furg tinha dois meses para decidir o futuro do HU. (FURG#13)

Exemplo 104

Nos debates, a reitora da Universidade, Cleuza Dias, **alegava** que a situação financeira do hospital era delicada e que não havia outra alternativa possível para manter o HU, além da adesão à EBSEH. (FURG#3)

Além disso, há aquelas ocorrências de citação sem a presença de processos, como é o caso do Exemplo 105:

Exemplo 105

“Não está escrito em nenhum documento que devemos informar com esse prazo de antecedência. A Justiça entendeu, de forma equivocada, que eu estava cerceando a entrada dos conselheiros”. (UFPR#2)

Nesse caso, do Exemplo 105, sabemos que a voz é do Reitor da UFPR, Zaki Akel Sobrinho, que foi apresentada em forma de relato, na oração anterior, mas nesse enunciado o jornalista optou por não utilizar outro processo.

De modo geral, há mais que o dobro de processos em relato do que em citação, conforme ilustrado no Quadro 23, onde destacamos as ocorrências desse tipo de projeção. Elas somam 44% do total de modos de projeção, seguidas das citações com 30%, das circunstâncias de ângulo com 24,5% e das citações evocadas com 1,5% do total.

Quadro 23 – Modos de projeção no *corpus* da região Sul

Região Sul (S)	Modos de projeção				Total
	Citação	Relato	Circunstância de ângulo	Citação evocada	
Total	96 (30%)	142 (44%)	79 (24,5%)	5 (1,5%)	322

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao empregar mais os processos neutros, os jornalistas da região Sul parecem se comprometer mais com o teor da informação apresentada, como podemos ver no Exemplo 106, de projeção por relato com o emprego do processo “declarar”:

Exemplo 106

O reitor da UFPR, Zaki Akel Sobrinho, **declarou que** tem plena convicção de que a votação será validada. (UFPR#3)

Nesse exemplo, o autor da notícia descreve o que o reitor da UFPR, Zaki Akel Sobrinho, disse, utilizando o processo “declarar” que, de certa forma, compromete a credibilidade da informação dada pelo jornal.

O mesmo ocorre quando esse tipo de processo é utilizado em citações. No entanto, essas proposições são apresentadas em forma de discurso direto, ou seja, entre aspas, como podemos ver no Exemplo 107:

Exemplo 107

“É de vital importância que haja um debate sério, amadurecido. Enquanto Gestão, apontamos inúmeras vezes a nossa intenção de promover esses debates e uma consulta pública, dada a relevância do tema que envolve o destino do HU” **salienta a reitora.** (UFSC#1)

Ao contrário, dos exemplos anteriores, o emprego do processo “afirmar”, no Exemplo 108, confere maior credibilidade ao teor da informação, pois trata-se de um processo mais assertivo e não compromete o jornalista em relação veracidade da informação apresentada:

Exemplo 108

Os sindicatos que não concordam com a adesão afirmam que há outras alternativas para melhorar o serviço do Husm. (UFSM#8)

O terceiro modo de projeção mais utilizado pelos autores das notícias na região Sul é a circunstância de ângulo, em 24,5% do total de ocorrências, conforme ilustrado no Exemplo 109, a seguir:

Exemplo 109

Já segundo o presidente da Sedufsm, Rondon de Castro, não há garantia que a empresa irá melhorar os serviços no Husm e nem se continuará atendendo por meio do Serviço Único de Saúde (SUS). (UFSM#4)

Esse tipo de construção é empregada quando o autor da notícia não quer se distanciar totalmente daquilo que está sendo reportado. Mesmo que a circunstância de ângulo confira a veracidade da informação a uma fonte externa, com nome e sobrenome, como no Exemplo 108, a construção foi formulada pelo jornalista, utilizando suas próprias palavras. Possivelmente, ele tenha utilizado praticamente as mesmas palavras de Rondon de Castro, mas só teríamos essa certeza se a proposição estivesse entre aspas, em forma de discurso direto.

Um pouco menos empregada, mas nem por isso menos importante, temos a citação evocada, que aparece timidamente nas ocorrências, com apenas 1,5%. Esse tipo de construção é fruto da mescla entre citação e relato, conforme demonstrado no Exemplo 110:

Exemplo 110

A presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Terceiro Grau Público de Curitiba (Sinditest-PR), Carla Cobalchini, que estava na reunião, **afirmou que** “essa foi uma vitória contra a EBSEH”. (UFPR#1)

Esse exemplo mostra que o autor da notícia optou por mesclar o relato ao empregar a projeção “afirmou que” e a citação, informação que está entre aspas. De qualquer forma, nesse exemplo, podemos dizer que o jornalista se distancia daquilo que é informado, uma vez que utiliza no relato o processo assertivo “afirmar”.

As ocorrências de atribuição, seja por meio de reconhecimento ou por distanciamento, estão estreitamente ligadas aos processos empregados pelos jornalistas das notícias nas relações lógico-semânticas, uma vez que, para identificarmos o tipo de atribuição, precisamos encontrar as “pistas” deixadas pela léxico-gramática. O Quadro 24 resume as subcategorias do engajamento-atribuição, nas notícias do *corpus* da região Sul.

Quadro 24 – Ocorrências de engajamento-atribuição no *corpus* da região Sul

Região Sul (S)	Subcategoria do engajamento-atribuição		
	Distanciamento	Reconhecimento	Total
	84 (26%)	238 (74%)	322

Fonte: Elaborado pela autora.

Ocorre o distanciamento quando o jornalista lança mão de processos assertivos, o que vamos encontrar em ocorrências como é o caso da citação evocada, no Exemplo 111, em que o processo utilizado pelo autor da notícia é o “garantir”, e do relato, no Exemplo 112, onde foi empregado o processo assertivo “afirmar”:

Exemplo 111

No caso do HE/UFPEL, **Julieta garante que** somente após a realização de concurso público e contratação dos novos servidores “ estes serão vinculados ao regime de Consolidação das Leis do Trabalho (CLT)”, os desligamentos começarão a ser realizados. (UFPEL#5)

Exemplo 112

Na ocasião, **o presidente da Ebserh, Newton Lima, afirmou que** a intenção é cada vez mais ampliar os serviços oferecidos pelo hospital. (FURG#1)

Já a atribuição por reconhecimento pode ser identificada naquelas ocorrências com processos menos assertivos, além de circunstâncias de ângulo, em que o autor se compromete, em partes, com aquilo que é informado, como nos Exemplos 113 e 114 os quais apresentam um relato e uma circunstância de ângulo, respectivamente:

Exemplo 113

Com microfone ligado, **disseram que** estavam ali para impedir que o patrimônio da UFSC fosse vendido. (UFSC#4)

Exemplo 114

Conforme o coordenador da Aptafurg, Celso Carvalho, a mobilização é nacional. (FURG#11)

O emprego de distanciamento nas ocorrências da região Sul representa 26% do total de ocorrências de engajamento-atribuição, já o reconhecimento se sobrepõe no *corpus* da região Sul, em 74% do total das ocorrências. Podemos entender, a partir desse resultado, que os jornalistas da região Sul se comprometem mais com aquilo que é reportado, pois não se distanciam tanto das proposições, uma vez que empregam relato com processos menos assertivos e também circunstâncias de ângulo com maior recorrência.

Ao mesmo tempo, esses autores convocam mais as vozes de representantes da reitoria e que são favoráveis à EBSERH, o que nos faz pensar que a maioria dos jornais está alinhado à opinião desse público.

Ao pesquisarmos o número de vezes em que a palavra “privatização” e seus derivados foram mencionados nas notícias do *corpus* da região Sul, percebemos, mais uma vez, que os representantes sindicais, alunos e outros segmentos contrários à empresa são os que mais temem a privatização, como mostra o Exemplo 115. Por outro lado, temos a própria EBSERH que, naturalmente, nega que o processo de privatização ocorrerá.

Exemplo 115

O estudante Gabriel Alvarez, um dos representantes do movimento, alegou que significa a **privatização** do hospital. (FURG#9)

Na próxima seção, apresentamos os resultados e a discussão dos exemplos da última parte do *corpus* a ser analisada, a da região Centro-Oeste.

5.5 REGIÃO CENTRO-OESTE

As notícias encontradas na região Centro-Oeste representam 7% do total de notícias do *corpus* e 5,3% do total de ocorrências de engajamento. Nessa região há cinco universidades federais, UnB, UFMS, UFMT, UFGD e UFG, das quais quatro apresentaram polêmica em relação à implantação da EBSEH, por meio dos jornais das cidades onde estão localizadas. Em jornais de Cuiabá (MT), onde está localizada a UFMT, não encontramos notícias sobre esse debate público.

Na próxima seção, 5.5.1, veremos quais são as vozes convocadas pelos jornalistas, com que frequência elas aparecem e quais são os posicionamentos assumidos por elas em relação à EBSEH, nas notícias do *corpus* da região Centro-Oeste.

5.5.1 Ocorrências de vozes e seus posicionamentos

As vozes trazidas para o debate nas notícias do *corpus* da região Centro-Oeste estão apresentadas no Quadro 25, com destaque para as vozes sindicais que aparecem em 56% das notícias dessa região.

Quadro 25 – Vozes e seus posicionamentos no *corpus* da região Centro-Oeste

Vozes	Posicionamento			Subtotal
	F	C	SPE	
Sindicatos	-	37 (97,4%)	1 (2,6%)	38 (56%)
Órgão Legal	4 (50%)	4 (50%)	-	8 (11,8%)
Direção do HU	7 (100%)	-	-	7 (10,3%)
Alunos	-	-	3 (100%)	3 (4,5%)
Políticos	3 (100%)	-	-	3 (4,5%)
Documento Legal	3 (100%)	-	-	3 (4,5%)
Reitoria	-	-	1 (100%)	1 (1,4%)
EBSEH	1 (100%)	-	-	1 (1,4%)
Servidores	-	1 (100%)	-	1 (1,4%)
Manifestantes	-	-	1 (100%)	1 (1,4%)
Governo	1 (100%)	-	-	1 (1,4%)
Outros	1 (100%)	-	-	1 (1,4%)
Total	20 (29,4%)	42 (61,8%)	6 (8,8%)	68

Fonte: Elaborado pela autora.

Uma rápida leitura dos números do Quadro 25 já nos permite identificar uma peculiaridade nas notícias dessa região, se comparadas às notícias das outras três regiões analisadas: nas treze notícias onde identificamos a presença do debate sobre a EBSEH e das sessenta e oito ocorrências de engajamento categorizadas, encontramos somente uma ocorrência de voz da reitoria. Por outro lado, as vozes de sindicatos, assim como ocorre nas outras três regiões, foram bem representativas, conforme mostra o Exemplo 116:

Exemplo 116

Nós entendemos que ao contratar a empresa o governo federal está privatizando os serviços, isso tira a principal característica dos hospitais universitários que é ser uma escola para os estudantes. Hoje privatizam os hospitais, amanhã será a universidade”, opina [sic] **coordenador do Sintfub, Mauro Mendes**. (UnB#5)

Nesse exemplo, a voz sindical é representada pelo coordenador do Sindicato dos Trabalhadores da Fundação da Universidade de Brasília (Sintfub), Mauro Mendes, que defende a não adesão à empresa, por entender que ela representa a privatização dos HUs. Para Mauro, a administração pela EBSEH poderá tirar a principal função do hospital, que é servir como escola aos alunos e, ainda, prevê que a privatização começará pelos HUs e depois atingirá as IFES.

A maior parte, para não dizermos a totalidade das manifestações de vozes representativas de sindicatos, são contrárias à EBSEH, como o Exemplo 116, totalizando 97,4% do total de 38 vozes sindicais.

O contrário acontece com as vozes da direção do HU que são 100% favoráveis à EBSEH, como mostra o Exemplo 117:

Exemplo 117

Por outro lado, **a Assessoria de Imprensa do HU, explica que** nenhum usuário será prejudicado já que os hospitais manterão as atividades de prestação de serviços de assistência à saúde integral no âmbito do SUS e de acordo com a Política Nacional de Saúde do Ministério da Saúde. (UFGD#2)

Outras vozes, como as representativas de órgãos legais, aparecem em 11,8%, sendo metade dessas vozes a favor da EBSEH e a outra metade contra, como mostram os Exemplo 118 e 119, respectivamente:

Exemplo 118

Ao defender a constitucionalidade da lei, **a Advocacia-Geral explica que** no caso, a EBSEERH foi instituída para regularizar os recursos humanos e as relações de trabalho nos hospitais. (UnB#3)

Exemplo 119

Segundo o MPFDF, a lei nº 12.550/2011, que criou a EBSEERH que embasa o termo de adesão e o contrato firmados com a UnB possui vícios graves e já é alvo de ações judiciais, inclusive uma ação direta de inconstitucionalidade (ADI nº 4895) proposta pelo procurador-geral da República ao Supremo Tribunal Federal (STF). (UnB#2)

As vozes da Advocacia Geral são apresentadas sempre com o mesmo posicionamento, ou seja, favoráveis à empresa, e o MPFDF (Ministério Público do Distrito Federal) sempre se apresenta como contrário à adesão, nas notícias da região Centro-Oeste.

Vozes menos recorrentes como as de políticos (4,5%), de documentos legais (4,5%), da EBSEERH (1,4%), do governo (1,4%) e de outros segmentos (1,4%) são apresentadas sempre como favoráveis à empresa, como mostra o Exemplo 120:

Exemplo 120

Ainda **de acordo com a Lei nº 12.550/2011**, todos os serviços de atenção à saúde prestados pelos hospitais universitários federais com contrato firmado com a EBSEERH permanecerão integralmente no âmbito do SUS. (UnB#3)

Nesse exemplo, o jornalista “dá voz” a um documento, ou seja, toma como base a Lei nº 12.550/2011 para informar aos leitores o que estará assegurado aos HUFs, caso venham a ser gerenciados pelo EBSEERH.

Demais vozes como a de servidores, contrárias à empresa, e as vozes de alunos, reitoria e manifestantes, sem posicionamento explícito, foram pouco expressivas nas notícias do *corpus* da região Centro-Oeste, mas destacamos, no Exemplo 121 a voz de aluno, que representou 4,5% do total de ocorrências:

Exemplo 121

Este processo, **segundo os alunos da universidade**, tem dificultado o funcionamento do hospital. (UnB#4)

“Este processo” mencionado pelo jornalista, com base no que foi relatado pelos alunos, seria a adesão à empresa, mas a preocupação dos estudantes é com

a continuidade na qualidade do atendimento no HU, não ficando explícito se são favoráveis ou não à EBSEERH.

Conforme análise geral do Quadro de vozes, podemos constatar que a maioria delas é contra a empresa, 61,8%, o que nos faz supor que nessa região houve uma maior mobilização dos setores afetados direta ou indiretamente pela EBSEERH, a fim de barrar sua entrada nos HUs das IFES.

A seguir, veremos os processos, os modos de projeção e as subcategorias do engajamento-atribuição predominantes nas notícias do *corpus* da região Centro-Oeste.

5.5.2 Análise de processos, de modos de projeção e de ocorrências de engajamento-atribuição

Identificamos 22 diferentes processos nas relações lógico-semânticas das notícias do *corpus* da região Centro-Oeste: nas 22 ocorrências de relato, nas 14 citações e em 3 citações evocadas, como podemos ver no Quadro 26:

Quadro 26 – Processos mais recorrentes no *corpus* da região Centro-Oeste

Processo	Em relato	Em citação	Em citação evocada	Total
Explicar	5	2	-	7
Dizer	3	2	-	5
Informar	3	1	1	5
Afirmar	3	1	-	4
Alegar	2	-	-	2
Outros 17 processos	7	7	2	17
Total	23	13	3	39
Sem processo	-	4	-	4

Fonte: Elaborado pela autora.

No total, foram 39 diferentes formas de emprego desses processos, sendo “explicar”, “dizer” e “informar” os mais recorrentes, conforme mostram os Exemplos 122, 123 e 124, respectivamente:

Exemplo 122

“Eles dimensionaram um total de 1.674 vagas para o hospital, sendo que temos hoje um quadro total de 2.159 vagas”, **explicou** à reportagem a coordenadora-geral do SINT-IFESgo. (UFG#3)

Exemplo 123

Coordenadora geral do Sindicato dos Trabalhadores Técnico-Administrativos das Instituições Federais de Ensino Superior do Estado de Goiás (SINT-IFESgo), Fátima dos Reis **diz** que o novo encontro servirá para que o Conselho Universitário da UFG analise o processo de votação [...] (UFG#4)

Exemplo 124

A assessoria do hospital **informou** que a UTI está fechada para adequações técnicas apontadas em vistoria da vigilância sanitária. (UnB#4)

Os processos mais assertivos “afirmar” e “alegar” também estão dentre os mais empregados, como mostram os Exemplos 125 e 126, respectivamente:

Exemplo 125

O coordenador **também afirma que** é importante a adesão dos professores da UnB a greve nacional. (UnB#5)

Exemplo 126

Os sindicatos alegam que a MP oficializa a terceirização e a privatização dos serviços oferecidos pelos hospitais universitários. (UnB#1)

Além disso, há quatro ocorrências de citações sem processos, como é o caso do Exemplo 127:

Exemplo 127

"Essa proposta não melhora em nada os hospitais universitários, muito pelo contrário, vai privatizar os hospitais, entregar pro [sic] mercado o filé mignon da saúde, porque 70% de toda pesquisa desse país e 90% de todo atendimentos de alta complexidade é feito nos HU's, ou seja, vamos entregar pro [sic] mercado o filé mignon, porque os principais pesquisadores [sic] estão no HU's". (UFGD#1)

Os processos mais recorrentes nas notícias do *corpus* da região Centro-Oeste, “dizer” e “informar”, têm a característica de não serem assertivos, pois possuem somente a função de relatar/reportar, diferentes dos processos “explicar”, “afirmar” e “alegar”, que também estão entre os mais empregados, mas que fazem com que a proposição fique mais distante do jornalista.

A partir da identificação dos processos, fomos capazes de contabilizar algumas das relações lógico-semânticas empregadas (citação, relato e citação evocada), além da circunstância de ângulo em que não há emprego de processo, conforme mostra o Quadro 27:

Quadro 27 – Modos de projeção no *corpus* da região Centro-Oeste

Região Centro-Oeste	Modos de projeção				Total
	Circunstância de ângulo	Relato	Citação	Citação evocada	
Total	24 (35,2%)	22 (32,3%)	18 (26,5%)	4 (6%)	68

Fonte: Elaborado pela autora.

Notamos uma aproximação numérica no emprego de circunstância de ângulo e de relato, pois a primeira representa 35,2% e a segunda 32,3% do total das 68 ocorrências, nessa região, como mostram os Exemplos 128 e 129, respectivamente:

Exemplo 128

De acordo com o coordenador geral do Sindicato dos Trabalhadores nas Instituições de Ensino Superior em Goiás (Sintfes-GO), João Pires Júnior, o projeto desvincula os hospitais das universidades, passando a gestão para uma empresa constituída sob forma de sociedade anônima (S.A.). (UFG#1)

Exemplo 129

O diretor-geral do HU, professor Wedson Desidério, explica que, caso a avaliação seja novamente positiva, a minuta volta para a Ebserh, onde será assinado o contrato para vinculação do HU à estatal. (UFGD#2)

Já o uso de citação parece mais tímido, mas nem tão reduzido em relação às outras duas relações lógico-semânticas, sendo utilizada em 26,5% e a citação evocada em 6% das notícias do *corpus* da região Centro-Oeste, como é o caso dos Exemplos 130 e 131:

Exemplo 130

“Também acompanhamos a pauta do Congresso Nacional quanto aos projetos que alteram a previdência e buscam cobrar os cursos de especialização nas instituições públicas”, **disse o sindicalista**. (UFMS#2)

Exemplo 131

A carta dos médicos informa que a demissão é irrevogável e se dá em função da “evidente divergência de postura ideológica e prática” entre a administração superior da Universidade de Brasília (UnB) e os diretores do hospital em relação à MP. (UnB#1)

O número significativo de relações lógico-semânticas com processos não assertivos e de circunstâncias de ângulo mostram o quanto os jornalistas das notícias na região Centro-Oeste se aproximam das informações apresentadas, trazendo para si a responsabilidade sobre aquilo que foi reportado pela voz externa, como vimos nos Exemplos 130 e 131.

Por outro lado, as ocorrências com processos mais assertivos acabam distanciando mais o jornalista daquilo que é reportado, conferindo à voz externa a responsabilidade sobre o que é informado no texto da notícia, como mostram os Exemplos 132 e 133, do *corpus* da região Centro-Oeste:

Exemplo 132

A assessoria de imprensa da UFG confirma o novo encontro marcado para a próxima semana e **garante que** a decisão do conselho será soberano nesse assunto. (UFG#4)

Exemplo 133

“É importante lutar contra os cortes que o governo tem feito na área da educação”, **afirma**. (UnB#5)

Ocorrências como os Exemplos 130 e 131 podem ser caracterizadas dentro do engajamento-atribuição na subcategoria do reconhecimento e aqueles semelhantes aos Exemplos 132 e 133 são classificados como distanciamento. O Quadro 28 mostra o resumo dessas ocorrências quanto ao tipo de engajamento-atribuição:

Quadro 28 – Ocorrências de engajamento-atribuição no *corpus* da região Centro-Oeste

Região Centro-Oeste (CO)	Subcategoria do engajamento-atribuição		
	Distanciamento	Reconhecimento	Total
	16(23,5%)	52 (76,5%)	68

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme podemos identificar por meio da leitura do Quadro 28, a subcategoria reconhecimento se sobressai em relação ao distanciamento, uma vez que a primeira aparece em 76,5% do *corpus* da região Centro-Oeste e a segunda em 23,5%. O que parece é que os jornalistas das notícias da região Centro-Oeste não estão preocupados em se distanciar das informações apresentadas por meio das vozes, em sua maioria sindicais. Isso mostra que, possivelmente, os princípios ideológicos dos jornais vão ao encontro daquilo que é informado e que aparece na maior parte das notícias: o posicionamento contrário à EBSEH.

Os resultados em relação aos processos empregados nas ocorrências de engajamento da região Centro-Oeste, corroboram o que acabamos de concluir em relação à aproximação dos jornalistas em relação às informações por eles apresentadas, fazendo com que a maioria das ocorrências de se configure como pertencendo à subcategoria de reconhecimento.

Como já vimos, as notícias do *corpus* da região Centro-Oeste trazem, a maior parte dos posicionamentos contrários à implantação da EBSEH. Percebemos, um certo alinhamento dos jornalistas em relação às vozes sindicais, as quais representam a maior parte da população que reivindica a continuidade do atendimento 100% SUS e da função dos HUs como HEs. Isso se confirma se pensarmos que as vozes de representantes da reitoria, praticamente, não foram convocadas pelos autores das notícias, já que, assim como ocorreu em outras regiões, essas vozes são favoráveis à empresa.

Em relação ao conceito de privatização, percebemos que houve alguns momentos que esse termo ou derivados dele foram mencionados e todas essas vezes foram por meio de vozes sindicais, como mostra o Exemplo 134:

Exemplo 134

Para as entidades, a medida é o mesmo que aceitar a **privatização** do hospital.
(UFMS#1)

Assim como ocorreu na região Sudeste, os jornalistas das notícias do *corpus* da região Centro-Oeste convocaram vozes populares que são, em sua maioria, contrárias à EBSEH, tais como de representantes sindicais. Já nas regiões Nordeste e, principalmente, na região Sul os autores das notícias trazem mais vozes favoráveis à empresa como, por exemplo, de representantes da reitoria e da direção do HU.

Neste capítulo apresentamos os resultados de nossa análise e a discussão de exemplos das notícias do *corpus* com base em categorias léxico-gramaticais (vozes, processos, modos de projeção e categorias do engajamento-atribuição), a fim de que pudéssemos sustentar nossa tese. Em relação às vozes mais convocadas, notamos que as de representantes sindicais estão dentre as que mais se destacam. As vozes de reitorias também foram bastante recorrentes nas regiões Sudeste, Nordeste e Sul, mas apagadas na região Centro-Oeste. Embora haja um número significativo de processos assertivos empregados nas ocorrências das quatro regiões, os processos menos assertivos se sobressaem, fazendo com que a subcategoria de reconhecimento seja mais recorrente em relação ao distanciamento.

No próximo capítulo, faremos nossas considerações finais sobre os resultados obtidos, além de apresentar as limitações de nosso estudo e sugestões para pesquisas futuras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS, LIMITAÇÕES DO ESTUDO E SUGESTÕES PARA PESQUISAS FUTURAS

As notícias analisadas nesta tese de doutoramento possuem as características básicas da estrutura do gênero notícia, conforme apontado por Lage (2006). Todas as notícias apresentam título, *lead* e apresentação das informações, conforme ordem de importância dos acontecimentos e não por ordem cronológica (LAGE, 2006). Ao retomarmos o esquema da máquina midiática (CHARAUDEAU, 2007), apresentado no Capítulo 1, identificamos que as notícias analisadas passam por um processo de recontextualização (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999). Ao serem deslocados do lugar das condições de produção para o lugar de construção do produto, os discursos dos locutores de origem chegam, em forma de notícia, ao lugar das condições de interpretação, ou seja, para os possíveis leitores. O leitor ideal ou putativo (MARTIN; WHITE, 2005) pode ser considerado como um indivíduo leigo, que não é chamado a opinar (MARCUSOZZO, 2011) sobre o debate acerca da EBSEH, mas pode ser considerado como parte do público consumidor desses textos e poderá ou não ser influenciado pelas informações apresentadas nas notícias (FAIRCLOUGH, 1995).

Neste trabalho, nosso objetivo geral é investigar, no estrato da semântica do discurso, em que medida as marcas linguísticas de engajamento convocadas pelos jornalistas concorrem para a atribuição de vozes em discursos sobre privatização nas notícias sobre o debate público acerca da nova gestão de HUFs pela EBSEH, entre os anos de 2011 e 2016. Os objetivos específicos desta tese de doutoramento foram:

- 1) Descrever o contexto de cultura e de situação das notícias analisadas sobre a polêmica da nova gestão dos HUFs pela EBSEH (HALLIDAY, HASAN, 1989);
- 2) Identificar a quem pertencem as vozes convocadas pelos jornalistas dessas notícias e quais são os posicionamentos dessas vozes em relação à polêmica da EBSEH;
- 3) Identificar as marcas linguísticas de engajamento-atribuição (nível semântico discursivo) representadas pelas projeções e pelas circunstâncias de ângulo e também pelos processos empregados

(CALDAS-COULTHARD, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) nessas ocorrências (nível léxico-gramatical) como recursos de heteroglossia;

- 4) Categorizar os recursos de engajamento-atribuição, no estrato da semântica do discurso, presentes nos enunciados, conforme o Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005);
- 5) Determinar a posição enunciativa assumida pelas vozes textuais em termos de alinhamento e desalinhamento dessas vozes com os leitores presumidos (MARTIN; WHITE, 2005).

Para que cumpríssemos esses objetivos realizamos a análise do texto e do contexto de 187 notícias sobre a polêmica da implantação da EBSERH em IFES brasileiras das regiões Sudeste, Nordeste, Sul e Centro-Oeste. Nossa análise contextual realizou a identificação das notícias, por região, descrevendo as vozes identificadas, as cidades e suas respectivas IFES, além dos HUs ligados academicamente a cada universidade. A análise textual buscou identificar as vozes e seus diferentes posicionamentos, os processos mais recorrentes, os modos de projeção (citação, relato, circunstância de ângulo e citação evocada) e as ocorrências de engajamento-atribuição (reconhecimento e distanciamento) presentes nas notícias analisadas.

A fim de realizarmos as considerações finais deste capítulo, convém que respondamos às perguntas de pesquisa feitas na introdução deste estudo:

- 1) Que vozes são invocadas, nas notícias sobre a implantação da EBSERH nos HUFs?

As vozes convocadas para o debate nas notícias são de representantes da reitoria das IFES, de sindicatos, da direção dos HUs, de servidores, de alunos, da própria EBSERH, de órgãos e documentos legais, do governo, de políticos, de manifestantes, de pacientes e de outros setores os quais não identificamos como pertencentes a nenhuma das categorias anteriores. As vozes que mais se destacam são as vozes de representantes da reitoria, em sua maioria favoráveis à implantação da EBSERH, e de representantes de sindicatos, a maioria contra a empresa.

Na região Sudeste as vozes mais chamadas para o debate são aquelas de representantes sindicais e as vozes contrárias a EBSERH, incluindo os sindicatos, são as mais recorrentes. Já na região Nordeste as vozes de representantes da reitoria são as mais convocadas com pouca diferença em relação ao número de

vozes sindicais chamadas para o debate nessa região. Assim como na região Sudeste, também na região Nordeste as vozes com posicionamento contrário se destacam um pouco mais em relação às outras. Por outro lado, na região Sul as vozes mais recorrentes foram aquelas favoráveis à gestão pela EBSERH, com destaque para as vozes da reitoria. Na região Centro-Oeste, a maior parte das vozes convocadas são contrárias à EBSERH, principalmente as vozes sindicais, assim como ocorreu na região Sudeste.

- 2) Que recursos léxico-gramaticais são utilizados pelos jornalistas para, heteroglossicamente, atribuírem vozes às fontes?

No geral, os jornalistas das notícias empregam uma variada gama de processos verbais e mentais, como “afirmar”, “dizer”, “informar”, “explicar”, “ressaltar”, “destacar” e “lembrar”, os quais nos ajudaram a identificar as relações lógico-semânticas e as categorias de engajamento-atribuição. A citação é a forma de projeção da voz do outro mais empregada pelos jornalistas, seguida do relato, da circunstância de ângulo e da citação evocada. Nas regiões Sudeste e Nordeste os autores dos textos utilizam mais a citação, na Região Sul predomina o relato e na região Centro-Oeste, a circunstância de ângulo.

Em relação ao tipo de engajamento-atribuição predominante em todo o *corpus*, podemos dizer que o reconhecimento é o que predomina em todas as regiões. Esses resultados nos levam a crer que os jornalistas, em geral, não procuram se distanciar daquilo que é reportado, trazendo para si a responsabilidade acerca da informação apresentada nas notícias.

- 3) Que discursos sobre privatização emergem das notícias sobre a polêmica da implantação da EBSERH nos HUFs, a partir da identificação das vozes e dos recursos de engajamento?

Podemos dizer que, no geral, os jornalistas das notícias das regiões Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste parecem estar mais alinhados a discursos contrários à implantação da EBSERH nos HUs, uma vez que a maior parte das vozes convocadas trazem opiniões contra a empresa. Já na região Sul, acontece o contrário, pois os jornalistas convocam mais as vozes de pessoas favoráveis à gestão pela empresa.

Sendo assim, podemos dizer que há alinhamentos diferentes dos jornalistas das notícias em cada região, dependendo de quais vozes são convocadas. Isso não

significa que os discursos sobre privatização sejam diferentes, pois as justificativas para a adesão ou para a não adesão à empresa são sempre parecidas em todas as regiões, de um modo geral: os contrários à EBSERH acreditam que a empresa levará à privatização dos HUs, que estes perderão o caráter de HE e o atendimento 100% SUS; os favoráveis afirmam que a gestão pela empresa fará com que o governo libere mais recursos aos HUs, haverá melhor gestão do dinheiro público e mais pessoal contratado por meio de novos concursos.

Portanto, em cada região há, de fato, um maior ou menor alinhamento dos jornalistas em relação a diferentes vozes, sejam elas populares, representadas por sindicatos, alunos, servidores, dentre outras vozes contrárias à EBSERH, ou de elites, como as de reitorias, direções de HU, governo, políticos, em sua maioria favoráveis à empresa. Destacamos o reduzido número de vozes de pacientes, aqueles que serão os diretamente afetados pela gerência pela empresa, pois representam pouco ou nada das vozes chamadas para o debate. Conforme destaca Scanell (1992), enquanto vozes de pessoas públicas são chamadas para expor suas opiniões, pessoas privadas são chamadas apenas para falarem sobre suas experiências, como é o caso das poucas ocorrências de vozes de pacientes, nas notícias analisadas neste estudo. Por outro lado, as vozes que se destacam são sempre aquelas de representantes da reitoria, como reitores, pró-reitores; das direções dos HUs, como as dos diretores; e dos sindicatos, como os presidentes das associações sindicais. Essas vozes conferem maior autoridade ao discurso jornalístico (TUCHMAN, 1978; FAIRCLOUGH, 1995), pois são aquelas que são mais capazes de opinar, por exemplo, sobre a gestão pela EBSERH, já que os pacientes, neste caso, são leigos e, possivelmente, não saberão justificar seus posicionamentos em relação a esse debate público (MARCUIZZO, 2011).

Os resultados mostram que há uma abertura ilusória do espaço dialógico ou uma contração mascarada de expansão (MARCUIZZO, 2011; SCHERER, 2013), pois os jornalistas das notícias convocam algumas vozes e praticamente excluem outras, como as de pacientes, não abrindo o espaço dialógico para posicionamentos alternativos.

A partir da identificação das marcas linguísticas de engajamento-atribuição, com base nas categorias léxico-gramaticais analisadas, concluímos que há o predomínio do recurso de reconhecimento. Os autores dos textos analisados

empregam menos os processos assertivos e dão preferência a processos neutros, além das circunstâncias de ângulo. Esse resultado demonstra a intenção dos jornalistas (ou dos jornais que eles representam) de parecerem imparciais em relação ao que é informado e em relação ao seu leitor putativo (LUSTOSA, 1996; MARTIN; WHITE, 2005). No entanto, ao convocarem mais vozes sindicais e demais vozes contrárias à EBSEH, os jornalistas das regiões Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste, parecem estar mais alinhados às classes populares, diretamente afetadas pela implantação da empresa, como os pacientes, por exemplo. Os jornalistas da região Sul, por convocarem mais as vozes de elite, como as de reitorias, a maioria favoráveis à empresa, parecem estar mais alinhados a leitores de classes mais intelectuais, não diretamente afetadas pela adesão à empresa.

Nossa hipótese de que a escolha das fontes e dos expoentes léxico-gramaticais pelos jornalistas contribui para expandir o discurso sobre privatização **diferentemente** em cada região do Brasil não se confirmou totalmente, pois embora haja diferentes opiniões convocadas a respeito da empresa, independentemente da região, essas opiniões são sempre dos mesmos setores da sociedade. No entanto, nossa tese se confirma, já que a escolha das fontes e dos expoentes léxico-gramaticais pelos jornalistas refletem **diferentes alinhamentos** desses autores em cada região analisada, a fim de solidarizar com o leitor presumido.

Ao realizarmos uma pesquisa no sítio eletrônico da EBSEH, no período de defesa desta tese, confirmamos que, conforme já ilustrado pela Figura 4, no capítulo 2, das 35 IFES e 50 HUs ligados a elas, apenas três ainda não assinaram contrato com a EBSEH: Unifesp, UFRJ e UFU, além da UFRGS que, como já mencionamos, é uma empresa pública e não poderá assinar contrato. Dos 50 HUs ligados a essas IFES, apenas 10 ainda não são administrados pela empresa. Grande parte dos contratos começaram a ser assinados no ano de 2013 e os últimos foram assinados em 2016.

Dentre as limitações deste estudo estão o tempo para a realização da pesquisa, uma vez que a autora desta tese optou por finalizar o trabalho em um período de tempo inferior ao limite estipulado pelo PPGL e não possui dedicação exclusiva para a realização da pesquisa. Além disso, houve a dificuldade de pesquisa no site Guia de Mídia, uma vez que, ao realizar novas buscas, alguns textos não estavam mais disponíveis *on-line* e tivemos que descartá-los. Também,

alguns sites de jornais tinham limite no número de visualizações de notícias, o que limitou bastante a coleta dos textos.

Pesquisas futuras poderão aprofundar este estudo, analisando notícias atuais sobre as consequências da nova gestão pela EBSERH nos HUs, o que ela acarretou, se melhorou ou piorou a qualidade dos serviços nas instituições, se manteve o atendimento 100% SUS, a característica de HE e, mais futuramente, se houve ou há chances de privatização desses HUs. Novos estudos poderiam investigar outras marcas léxico-gramaticais, como, por exemplo, das categorias da Gradação ou da Atitude, utilizando o aporte teórico o Sistema de Avaliatividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, A. A. **A modernização da imprensa (1970-2000)**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ANSOFF, H. I. A. **Administração Estratégica**. São Paulo: Atlas, 1990.

AZEVEDO, A. M. T. A estrutura da informação no discurso e alguns aspectos da interlíngua de aprendizes de língua inglesa como L2. **Linguagem & Ensino**. v. 4. n. 2, p. 1-24, 2001.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1952-1953/2010.

BALOCCO, A. E. O sistema de engajamento aplicado a espaços opinativos na mídia. In: VIAN, JR. O; SOUZA, A. A.; ALMEIDA, F. S. D. P. (Orgs.). **A linguagem da avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 41-55.

BRASIL. **Art. 3º da Lei nº 13.303, de 30 de junho de 2016**. Dispõe sobre o estatuto jurídico da empresa pública, da sociedade de economia mista e de suas subsidiárias, no âmbito da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, 2016a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13303.htm. Acesso em: 11 de setembro de 2016.

BRASIL, Ministério da Educação. **EBSERH: hospitais universitários federais**, 2016b. Disponível em: <http://www.EBSERH.gov.br/web/portal-EBSERH>. Acesso em: 27 de outubro de 2016.

BRESSER PEREIRA, L. C. A Reforma do Estado nos anos 90: lógica e mecanismos de controle. **Lua Nova**, n. 45, p. 45-95, 1998.

CABRAL, S. R. S. **Mídia, política e gramática sistêmico-funcional - Fase II**. Projeto de Pesquisa 034712. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2010.

_____. **Núcleo de estudos em língua portuguesa - Fase II**. Projeto de Pesquisa. Projeto 044631. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2016.

CABRAL, S. R. S.; BARBARA, L. Processos verbais no discurso jornalístico: frequência e organização da mensagem. **DELTA[online]**. v. 28, n. spe, p. 581-603, 2012.

CABRAL, S. R. S.; BARROS, N. C. A. Linguagem e avaliação: uma análise de texto opinativo. In: International Systemic Functional Congress, 33., jul. 2006, São Paulo, SP. **Anais...** São Paulo, SP: LAEL-PUC-SP, 2006, p. 722-734.

CALDAS-COULTHARD, C. R. On reporting reporting: the representation of speech in factual and factional narratives. In: COULTHARD, M. (Ed.). **Advances in written text analysis**. London: Routledge, 1994. p. 295-320.

CALSAMIGLIA, H.; FERRERO, C. L. Role and position of scientific voices: reported speech in the media. **Discourse Studies**, London, v. 5, n. 2, p. 147-173, may. 2003.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. Tradução de Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity: Rethinking critical discourse analysis**. Edinburgh, Edinburgh University Press, 1999.

DI PIETRO, M. S. Z. **Parcerias na administração pública: concessão, permissão, franquia, terceirização, parceria público-privada e outras formas**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

DROGA, L.; HUMPHREY, S. **Grammar and meaning: an introduction for primary teachers**. Austrália: Target Texts, 2003.

EDWARDS, R. D. **The pursuit of reason: The Economist 1843-1993**. Boston, MA: Harvard Business School Press, 1993.

FAIRCLOUGH, N. **Discourse and social change**. Cambridge: Polity Press, 1992.

_____. **Media discourse**. London: Longman, 1995.

FERRAZ, J. C. B. **Privatização - teoria e prática: um instrumento do ajuste fiscal e suas limitações para atingir o aumento do bem-estar social**. 1999.162 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 1999.

FIORIN, J. L. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos chave**. São Paulo: Contexto, p. 161-193, 2009.

FUZER, C.; CABRAL, S. S. (Org.). **Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em língua portuguesa**. Caderno Didático. Santa Maria: UFSM, 2010.

_____. **Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em língua portuguesa**. 1 ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

FRIES, P. H. On the status of theme in English: arguments from discourse. **Forum Linguisticum**, n. 6, p. 1-38 1981.

G1 GLOBO. **Saiba como ajudar os atingidos por rompimento de barragens em Mariana**. Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2015/11/saiba-como-ajudar-os-atingidos-por-rompimento-de-barragens-em-mariana.html>. Acesso em: 15 de outubro de 2016.

GIBBS, G. R. **Análise de dados qualitativos**. Trad. Roberto Cataldo Costa. São Paulo: Artmed, 2009.

GIDDENS, A. **Central problems in sociological theory**. Berkeley: University of California Press, 1979.

_____. GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GEE, J. P. **An introduction to discourse analysis: theory and method**. London: Routledge, 2007.

GUIA DE MÍDIA. **Jornais do Brasil**, 2016. Disponível em: <http://www.guiademidia.com.br/jornais.htm>. Acesso em: 08 de novembro de 2016.

HABERMAS, J. **The structural transformation of the public sphere**, trans. Burger, T., Massachusetts: Polity Press, 1989.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. 2nd. ed. London: Routledge, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, M. A. K.; MARTIN, J. R. **Writing science**. London: Falmer Press, 1993.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Construing experience through meaning: a language based approach to cognition**. London and New York: Continuum, 1999.

_____. **An introduction to functional grammar**. 3. ed. London: Hodder Education, 2004.

_____. **An introduction to functional grammar**. 4. ed. London: Routledge, 2014.

JOHNSON, B. B.; SAES, F. A. M.; TEIXEIRA, H. J.; WRIGHT, J. T. C. **Serviços públicos no Brasil: mudanças e perspectivas**. São Paulo: Edgard Blucher Ltda, 1996.

JUSBRASIL. **Empresa privada**, 2016. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/topicos/293636/empresa-privada>. Acesso em: 18 de setembro de 2016.

KURTZ, M. S. S. C. **A toga pela mídia: representações da credibilidade do judiciário em notícias online**. 2011. 167 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

LAGE, N. **A estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 2006.

LEECH, G. N. **English in advertisement**. London: Longman, 1966.

LOVATO, C. S. **Análise de gênero: investigação da organização retórica de notícias de popularização da ciência na revista Ciência Hoje online**. 2010. 102f. Dissertação

(Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Santa Maria, 2010.

LUSTOSA, E. **O texto da notícia**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2008.

MAMEDE, G. **Direito empresarial brasileiro: falência e recuperação de empresas**, 8. ed. rev. e atual., v. 4, São Paulo: Atlas, 2016.

MARCUZZO, P. **Ciência em debate?** Análise do gênero notícia de popularização da ciência. 2011. 176 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

MARTIN, J. R. **English text: system and structure**. Philadelphia/Amsterdam: John Benjamins, 1992.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. **The language of evaluation: appraisal in English**. London: Palgrave Macmillan, 2005.

MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, C. M. I. M.; PAINTER, C. **Working with functional grammar**. Londres: Arnold, 1997.

MARTIN, J. R.; ROSE, D. **Working with discourse: meaning beyond the clause**, London: Continuum, 2007.

MEIRELLES, H. L. **Direito municipal brasileiro**. 10. ed. atual por Izabel Camargo Lopes Monteiro e Célia Marisa Prendes. São Paulo: Malheiros, 1998.

_____. **Direito administrativo brasileiro**. 37. ed. São Paulo: Malheiros, 2010.

MELLO, C. A. B. de. Sociedades mistas, empresas públicas e o regime de direito público. **Revista Diálogo Jurídico**, Salvador: Centro de Atualização Jurídica (CAJ), n. 13, abr./maio, 2002.

MEURER, J. L. Integrando estudos de gêneros textuais ao contexto de cultura. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 2. ed. rev. Aument, Rio de Janeiro: Lucerna, 2006, p. 165-185.

MILLER, C. Genre as social action. **Quarterly Journal of Speech**, v. 70, p. 151-167, 1984.

MOTTA-ROTH, D. Questões de metodologia em análise de gênero. In: KARWOSKI, A.M.; GAYDECZKA, B; BRITO, K. S. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 2. ed. rev. Aument. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 145-163.

MOTTA-ROTH, D.; HEBERLE, V. M. O conceito de "estrutura potencial do gênero" de Ruqayia Hasan. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 12-28.

MOTTA-ROTH, D.; LOVATO, C. S. Organização retórica do gênero notícia de popularização da ciência. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 9, n. 2, p. 233-271, maio/ago. 2009.

_____. O poder hegemônico da ciência no discurso de popularização científica. **Calidoscópico**, Unisinos, v. 9, n. 3, p. 251-268, 2011.

MOTTA-ROTH, D.; MARCUZZO, P. Ciência na mídia: análise crítica de gênero de notícia de popularização científica. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 10, n. 3, p. 511-538, 2010.

MOTTA-ROTH, D.; ROSSI, A. E. Contribuições da análise crítica do gênero notícia de popularização científica para o ensino de língua inglesa. **Revista Caderno de Letras**, Pelotas, v. 1, n. 18, p. 78-104, 2012.

MUNDO EDUCAÇÃO. **Acidente em Mariana (MG) e seus impactos ambientais**. Disponível em: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/biologia/acidente-mariana-mg-seus-impactos-ambientais.htm>. Acesso em: 15 de outubro de 2016.

NASCIMENTO, F. S. **“GM crops may be harmful to the environment”**: modalização nas notícias de popularização da ciência. 2011. 114 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

NININ, M. O. G.; BARBARA, L. Engajamento na perspectiva lingüística sistêmico-funcional em trabalhos de conclusão de curso de Letras. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, v. 1, n. 52, p. 127-146, jan/jul. 2013.

OPINIÃO ESTADÃO. **O avanço da privatização**. Disponível em: <http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,o-avanco-da-privatizacao,70001965330>. Acesso em: 03 de novembro de 2017.

RAVAGNANI, C. L. L. **A frente nacional contra a privatização da saúde**: direito garantido, não se compra, não se vende. 2013. 247 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2013.

ROSSI, A. F. E. **Recontextualização do discurso da ciência da linguagem em livros didáticos de língua inglesa**: uma proposta de letramento científico. 2012. 137 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

SANTOS, P. A. C. dos. **A tradução do discurso relatado envolvendo o par lingüístico francês-português na versão online dos jornais Le monde diplomatique e Le monde diplomatique Brasil**. 2011. 85 f. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SCANNELL, P. Public service broadcasting and modern public life, In: SCANNELL, P. et al. (Eds.). **Culture and power**, Sage Publications, 1992.

SCHERER, A. S. **Engajamento e efeito de monologismo no gênero notícia de popularização científica**. 2013. 167 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.

SILVA, E. A. Verbal and mental processes in science popularization news. **Revista ao Pé da Letra**, v. 12, n. 2, p. 69-90, 2010.

SILVEIRA BUENO, F. **Silveira Bueno**: minidicionário da língua portuguesa. Ed. Rev. e Atual. São Paulo: FTD, 2000.

SOARES FILHO, J. Serviço público: conceito, privatização. **Revista Jus et Fides**, Ano 2, n. 1, jul./2002.

SODRÉ, F.; LITTIKE, D.; DRAGO, L. M. B.; PERIM, M. C. M. Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares: um novo modelo de gestão? **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 114, p. 365-380, abr./jun. 2013.

SOUZA, L. M. F. A. de. A interação de recursos de comprometimento em um texto opinativo. In: VIAN, JR. O; SOUZA, A. A.; ALMEIDA, F. S. D. P. (Orgs.). **A linguagem da avaliação em língua portuguesa**: estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 57-78.

TAIT, T. F. C.; PACHECO, R. C. S. **Fundamentos para a Modelagem de uma Arquitetura de Sistemas de Informação para o Setor Público**. XIX Encontro Nacional de Engenharia de Produção (ENEGEP), Rio de Janeiro, 1999.

TUCHMAN, G. **Making News**: a study in the construction of reality, New York: Free Press, 1978.

VAN DIJK, T. **Racism and the press**. London: Routledge, 1991.

VENTURA, C. S. M.; LIMA-LOPES, R. E. de. O Tema: caracterização e realização em português. **Direct Papers**. São Paulo, SP/Liverpool, UK, n. 47. p. 1-16, 2002.

VERGARA, D. R. Verbal processes in English and Spanish: a functional perspective to research articles on discourse analysis. **Letras**, Santa Maria, v. 25, n. 5, p. 143-162, jan./jun. 2015.

VIAN Jr., O. O sistema de avaliatividade e os recursos para gradação em Língua Portuguesa: questões terminológicas e de instanciação. **DELTA**, São Paulo, v. 25 n. 1, 2009.

_____. O. Engajamento: monoglossia e heteroglossia. In: VIAN, JR. O; SOUZA, A. A., de; ALMEIDA, F. S. D. P. (Orgs.). **A linguagem da avaliação em língua portuguesa**: estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 33-40.

VIAN, JR. O.; SOUZA, A. A., de; ALMEIDA, F. S. D. P. (Orgs.). **A linguagem da avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

VOLOCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 1929/1995.

WIKIPEDIA. **Malinowski**. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Bronis%C5%82aw_Malinowski. Acesso em 05 de novembro de 2016.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos** / Robert K. Yin; trad. Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.